VOTE NOS MELHORES DE 86

Nº 18
Janeiro 1987
Cr$ 20,00

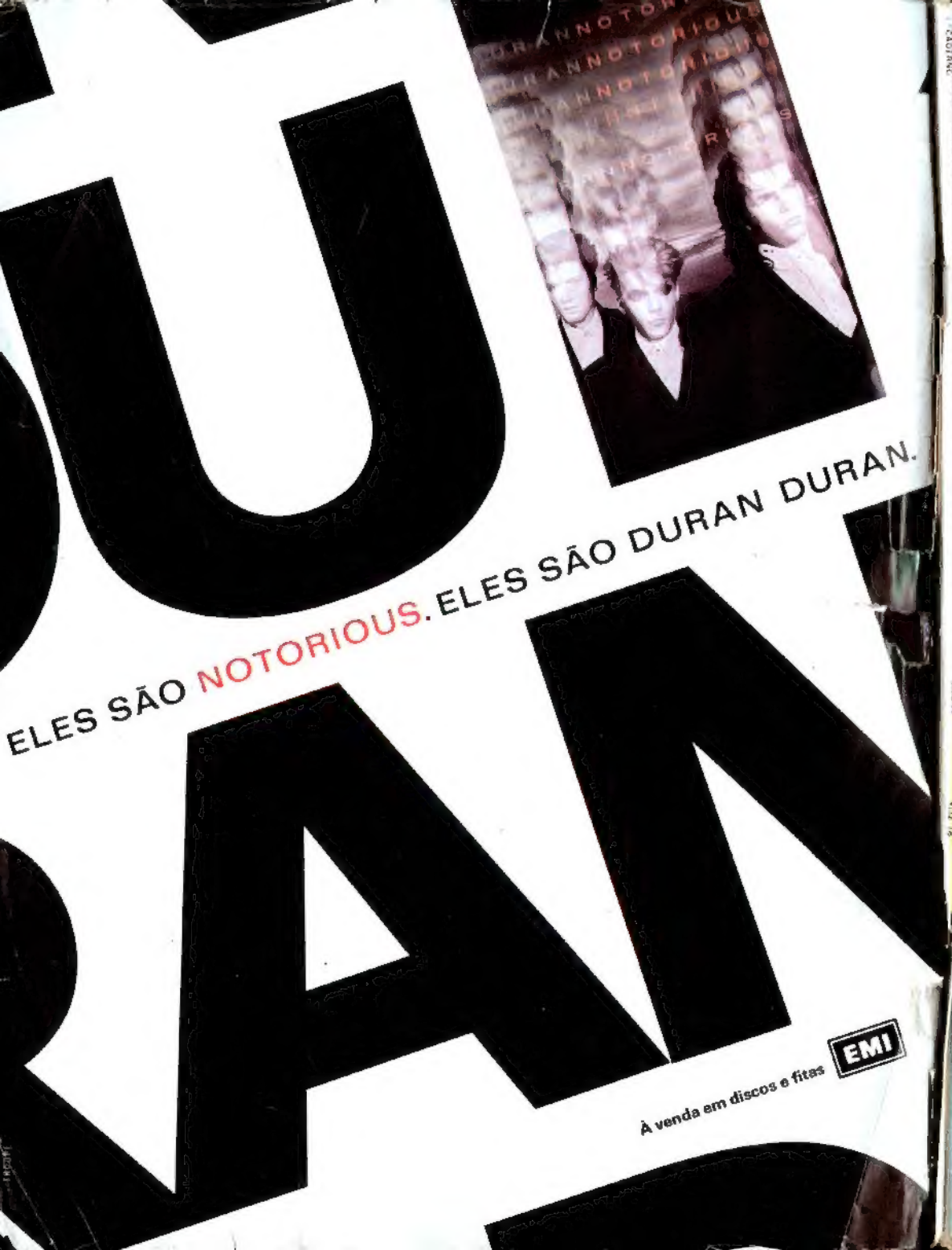
BIZZ

POSTER DUPLO
CYNDI LAUPER
CAPITAL INICIAL

EXCLUSIVAS
MARINA
SIOUXSIE
SPIELBERG
NEW ORDER
DURAN DURAN
MADONNA

UMA TARDE COM
STING

+ IGGY POP • FINIS AFRICAE • STANLEY CLARKE
KID VINIL & HERÓIS DO BRASIL • LULU SANTOS



BIZZ

Foto: Robert Roberts/LFI

A besta-fera do rock, o iguana, o pai do punk: Mr. Iggy Pop, em matéria e na Discoteca Básica

Pouco mais de um ano atrás a popularidade de **Sting** no Brasil já era suficiente para justificar uma capa em BIZZ — como acabou ocorrendo em nossa edição n.º 5. Agora, porém, o alcance, a influência e a importância de Sting foram multiplicados por 10, e a ocasião — a primeira capa de 1987 — pedia uma visita nossa ao homem *em pessoa*. Mandamos **Marco Antonio de Menezes** a Los Angeles para conversar com Sting na semana em que a parada americana era invadida por "Don't Stand So Close To Me '86", a primeira gravação do **Police** em mais de três anos. Isso é que é começar o ano com pé direito!

E, se depender de exclusivas, 87 será um ano pródigo. Só para começar janeiro: **Steven Spielberg**, falando de sua infância e de seus primeiros filmes; **Madonna**, fazendo confidências ao ator **Harry Dean Stanton**; **Barney Sumner**, guitarrista do **New Order**, se abrindo para **Eva Joory**; e, por fim, a hipnotizante **Siouxsie e seus Banshees** papeando com **Thomas Pappon** no meio de sua turnê brasileira.

Tem mais. Thomas também capturou **Jards Macalé** no momento em que ele opera um *comeback*. **Sônia Maia** e **Marina** trocaram pontos de vista pouco antes de **Kid Vinil** apresentar ao mundo (e a nossa Sônia) seus **Heróis do Brasil**. **Tom Leão** enviou despachos sobre o **Kongo** e **Finis Africae**.

E, por fim, dois sobreviventes dos anos 60 encontram na década de 80 uma espécie de nirvana comercial cercado de imitações baratas por todos os lados: **Iggy Pop** e **Steve Winwood**. No mais, a festa é do leitor: neste número, BIZZ publica o cupom para o *seu* voto nos **Melhores de 86**. Bom voto, e feliz 87!

José Emilio Rondeau

ESTE MÊS

24 STING
Um papo exclusivo com o ex-Police > *Marco Antonio de Menezes*

30 STEVE WINWOOD
O veterano está de volta > *José Emilio Rondeau*

32 NEW ORDER
Os dançantes herdeiros do Joy Division > *Eva Joory*

36 MARINA
A gata da MPB em roupagem roqueira > *Sônia Maia*

40 SIOUXSIE & THE BANSHEES
Um *tête-a-tête* com a feiticeira > *Thomas Pappon*

44 MACALÉ
O maldito conta o que fez nestes anos todos

46 DURAN DURAN
O reencontro das belezinhas > *Cecile Tesseyre*

60 IGGY POP
Um perfil do monstro sagrado > *Jose Augusto Lemos*

62 CÓLERA
A ferocidade e o pacifismo da primeira leva dos punks

64 KONGO
Ska carioca para dançar a valer > *Tom Leão*

66 FINIS AFRICAE
Mais uma banda de Brasília no pedaço

68 KID VINIL E OS HERÓIS DO BRASIL
A nova travessura do ex-"Eu Sou Boy"

TODO MÊS

6 SHOW BIZZ
Notas, notícias e boatos

10 PARADAS
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do Leitor

16 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno

22 VÍDEO BIZZ
Uma garimpada no acervo das locadoras

51 ENTREVISTA
Madonna, a *material girl*, abre o seu coração

70 CINEMA
Entrevista com *Steven Spielberg* e *A Encruzilhada, Ginger e Fred, Howard, o Pato* e *O Selvagem da Motocicleta*

82 AO VIVO
Lulu Santos, Siouxsie & The Banshees, Steve Winwood, New Order, Woodentops e *Trouble Funk*

85 CLIP
"Don't Stand So Close To Me '86", com o *Police*

90 PORÃO
My Bloody Valentine, Mission, Crime e *Distúrbio Social*

94 LETRAS
"Wild, Wild Life", *Talking Heads*

98 MEU INSTRUMENTO
Stanley Clarke e *Larry Graham*

98 CARTAS E SERVIÇOS

100 DISCOTECA BÁSICA
As obras-primas. Nesta edição, *The Idiot*, de Iggy Pop

106 CLAUDETTE POODLE E SUA POLAROID
As cartas

Foto da capa: Mountain/LFI

Fotos do pôster: Michael Putland/Retna, Ltda.

T-SHIRT
STAY

JAZZ EM BERLIM

Foto EMI Records, Ltd.

Eis o líder da Charlie Watts Orchestra

Estréias, velhos roqueiros e muita música caribenha marcaram a última edição do Festival de Jazz de Berlim. Na abertura, os alemães puderam ver pela primeira vez o filme *Round Midnight*, de **Bertrand Tavernier**, estrelado pelo saxofonista **Dexter Gordon** e com trilha composta por **Herbie Hancock**. Hancock foi um dos destaques do festival, quando se apresentou acompanhado pelo baterista **Tony Williams**, pelo saxofonista **Branford Marsalis** (da banda de **Sting**) e pelo baixista **Buster Williams**. Outro destaque foi a big-band de 26 músicos, liderada pelo baterista dos **Rolling Stones** — a **Charlie Watts Orchestra**, que acaba de lançar o LP *Live at Fulham Town Hall*.

A novidade ficou por conta da forte presença de músicos caribenhos, que totalizaram mais de um terço dos músicos convidados para o festival. Entre os grupos caribenhos, os destaques foram a **Monty Alexander Jamaican Band**, o **Irakere** e o **Michel Camilo Sextet**.

BERKLEE AQUI

Se você sempre sonhou em estudar no mesmo lugar onde Quincy Jones, Al Di Meola e Paul Simon aprenderam seu ofício, pintou uma chance. E não precisa desembolsar uma nota preta e se despencar para Boston, onde é sediada a Berklee College of Music. De 11 a 16 de janeiro, no Centro de Convenções do Hotel Nacional do Rio de Janeiro, quatorze professores de Berklee estarão dando aulas teóricas e práticas de sopro, guitarra, baixo, piano, percussão, arranjo e composição. São apenas dez vagas para cada área e no final do curso serão distribuídas dez bolsas de estudo aos melhores alunos. Quem quiser se inscrever deve telefonar para (021) 287-0392 ou (021) 287-0342, ou ir à rua Visconde de Pirajá, 146, sobreloja, à tarde.

CONEXÃO URBANA II

Fotos Didier Garcia

de cima para baixo: Divergência, Sexo e Último N.°

Bandas de vários Estados do Brasil estiveram em São Paulo, no mês de novembro passado. O motivo de tal avalanche foi o evento Conexão Urbana II, realizado pelo famoso porão paulista Madame Satã.

Para um público bastante reduzido — e pouco interessado — lá se apresentaram: de Porto Alegre, Julio Reny e a Banda Expresso Oriente (Porão BIZZ 16), um dos melhores pops que rolam por aí. Além deles, os irreverentes Cascavaletes. De Minas, a família Sexo Explícito (Porão BIZZ 6), Divergência Socialista e Último Número — as três bandas mais expressivas de Belo Horizonte. E, de Curitiba, os debochados Ídolos de Matinée e o vigoroso Beijo à Força. Fora o filão nacional, também esteve por lá a dupla Palace at Four A.M., de Toronto (Canadá), arrancando balanços e entusiasmados aplausos da platéia *yuppie* que costuma babar com qualquer coisa vinda de fora. Nada tanto assim — a dupla. Mas foi uma apresentação relâmpago e de última hora. Para babar mesmo, quem sabe em outra oportunidade.

Condições precárias, falta total de apoio (principalmente na divulgação) e nem um cruzadinho para a moçada foi o que o Satã ofereceu às bandas... Que toparam vir assim mesmo. Afinal, contavam com o *famoso* público desse *famoso* porão. Mas nem este o Madame Satã convence mais.

A VOLTA DOS MORTOS VIVOS

Quase sessenta anos após aterrorizar a moçada no papel de Drácula, **Bela Lugosi** retorna ao papel de morto vivo para amedrontar a juventude britânica. "Bela Lugosi's Dead", primeiro single do **Bauhaus**, voltou à parada independente. E, pela primeira vez desde o final do grupo, o cantor **Pete Murphy** excursionou pelos palcos da velha Inglaterra e ainda por cima na mesma época em que os membros restantes do **Bauhaus** lançavam o segundo LP do **Love & Rockets**, *Express*. E, segundo informes fresquíssimos, parece mesmo que o **Bauhaus** vai ressurgir das cinzas, pois seus antigos integrantes estão precisando de dinheiro. Será que vai dark certo?

Aproveitando o assunto, vamos retificar um pequeno erro na matéria sobre o **Bauhaus** publicada na BIZZ 16: o ano do lançamento do álbum *Burning From the Inside* é 1983, e não 1984, como foi publicado.

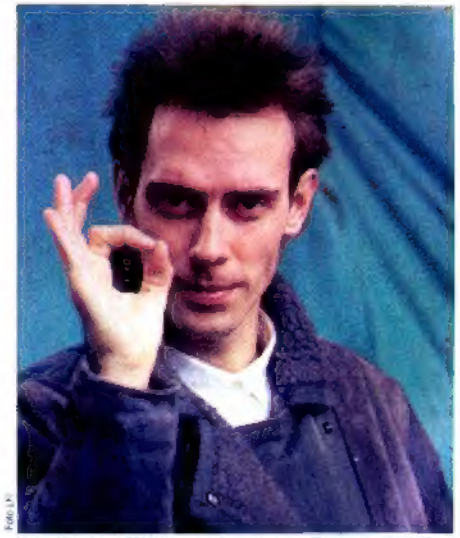


Foto LFI

Peter Murphy: "OK darks, vocês venceram. Estamos de volta"

JORGE BEN NA *SPIN*

Foto Renato dos Anjos, Abril

Jorge Ben na SPIN: "Dêem-me uma mulher!"

A Jorge Ben Chronology é o nome da matéria de meia página publicada na edição de novembro da *SPIN*, aquela revista americana que já desbancou a *Rolling Stone*, pelo menos na qualidade de seus artigos.

A matéria faz um retrospecto da carreira de **Ben**, fala de seus maiores sucessos e o localiza dentro da MPB, citando **Gil** e **Milton Nascimento**. No final do artigo, Jorge Ben, entrevistado em Nova York onde andou fazendo alguns shows, declara sua intenção de gravar com instrumentistas americanos como **Miles Davis, Herbie Hancock** e **B.B. King**. Perguntado sobre quem ele gostaria de convidar para cantar num disco seu, Ben sucumbiu à indole carioca: "**Tina Turner! Madonna!** Dêem-me uma mulher!"

ROCK PELA ANISTIA

Foto Universal, Ltd.

Elton John: abrindo mão de "royalties"

Rock For Amnesty é o título do mais novo disco beneficente na praça. O LP comemora os 25 anos de atividades da Anistia Internacional, a organização mundial engajada na luta pela defesa dos direitos humanos. São dez músicas interpretadas por gente como Elton John, Sting, Simple Minds, Paul McCartney e Tears for Fears. Todos eles abriram mão dos seus direitos em benefício da entidade.

Foto Fraser Spa Press

Geldof e Yates: matrimônio badaladíssimo

O CASAMENTO DE GELDOF

Bob "Live Aid" Geldof continua aparecendo nos jornais. Recentemente ele lançou seu primeiro LP solo, *Deep in the Heart of Nowhere*, e aproveitou a euforia para concretizar o seu casamento com sua namorada de longa data: a belíssima apresentadora de TV **Paula Yates** (que — dizem os fofoqueiros — arrancou pisadelas de **Sean Penn** e provocou os ciúmes de **Madonna** quando foi fazer um documentário para a BBC sobre as filmagens de *Shangai Surprise*).

A festa de casamento reuniu uma série de convidados ilustres. À certa altura da *party*, em um palco improvisado, George Michael, Simon le Bon, Chrissie Hynde e Geldof cantaram "Twist and Shout", enquanto o champagne esquentava os ânimos.

Claudette Poodle foi convidada, mas não quis ir.

A VOLTA DOS MORTOS VIVOS II

Mais uma ressurreição no showbiz. Os nossos queridos australianos **Bee Gees** estão de volta, depois de ficarem três anos sem gravar (o último disco deles foi a trilha de *Os Embalos de Sábado à Noite Continuam*). Agora eles assinaram com a WEA e estão no estúdio gravando um LP com produção de **Arif Mardin**.

Mais duas voltas foram anunciadas recentemente. A volta do grupo progressivo americano **Kansas**, com um novo integrante valioso, o guitarrista **Steve Morse** (ex-**Dregs**, também conhecido como **Dixie Dregs**), considerado por muitas publicações musicais o melhor guitarrista do mundo. E, finalmente, a volta de **Paul Kantner, Jack Casady** e **Marty Balin**, todos veteranos ex-integrantes do **Jefferson Airplane**, num grupo novo chamado **KBC Band**.

POESIA & FOFOCAS

Uma série de textos inéditos de Jim Morrison foram encontrados e estão deixando em polvorosa vários editores americanos. Aparentemente, o material descoberto reúne anotações, um roteiro cinematográfico incompleto e mais de duzentas páginas de poemas escritos por Morrison, em Paris, pouco antes de sua morte em 1971.

Enquanto estas preciosidades não são lançadas, podemos nos conformar com as tais biografias não autorizadas que, como o próprio termo já define, contam coisas que nem sempre são do agrado dos biografados. É o caso de *His Way, the Unauthorized Biography of Frank Sinatra*, de Kitty Keley, que revela uma série de fofocas cabeludas sobre a vida de Frank "The Voice" Sinatra, e está vendendo horrores nos EUA. Se cuida, Paulo Ricardo...

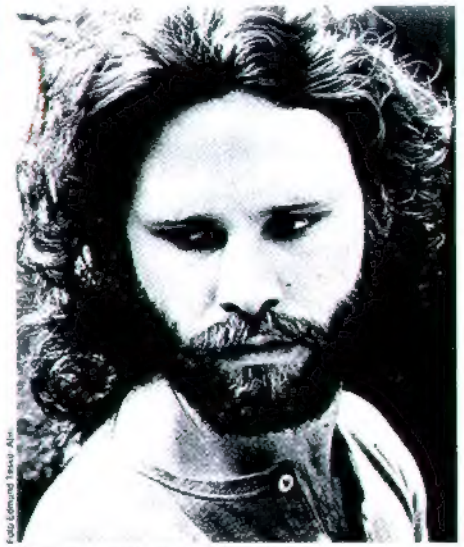


Foto Edward Trevor, Abril

O "Rei Lagarto" Morrison: poemas inéditos

O FIM DO REVOLUTION

Foto WEA

Os dissidentes do Revolution (da direita): Wendy, Lisa e Bobby Z (na escada)

Prince agora vai ter que se virar sozinho. Encerrada a sua excursão pela Europa e Japão, ele e seus comparsas do **Revolution,** a guitarrista **Wendy Melvoin,** a tecladista **Lisa Coleman** e o baterista **Bobby Z,** se sentaram à mesa para discutir os rumos a serem seguidos, quando descobriram que tinham planos diferentes. Em clima amigável foi decretada a separação deles e o fim do **Revolution,** banda que tem acompanhado **Prince** nos últimos três anos.

TOTALMENTE DEMAIS

Foto Luiz Mahgnier Alho

Caê: vaiado no Rio e aplaudido em Sampa

"Gente falando, só isso. Muita gente falando", foi a descrição feita por **Fernanda Torres** sobre *O Cinema Falado*, primeiro filme de **Caetano Veloso,** que teve sua estréia no FestRio. A exibição da fita causou furor, protestos, vaias, elogios, enfim todo o tipo de reações que poderiam ser causadas por um filme verdadeiramente polêmico. Alguns cineastas presentes, como **Arthur Omar** (diretor do *Tristes Trópicos*, clássico do cinema underground), classificaram o filme de "um lixo". Outros como **Arnaldo "Eu Sei que Vou te Amar" Jabor** chamaram a fita de "obra maravilhosa". **Gilberto Gil** adorou pelo "conhecimento enciclopédico arrasador e humilhante" que apresenta. Será um filme compreensível para nós, mortais?

OUÇA ESSA I

Foto Caroline Preve

Os cabelos rebeldes de Laurie Anderson

"O avião dela deve ter vindo de janela aberta."

Um carregador do Aeroporto do Galeão, Rio, depois de notar o cabelo eriçado de **Laurie Anderson.**

OUÇA ESSA II

"Viajávamos de avião de mãos dadas. Não que nós fôssemos bichas, apenas bons amigos."

Rick Parfitt, do Status Quo, falando de seu companheiro de grupo Francis Rossi.

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

As gravadoras preparam-se para enfrentar 87. No estúdio, pela Odeon, estão Plebe Rude, Beto Douglas, Tarcys Andrade e Marcelo. A Continental coloca Herva Doce, Chrystian e Ralph. Do lado da RCA entram Luis Gonzaga, Trem da Alegria, Ojerizah, Roupa Nova e De Falla (Porão BIZZ 12). A WEA, por sua vez, colocou os recém-contratados Barão Vermelho e Gueto (Porão BIZZ 13).

PERDÃO, ERRAMOS

Nossa cara coletiva está no chão. Por erros sucessivos, deixamos fora de nossa retrospectiva (BIZZ n.º 17) a banda brasileira mais viajada do ano, Paralamas do Sucesso. Durante todo o ano passado, o PDS, não contente em varrer o Brasil de Norte a Sul, fez shows na Argentina (olha eles na foto, defronte à Casa Rosada), no Sounds of Brazil de Nova York e, por fim, em Madri, no final de novembro. A irrequietação do Paralamas já havia ficado evidente no lançamento do hiperinstigante *Selvagem?*, um álbum que partiu com todas as regras do rock brasileiro ao transplantar para o nosso pop toda uma tradição batuqueira, como ficou evidente na faixa "Alagados", um hit de rádio e de shows. E já que estamos corrigindo erros... a foto do poster de Paula Toller (BIZZ n.º 17) é de Mauricio Valladares.

Foto Mauricio Valladares

Paralamas: rock e batuque em Buenos Aires

TOQUE BIZZ ESPECIAL

É o nome do programa que vai ao ar pela **Rádio Cidade,** todo primeiro sábado de cada mês, às 17 horas. Ele traz trechos das principais entrevistas que você vai ler na BIZZ do mês e uma superseleção musical com os artistas enfocados. A produção fica a cargo da BIZZ e de **Luis Henrique Romagnoli, Alaor Coutinho** e **Paulinho Leite.**

O especial tem duração de uma hora e já mostrou **Eurythmics** e **Tina Turner.** Em janeiro é a vez de **Sting** (dia 17). O de fevereiro também é imperdível (vai ao ar no dia14), com **Paulo Ricardo** (ele mesmo!) e **José Emílio Rondeau** entrevistando o genial **David Byrne,** o líder dos **Talking Heads.** É só achar sua Rádio Cidade local no dial e se ligar.

BYRNE CONTRA OS TRANSPORTES

Foto LFI

David Byrne: vítima de taxistas violentos

Por muito pouco é que **David Byrne** não fez suas malas e voltou para os EUA antes do combinado com os organizadores do FestRio, responsáveis pela sua vinda ao Brasil. Ele enfrentou algumas situações bem desagradáveis no trânsito do Rio de Janeiro... Primeiro, teve que esperar duas horas na rua, quando o táxi que ocupava quebrou. Em outra ocasião, um carro que estava sendo usado por ele foi rebocado por um guincho, porque estava estacionado em local proibido. E finalmente, em outro dia, Byrne, inconformado com o preço extorsivo que um motorista de táxi lhe cobrara por uma corrida, resolveu defender os seus direitos e acabou levando um soco do fulano. É Brasil...

A BATALHA DO FÍGADO

Foto Melody Maker

Jaz em uma fotomontagem da Melody Maker

Não é só no Brasil que a liberdade de opinião não é respeitada. **Jaz Coleman,** o esquentado cantor do **Killing Joke,** ficou irritado com uma matéria publicada sobre seu grupo no *Melody Maker*, o respeitável semanário musical londrino. E não é que ele resolveu se vingar bombardeando, com fígados bovinos crus e vermes (argh!), a recepção do jornal?! Que injustiça, Jaz, e nós aqui comendo bife de soja...

NOVO CLIP DE MICHAEL

Michael Jackson já está terminando as filmagens do vídeo promocional da música "Smooth Criminal", a ser lançada no início deste ano. Parece que a produção do clip "Smooth Criminal" vai custar mais de o dobro do orçamento de "Thriller", o clip mais caro já produzido até agora ("Thriller" custou um pouco mais de um milhão de dólares). Só para se ter uma idéia: enquanto as produtoras de vídeos levam de dois a quatro dias para filmar um clip, "Smooth Criminal" superou as estimativas, que eram de dez semanas.

STILETTO

A Stiletto Representações é uma nova empresa, coordenada por ingleses que planejam a criação de um selo para lançar no Brasil vários discos independentes ingleses. No catálogo da Stiletto, biscoitos finos como Cabaret Voltaire, Nick Cave & The Bad Seeds, Durutti Column, Felt, This Mortal Coil, Three Johns, A Certain Ratio (que, segundo a Stiletto, está louco para tocar no Brasil) e muito mais. A idéia (para resolver os graves problemas de distribuição, principalmente fora dos grandes centros) é enviar os discos pelo reembolso postal.

Em contrapartida, a empresa pretende levar algumas bandas brasileiras para shows na Europa. Para os candidatos, aí vai o endereço deles: Stiletto Representações, Caixa Postal 66221, CEP 05389, São Paulo — SP.

O VOTO DOS INGLESES

A Nestlé inglesa encomendou pesquisa para descobrir quais as cinquenta músicas preferidas dos estudantes britânicos. 24 000 foram entrevistados, e pelas dez primeiras colocadas dá pra perceber por que estamos vivendo um momento em que todos resolveram olhar para o passado (argh!). Eis as dez primeiras, escolhidas pelos jovens (?!):

1) "Stairway to Heaven", do **Led Zeppelin;**
2) "Bohemian Rhapsody", do **Queen;**
3) "Romeo and Juliet", dos **Dire Straits;**
4) "Baker Street", de **Gerry Rafferty;**
5) "Supper's Ready", do **Genesis;**
6) "Telegraph Road", outra dos **Dire Straits;**
7) "Bridge over Troubled Water", de **Simon e Garfunkel;**
8) "Going Underground", do **Jam;**
9) "Bat out of Hell", de **Meat Loaf;**
10) "Free Bird", do **Lynyrd Skynyrd.**

Bruce Springsteen está com a bola toda. Seu novo LP — quíntuplo — vendeu um milhão e meio de cópias no dia em que chegou às lojas. Este estrondoso sucesso de público e crítica fez com que um dos principais jornais americanos, o *USA Today*, promovesse uma pesquisa junto aos seus leitores para saber quem realmente seria o maior roqueiro de todos os tempos: Bruce ou o "rei" *Elvis Presley?*

Durante dois dias foram computados (pelo telefone) os palpites. Enfim, o resultado: Elvis ganhou fácil e assegurou o trono do rock'n'roll durante mais um bom tempo, tendo recebido 17 575 votos contra os 6 941 obtidos pelo "boss".

Enquanto isso, *Priscilla Presley*, viúva do (ainda) maior roqueiro de todos os tempos e atriz do seriado *Dallas* (onde interpreta uma tal de *Jenna Wade)*, acaba de anunciar que está grávida. O pai do segundo rebento (o primeiro é *Lisa Marie*, com Elvis), é o seu companheiro *Marco Garibaldi*, descrito pelos jornais americanos como "escritor brasileiro". Prazer em conhecê-lo.

Foto Gerrit de Jode

Springsteen: recordes de vendagem à vista

PARADA BIZZ

Parada do Leitor (LPs)

1 (2) *Dois* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
2 (1) *Rádio Pirata ao Vivo* — **RPM** (CBS)
3 (5) *Capital Inicial* — **Capital Inicial** (Polygram)
4 (4) *True Blue* — **Madonna** (WEA)
(7) *Standing on a Beach* — **Cure** (Polygram)
(8) *The Queen Is Dead* — **Smiths** (WEA)
7 (6) *Cabeça Dinossauro* — **Titãs** (WEA)
8 (3) *Selvagem?* — **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
(N) *Vivendo e Não Aprendendo* — **Ira!** (WEA)
10 (N) *Lulu* — **Lulu Santos** (RCA)
(R) *O Concreto já Rachou* — **Plebe Rude** (EMI-Odeon)
12 (R) *Passos no Escuro* — **Zero** (EMI-Odeon)
(R) *Viva* — **Camisa de Vênus** (RGE)
14 (N) *Break Every Rule* — **Tina Turner** (EMI-Odeon)
(N) *Bring on the Night* — **Sting** (Polygram)

CONVENÇÕES

( ) indica a posição na parada anterior

(N) indica novidade na parada

(R) retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1 (9) *Third Stage* — **Boston** (MCA)
2 (3) *Slippery When Wet* — **Bon Jovi** (Mercury)
3 (1) *Fore!* — **Huey Lewis & the News** (Chrysalis)
4 (N) *True Colors* — **Cyndi Lauper** (Portrait)
5 (7) *Dancing on the Ceiling* — **Lionel Richie** (Motown)
6 (N) *Break Every Rule* — **Tina Turner** (Capitol)
7 (2) *Top Gun* — **Trilha sonora do filme** (Columbia)
8 (4) *Back in the High Life* — **Steve Winwood** (Island)
9 (N) *Graceland* — **Paul Simon** (Warner Bros)
10 (N) *1975-1985* — **Bruce Springsteen & E-Street Band** (Columbia)

Compactos (EUA)

1 (N) "Amanda" — **Boston** (MCA)
2 (N) "Human" — **Human League** (A&M)
3 (N) "True Blue" — **Madonna** (Sire)
4 (N) "You Give Love a Bad Name" — **Bon Jovi** (Polygram)
5 (6) "True Colors" — **Cyndi Lauper** (Portrait)
6 (10) "I Didn't Mean to Turn You On" — **Robert Palmer** (Island)
7 (N) "Take Me Home Tonight" — **Eddie Money** (Columbia)
8 (N) "The Next Time I Fall" — **Peter Cetera / Amy Grant** (Warner)
9 (N) "Word Up" — **Cameo** (Polygram)
10 (3) "Typical Male" — **Tina Turner** (Capitol)

LPs (GB)

1 (1) *Graceland* — **Paul Simon** (Warner Bros)
2 (3) *True Blue* — **Madonna** (Sire)
3 (N) *Scoundrel Days* — **A-ha** (Warner Bros) A-ha
4 (4) *Revenge* — **Eurythmics** (RCA)
5 (8) *Somewhere in Time* — **Iron Maiden** (EMI)
6 (N) *Liverpool* — **Frankie Goes to Hollywood** (ZTT)
7 (N) *Every Breath You Take — The Singles* — **Police** (A&M)
8 (N) *Top Gun* — **Trilha sonora do filme** (CBS)
9 (N) *Get Close* — **Pretenders** (Real)
10 (N) *Word Up* — **Cameo** (Club)

Compactos (GB)

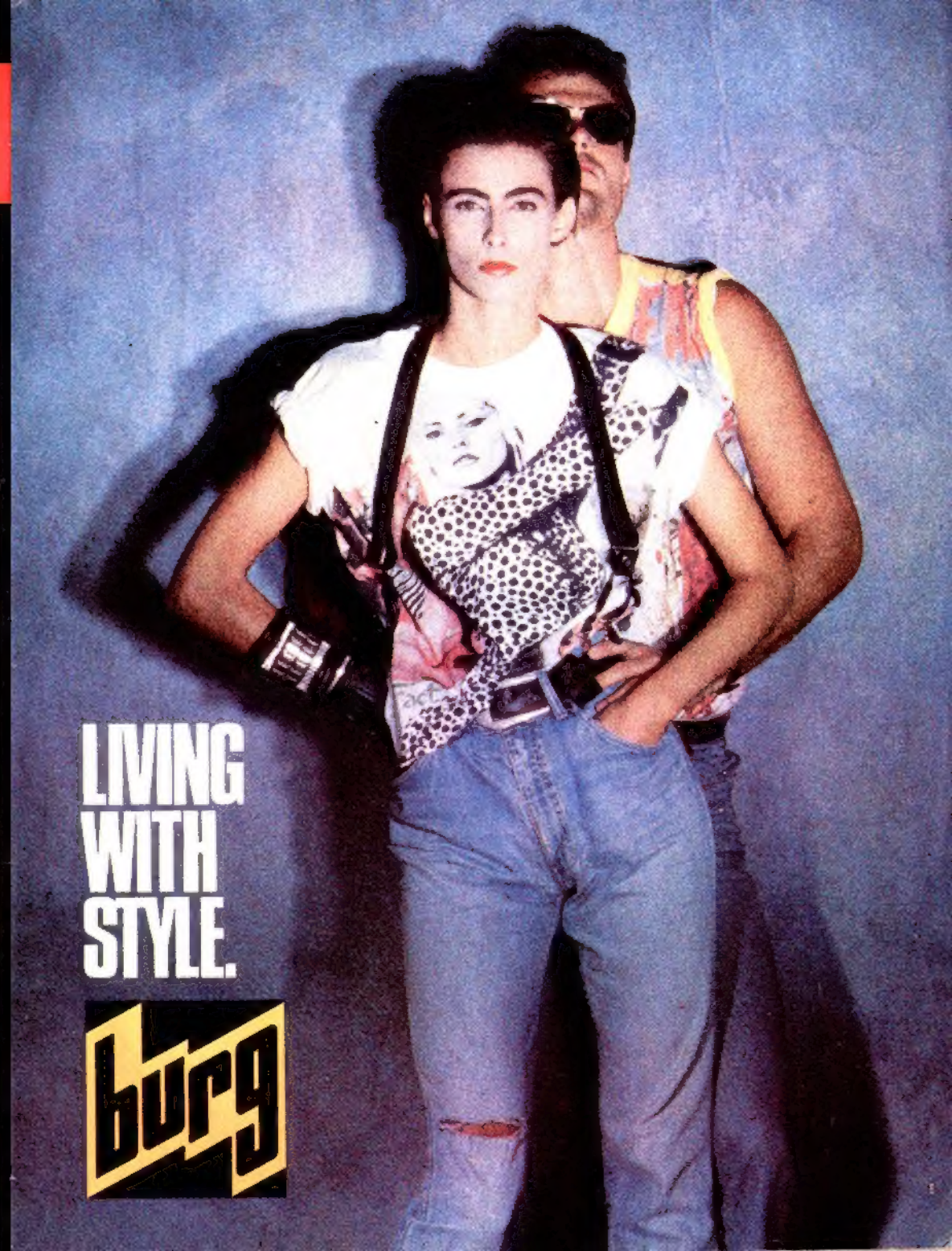
1 (6) "Every Loser Wins" — **Nick Berry** (BBC)
2 (N) "In the Army Now" — **Status Quo** (Vertigo)
3 (3) "True Blue" — **Madonna** (Sire)
4 (N) "Walk Like an Egyptian" — **Bangles** (CBS)
5 (N) "All I Ask of You" — **Cliff Richard / Sarah Brightman** (Polydor)
6 (5) "You Can Call Me Al" — **Paul Simon** (Warner Bros)
7 (N) "Take My Breath Away" — **Berlin** (CBS)
8 (1) "Rain or Shine" — **Five Star** (Tent)
9 (N) "Suburbia" — **Pet Shop Boys** (Parlophone)
10 (N) "You Keep Me Hangin On" — **Kim Wilde** (MCA)

LPs Independentes (GB)

1 (5) *Brotherhood* — **New Order** (Factory)
2 (1) *Blood and Chocolate* — **Elvis Costello** (Imp)
3 (9) *Filigree and Shadow* — **This Mortal Coil** (4AD)
4 (6) *The Queen is Dead* — **Smiths** (Rough Trade)
5 (4) *Watch Your Steps* — **Ted Hawkins** (Windows of the World)
6 (8) *On the Boardwalk* — **Ted Hawkins** (American Activities)
7 (3) *Ungovernable Force* — **Conflict** (Red Rhino)
8 (N) *Who's Been Talking* — **Robert Cray Band** (Charly)
9 (2) *Kicking Against the Pricks* — **Nick Cave** (Mute)
10 (7) *Holy Money* — **Swans** (K422)

Compactos Independentes (GB)

1 (1) "State of the Nation" — **New Order** (Factory)
2 (4) "Those Dickie Davis Eyes" — **Half Man Half Biscuit** (P Plus)
3 (7) "Hang Ten" — **Soup Dragons** (Raw TV Productions)
4 (N) "Love's Easy Tears" — **Cocteau Twins** (4AD)
5 (N) "Ask" — **Smiths** (Rough Trade)
6 (2) "Peel Sessions" — **New Order** (Strange Fruit)
7 (9) "Starpower" — **Sonic Youth** (Blast First)
8 (N) "Really Stupid EP" — **Primitives** (Lazy)
9 (3) "Wonderfull Life" — **Black** (Ugly Man)
10 (5) "Sunrise" — **Godfathers** (Corporate Image)



17
30
Linear tracking/Automatic
Tonearm System
4-pivot gimbal suspention
plug-in connector
tracking force 125g
Ouça este anúncio.

High Technics GT-40. Aqui a tecnologia fala mais alto.

Qualidade e tecnologia são fortes, quando o assunto é equipamento de som. O sistema modular High Technics GT-40 é o que existe de mais avançado no mercado e, uma vez instalado, vai transformar a sua sala de som, na mais vibrante casa de espetáculos da cidade.

São quatro aparelhos que unidos fazem a força do som.

O Toca-Discos Tangencial tem cápsula magnética tipo Plug-in, retorno automático, sistema de avanço e retrocesso e sistema de repetição.

O Tape Deck duplo possui mecanismo tipo Soft Touch, tem sistema Cue/Review, Dolby B-C NR, Leds indicadores de nível, tomada para fones de ouvido, seleção automática de fitas (normal, cromo e metal), a extraordinária capacidade de edição de fitas com o dobro da velocidade normal e ainda o sistema Series Playback que permite programar e tocar dois cassetes um após o outro automaticamente.

O Receiver Digital AM/FM Stereo com sintetizador a quartzo é simplesmente perfeito. São 50 watts de potência (RMS) por canal. Possui memória e sintonia automáticas para até 16 emissoras em AM ou FM, entrada auxiliar para Compact Disc Player, Chave Loudness, sistema para quatro caixas acústicas e Leds auxiliares de sintonia e indicadores de potência.

O Equalizador Gráfico permite a você conseguir o máximo do máximo. Ele tem Leds em cada um dos controles que o ajudam a posicioná-los nas faixas de frequência desejadas, permitindo a perfeita equalização dos sons, tanto na reprodução quanto na gravação.

E, num sistema tão perfeito, não podiam faltar as Caixas Acústicas Bass Reflex 3 Way System que garantem a reprodução do som com a máxima fidelidade.

Se você quer o melhor, você já sabe: High Technics GT-40, quatro aparelhos unidos num único fim: ser simplesmente o máximo em som.

Technics

PALAVRA DOLBY E O SÍMBOLO DD SÃO MARCAS DA DOLBY LABS

LANÇAMENTOS

BOUNCING OFF THE SATELLITES — The B-52's (WEA)

Eles tiveram a sorte de ter seus discos lançados aqui quase simultaneamente — ao contrário de 98% de seus contemporâneos — e, por isso mesmo, tiveram o azar de virar sinônimo de "new wave", o que foi responsável pela adoração cega de muitos e a execração preconceituosa de alguns. Para mim, nunca deixaram de ser hilariantes, descompromissados, hiperdançantes e capazes de fazer a gente feliz por estar vivo num planeta rico em filmes de ficção científica barata, escavações arqueológicas perigosas, milk-shakes multicoloridos, perucas bufantes e passos de dança como o boogaloo, o "atum tímido" e a "aqua velva".

Nestes três anos que se passaram desde o lançamento de *Whammy!*, tocaram no Rock in Rio e perderam o fundador e guitarrista Ricky Wilson — de câncer linfático, em 12 de outubro do ano passado. Quando isto aconteceu, este *Bouncing Off...* já estava quase pronto e é lançado agora sem nenhuma turnê promocional ou coisa que o valha. Ou seja, o futuro continua incerto.

Levando tudo isso em conta, é impossível ouvir o disco sem algumas pontadas de tristeza e luto — mesmo que ele seja absolutamente fiel às desvairadas peculiaridades do grupo.

O vocal aloprado da Cindy Wilson e Kate Pierson predomina mais que nos anteriores, a começar pelas faixas "Summer of Love", "Girl from Ipanema Goes to Greenland" e "Wig". O narrador e mestre-de-cerimônias Fred Schneider só aparece em "Detour Through Your Mind" e, daí em diante, não faz mais que pontas e figurações. O som parece, ao mesmo tempo, mais eletrônico e suave que antes, loucura pouca, quase bobagem profissional. *J.A.L.*

Fotos: Estúdio Abril

OBINA SHOK (RCA)

Banda de formação recente, o Obina mostra, neste seu primeiro LP, por que foi considerado revelação do ano passado pelos críticos desta revista. Obina quer dizer dança e energia, e o disco é forte e competentemente marcado por estas duas coisas. Com a participação de Gil e Gal, o quarteto (dois africanos, um deles filho do poeta Leopold Senghor, um caribenho e um brasileiro) passa pelo reggae, soca, fricote e funk rasgado. Antes do LP aparecer na praça, os DJs mais informados já tocavam direto "Africaner Brother Bound", de Jean Pierre e Gilberto Gil, contra o racismo abominável do regime sul-africano. O Obina lembra o que a maior parte dos músicos novos por aqui finge esquecer — a imensa e importantíssima contribuição cultural trazida para cá durante séculos pelos africanos. *J.E.M.*

LIVE IN RIO — James Taylor (Som Livre)

A gravação foi feita no Rock in Rio em janeiro de 85, pelo produtor Max Pierre. Depois a fita foi mixada nos EUA e agora chega a nós, após um cansativo processo de negociações.

O show de Taylor foi eficiente. Foi acompanhado por bons músicos e cantores, e o público fez de tudo para agitar o espetáculo. Boas músicas e uma boa gravação para um Taylor meio cansado e frio. Mas o grande detalhe é que este é o *único* LP gravado ao vivo de James Taylor, e ele não foi (e nem será) lançado no exterior. Um bom registro e ainda um artigo que deve ser valioso lá fora. *T.P.*

BOY — U2 (WEA)

Me lembro de quando ouvi este disco pela primeira vez. "Isto é novo!", exclamei, entusiasmado pela garra com que o grupo executa canções como "I Will Follow", "Twilight" e (minha predileta) "The Electric Co.". Isto foi em 80, e naquela época ninguém conhecia U2 (há que ser dito que ainda não existiam as tais rádios "alternativas").

Ouvi este relançamento e tive as mesmas impressões de seis anos atrás. *Boy* é o melhor disco do U2, talvez pelo simples fato de ter sido o primeiro LP deles (levando-se em conta que eles apresentaram poucas novidades nos LPs posteriores). A produção de Steve Lillywhite é perfeita. The Edge, com seus harmônicos, criou um estilo na guitarra; Larry (na época com 17 anos) e Adam formam uma cozinha impecavelmente pesada e Bono acrescenta aquela dose fundamental de raça e empolgação pra coisa toda. Um discaço. *T.P.*

SOMEWHERE IN TIME — Iron Maiden (EMI-Odeon)

Tudo o que o heavy pode apresentar de interessante o Maiden costuma apresentar com o máximo de qualidade. Este LP é muito mais para harmonia que para arraso (como as guitarras em "Heaven Can Wait" de Adrian e Dave), com muito cuidado nos vocais. Bruce e seu vozeirão de narrador de contos fantásticos está à vontade até demais. Os climas (nada demoníacos) dos temas estão de acordo, e o baixo de Harris cavuca como nunca. Para mim, "Stranger In a Stranger Land" e a história de "Alexander, The Great" são os melhores momentos desse futurístico trabalho. Já pensaram no concerto, com tudo isso, os 173 mil watts de potência que estão usando e guitarras sintetizadas? *L.R.*

GRANDE COISA — Premê (EMI-Odeon)

Desopilante e divertido, o Premê dá porradas pra todo lado. Demole a crença religiosa em "Pode Vir Crente Que Eu Estou Fervendo", o cotidiano conjugal burguês em "Padaria" e o sepulcral Jânio da Silva Quadros na hilariante "Fi-lo Porque Qui-lo". Passa pela repressão ao homossexualismo em "Rubens" ("Não dá, a gente é homem, o povo vai estranhar"), faz uma estranha rapsódia em "Império dos Sentidos" e lembra o eterno problema do adolescente e a acne em "Espinha". "Grande coisa" é a alma nacional narrada como futebol, e a curta "Premê" é um sério trabalho concreto em torno do nome da banda. Boa! *J.E.M.*

SONGS FROM LIQUID DAYS — Philip Glass (CBS)

Uma proposta antiga que ainda não deu certo: juntar música erudita (mesmo que contemporânea) com rock, na tentativa de se fazer um disco pop. Philip bem que tentou. Compôs seis músicas mais assimiláveis do que de costume e pediu letras para amigos ilustres — David Byrne, Laurie Anderson, Suzanne Vega e Paul Simon. Chamou para as gravações gente como as cantoras Linda Ronstadt, Janice Pendarvis, o grupo vocal (excelente) Roches e o conjunto de câmara Kronos String Quartet.

O disco pode funcionar bem em consultórios dentários, tamanha a inocuidade das letras (salvo as de Byrne) e a gélida integração destas com a banalizada música de Glass. Só para yuppies. *T.P.*

THREE HEARTS IN THE HAPPY ENDING MACHINE — Daryl Hall (RCA)

Tem pessoas que não suportam a voz de Daryl Hall (que junto com o amiguinho John Oates forma uma das duplas mais conhecidas do planeta pop, Hall & Oates), mas não se pode negar a capacidade de Hall em criar músicas pegajosas/românticas/dançantes que fazem a delícia dos programadores de FM. Pois bem, aqui está ele com seu segundo LP solo, igualzinho a todos o que grava com o parceiro, cercado de alta produção e um punhado de musiquinhas bonitinhas. Mas tudo bem. Ele tem seu público certo e pelo menos teve o bom gosto de ter chamado para co-produtor Dave Stewart, do Eurythmics, que faz o banal virar belo. *Tom Leão*

TRUE CONFESSIONS — Bananarama (Polygram)

Machismos e feminismos à parte, Keren, Sarah (suspiros) e Siobhan, quando aparecem saltitantes e rebolativas no sensualíssimo clip de "Venus", são de fazer os idosos pedirem os sais e os jovens pensarem numa sessão "Geraldão". My God!

Mas vamos ao disco. O terceiro elepê das "bananinhas" não difere em nada dos anteriores, e vem repleto de músicas feitas para emplacar nas paradas mundiais. Como o primeiro estourou com a regravação de "Really Saying Something", das Velvelettes, e o segundo foi devagar, aqui regravaram "Venus", do Schocking Blue, que chegou ao topo das paradas européias. *Tom Leão*

SID & NANCY — Trilha Sonora (WEA)

Apenas a faixa-título, assinada por Joe Strummer, se destaca na trilha deste filme, que ganhou (injustamente) o prêmio do júri na 10.ª Mostra Internacional de São Paulo. O resto desfila numa colcha de retalhos incrustada de pérolas, que tem o mérito de resgatar nomes como os Pogues, John Cale e — por tabela — os Stooges com seu clássico pré-punk "I Wanna Be Your Dog" reinterpretado por Gary Oldman, o pseudo-Vicious do telão. Da turma dos "autênticos" da primeira hora, sobraram Steve Jones, mais para Mark Knopfler em "Pleasure and Pain", e o baixista Glen Matlock, que faz uma ponta em "I Wanna Be...". Entre as faixas, excelentes instrumentais... para os nossos comerciais. Uma trilha que consegue ser superior ao filme para que foi feita. É mole? *J.Y.N.*

TRUE STORIES — Talking Heads (EMI-Odeon)

Cada vez mais idiossincrático, o sr. Byrne apresenta este ano um pacote no velho estilão veja o filme/leia o livro/compre o disco.

Ainda não vi o filme mas o livro é genial e o disco... bem, melhor que a maioria das trilhas sonoras. Na verdade, sem saber nada sobre cada personagem, cada qual com seu tema particular nesta trilha, acabamos boiando por cima de todas as letras. Mas, como exercício pop, *True Stories* retoma a sutil e singela levada "todo mundo cantando junto agora" do anterior, *Little Creatures*; um disco que um velho e empedernido fã dos Heads como eu demorou mais de um ano para começar a gostar e um dia para viciar.

As canções de *True Stories* são ainda mais enxutas e compactas, e também vão mais fundo nas ramificações de pop fronteiriço: country com sabor mexicano, cajun com molho afro, um abuso generalizado de polirritmia e contratempo na abertura da obra-prima do disco ("Papa Legba", prima de "Swamp", de *Speaking in Tongues*, mas com uma queda pelo vodu).

Tentando resumir: um disco recomendado mais para os já convertidos do que para céticos e cínicos. Haverá, no futuro ou em outra galáxia, banda igual a essa? *J.A.L.*

NOITE E DIA — Smack (Baratos Afins)

O Smack é o creme do creme do underground paulistano, reunindo Thomas Pappon (o multiinstrumentista do Fellini, aqui dedicado à bateria e aos efeitos eletrônicos percussivos), Sandra Coutinho (a baixista das Mercenárias) e os vocais agônicos e a guitarra espasmódica de Sérgio 'Pamps', um homem de reais idéias pessimistas — coisa rara nestes tempos de darkismo posado. Isso sem falar na participação especial de Edgard, o guitarrista do Ira! (e ex-membro fixo do Smack), em quatro das nove faixas deste segundo LP da banda. O primeiro, *Ao Vivo no Mosh*, também pela Baratos, continua como um marco no rock nacional. *Noite e Dia* depura — e muito — as concepções musicais do grupo, ainda que apresente letras um pouco mais frouxas.

Mas isso é só um detalhe, diante da especialíssima receita do Smack: vigor roqueiro, lassidão junkie e experimentalismo na instrumentação, reunidos em um som único (pelo menos no Brasil). "Noite e Dia" e "Cavalos" (esta com um tempero de jazz e os vocais líricos de Sandra de acréscimo) são dois dos melhores rocks nacionais do ano. Mas isso é uma escolha pessoal: tranqüilamente "Desafinado", "Just Reality", "Sete Nomes", "Pequena Dissonância" ou "Não Enlouqueça" — sem falar da instrumental "Radio Smack" — estão no páreo. *A.A.*

LANÇAMENTOS

THE ALBUM — Mantronix / HANSON & DAVIS / JAM ON REVENGE — Newcleus / CONNIE (Top Tape)

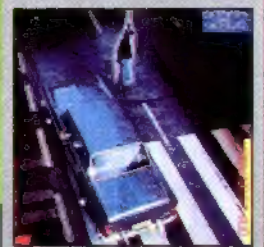
A gravadora Top Tape, que nos anos 70 era a principal distribuidora de soul e funk music no Brasil, ressurge no mercado com seu prato forte, num momento em que esses estilos voltam renovados. Todos os lançamentos fazem a alegria dos grandes bailes funks (principalmente nos subúrbios do Rio). O mais quente da leva é o Mantronix, dupla que apresenta hip-hops de estremecer as paredes, com cuidada produção, onde destacam-se "Hardcore Hip-Hop", "Needle to the Groove" e sua versão remixada, "Mega-Mix", apelidada de "Melô do Bonga". Outra dupla que também pega pesado, Hanson & Davis, vem de EP com versões de "I'll Take You On" e "Hungry for Your Love", mais a faixa extra "Hold on Yesterday" para a sessão "mela-cueca". Já o Newcleus é grupo eletro-funk que lembra Afrika Bambaataa no início, só que sem usar linhas melódicas do Kraftwerk. A capa foi desenhada por Bob Camp, da Marvel Comics, que também fez a do *Renegades of Funk* de Bambaataa. Faz a linha break 84. Já a cantora Connie segue o estilo Lisa Lisa (com menos peso) e possui a voz e o suingue que Madonna gostaria de ter quando gravou o primeiro LP. Ela está estourada nas rádios cariocas com "Funky Little Bit" (aqui em versão remix), que saiu da Tropical FM e conquistou as demais. Está mais para o charme e balanço. Estes quatro discos, mais os do Whodini e Fat Boys, são o que de melhor há no mercado no momento — até que saia o do Run DMC. *Tom Leão*

COMMUNARDS — (Polygram)

O que há de novo na frente de libertação gay? Jimmy Somerville, foragido do Bronski Beat, chamou outras duas rainhas (Richard Coles, piano, e David Renwick, baixo) e mais sete mulheres "de verdade", lideradas pela cantora Sarah-Jane Morris, para formar os Communards — nome dos únicos revolucionários anarquistas da história, que botaram Paris de cabeça para baixo, em 1870. Lançado no final de julho passado, este disco tem público de todas as preferências sexuais e musicais para seu eletropop com segundas intenções comerciais. É uma salada de folclore russo e espanhol ("La Dolarosa") ou árabe ("So Cold the Night") com melodramas kitsch (na linda "Reprise") e versões decadentes de standards como "Don't Leave me this Way" (que a gente achava executada para sempre por Gloria Gaynor) e "Lover Man" (o túmulo de Billie Holliday deve estar tremendo na base). Está tudo aí: política, pop, trivialidades de salão, soul, tesão, clichês, bichice. Difícil vai ser ouvir o disco inteiro sem quebrar alguma coisa. *J.Y.N.*

ALMA DE BORRACHA — Beto Guedes (EMI-Odeon)

Para alguns músicos, o fato de seus discos serem todos parecidos é uma virtude. Caso de Jorge Ben. Para outros, é um irritante defeito. Caso de Beto Guedes que, fecundo em seus dois primeiros LPs, insistiu demais na tecla e faz hoje um som datado e xaroposo. "Se a gente quer, por que não salvar a civilização", diz Guedes em "Calor Humano", num hippismo gênero Visconde de Mauá. "São Paulo" é uma música que tudo fica a dever à cidade, depois das homenagens à altura de Tom Zé e Caetano Veloso. Nós, paulistas, não merecemos "universo de luzes e promessas/vitrine de ilusões". O LP deverá ser sucesso certo entre os verdes e a tchurma da Vila Madalena. Para mim, pior que um porre de licor de ovos, que dá direito à eutanásia. *J.E.M.*



CORRENDO O RISCO — Camisa de Vênus (WEA)

Susto! A hora é mística: de batina e aspersório na mão, Marcelo Nova e seus coroinhas afirmam seu credo nas pouco santas "Mão Católica" e "Deus me Dê Grana", com uma genuflexão de passagem diante do patriarca Raul Seixas em "Ouro de Tolo". Mas não é só isso. Descobrimos as mil e uma utilidades de um Simca Chambord sacudindo ao som de um boogie woogie, e Marcelo pergunta o que ele precisa fazer para dormir com você num funk das tribos. Os lamentos carismáticos de sua voz, engrenados no rock fusão de músicos competentes, deixam a maioria dos cantores verde-amarelos de chupeta na boca, passando ao largo de qualquer sutileza. *J.Y.N.*

TRUE COLORS — Cyndi Lauper (CBS)

O título se contrapõe ao *True Blue* da rival Madonna. E vale pela vigorosa recriação de "What's Going On", de Marvin Gaye. Ele, que em 1970 pedia "não me puna com a brutalidade", foi acabar fuzilado por seu próprio pai. E ganha aqui uma bela homenagem com a participação, entre outros, da guitarra de Adrian Belew. O LP traz outra boa versão, a do divertido calipso "Iko Iko", da década de 60. "Boy Blue" é uma balada meio chatinha, mas mostra bem a enorme extensão da voz de Lauper. "True Colors" fala sobre a amizade, num cruzamento musical de James Taylor e Joni Mitchell. Um hit mais que certo, e que fez valer a espera. *J.E.M.*

LONGE DEMAIS DAS CAPITAIS Engenheiros do Hawaii (RCA)

Divulgados e interpretados erroneamente como grupo de ska-reggae, um Paralamas gaúcho, os Engenheiros não são nada disso. As letras possuem cargas contestatórias, no espírito punk (embora eles detestem tudo relacionado ao punk), e as músicas pexam para o rock básico com toques reggae, sem a pretensão de fazer um reggae de verdade. Estão mais preocupados em resgatar as coisas boas dos anos 70 que não chegaram aqui ou foram mal absorvidas.

Nesse ponto o grupo se assemelha muito ao americano R.E.M. Por isso, eles assumem a condição de subterceiro mundistas, gaúchos que vivem longe demais das capitais (Rio-São Paulo), dispostos a criar estilo próprio. Mas o disco apenas chega perto disso. *Tom Leão*

TODAS AO VIVO — Marina (Polygram)

Raros discos gravados ao vivo conseguem passar o real clima que rola no show captado. A maioria capricha mais na quantidade de aplausos e assovios, como se isso garantisse e legitimasse o "ao vivo". Marina e a equipe que produziu este *Todas...* evitaram esse vício e realizaram um registro fiel, com todos os climas intimistas e dançantes que levam o ouvinte para dentro do show. Há calor.

Destaques para a versão de "Ainda É Cedo", do Legião Urbana, e "Lady Sings the Blues", de Billie Holliday, além da inédita "Põe pra Fora". Doce presente. *Tom Leão*

VIDA DIFÍCIL — Léo Jaime (CBS)

Léo Jaime diz estar cada vez mais interessado nas coisas que duram para sempre. Bom caminho para um músico que, neste LP, dá saudáveis e consistentes provas de amadurecimento. Jogando a adolescência pela janela, Jaime passa pelo pop, o rock puro dos anos 60, o latinismo e até pelo bolero. Há, mesmo, em "Vida Difícil", um caprichado tratamento jazzístico no arranjo e a constatação de que é preciso "evitar a realidade/pra não ficar maluco". "Amor" é um bolero com o maior pianão acústico, "Sem Futuro" é latiníssima, com a guitarra de Liminha emulando Carlos Santana, "Um Telefone É Muito Pouco" é um delicioso reggae de 77 do brasiliense Renato Mattos e "Cobra Venenosa" é um total escracho carnavalesco. Boas participações de João Barone e Herbert Vianna num belo exemplar pop. *J.E.M.*

FROM THE PAGES OF MY MIND Ray Charles (CBS)

Calma, gente, que o Ray Charles continua cantando bem. Andou lançando uns discos meio sem-vergonhas desde que descobriu o grande veio de ouro do mercado americano, a música country, mas não está ficando gagá — está é se adaptando.

O LP anterior, *Friendship*, esteve entre os mais vendidos do gênero. Neste, entretanto, gravado em Nashville e Los Angeles, Ray conseguiu chegar mais perto dos climas simples e nostálgicos necessários para o bom aproveitamento de suas magníficas interpretações, provavelmente graças aos arranjos de Bill McElhiney (cordas) e do próprio Ray.

No repertório, alguns clássicos da música country, como "Dixie Moon" e "Slip Away". *T.P.*

CROSSROADS — Ry Cooder (WEA)

Finalmente chega a nós um disco de Ry Cooder, profundo conhecedor e pesquisador dos mais variados gêneros da música popular americana e também um dos mais experientes e eclético guitarristas dos EUA (já tocou com os Stones, Taj Mahal, Captain Beefheart e muitos outros). Na trilha sonora do filme *A Encruzilhada*, a tônica é o blues, nas suas várias expressões. O LP tem alguns clássicos como "Crossroads", de Robert Johnson, "Viola Lee Blues", de Noah Lewis, e a tradicional "Somebody's Calling My Name". Os músicos ou são especialistas no assunto ou especialistas em estúdio.

Cooder produziu e arranjou a coisa toda, além de ter composto algumas músicas. Quem assistiu a *Paris, Texas* já sabe do *feeling* de Cooder na guitarra. Um desbunde. A última faixa, "Walkin Away Blues" — um duelo de Cooder com o excelente gaitista Sonny Terry —, lembra a lenda do pacto que alguns *bluesmen* fizeram com o diabo. É de chorar. *T.P.*

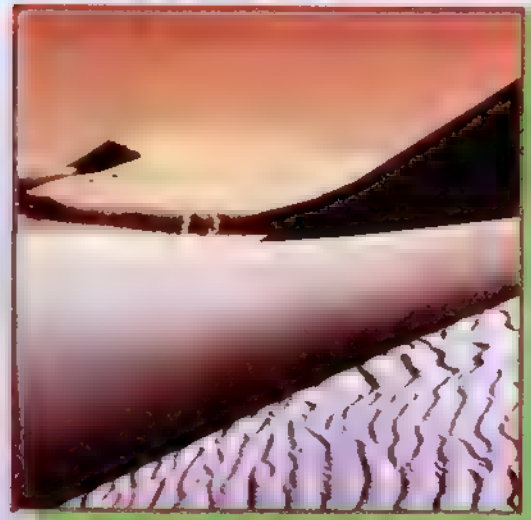
FUNK'N'REGGAE — (RCA)

Existem discos que fecham todas as portas e outros que abrem muitas janelas. Este abre para várias travessias do Atlântico. No leme, o (gentil) organizador desta coletânea, Maurício Valladares. Nos remos, os Paralamas do Sucesso. Pinçaram um repertório turístico tropical-funk sabor pimenta-do reino bastante desconhecido por aqui. Começa com dois reggaes pop cool (Maxi Priest e Shinehead), segue até o Botswana de Hugh Masekela e sua tecnodança da chuva. Dali, outro pulo até as pirações e pesadelos da Babilônia com o funk balança-nádegas garantido de Prince Charles e Whodini. O lado B traz quatro ases e um curinga. Na ordem: o reggae inglês do UB40, as não menos feras jamaicanas Big Youth e Tapper Zukie fazendo ska e dub do bom. Com Gil Scott-Heron, voltamos a 75 para lembrar que ninguém dessa turma é favorável ao apartheid, a vergonha sul-africana. O curinga é o PIL de John Lydon, implacável em "This Is not a Love Song", de 83. De repente, o disco toma um certo peso... Agora, que tal uma compilação com Run DMC, Cameo, Lymon Kwesi Johnson, Beastie Boys, LL Cool J para 87? *J.Y.N.*

DESCANSE EM PAZ — Ratos de Porão (Baratos Afins)

Ódio, paranóia, náusea, o fim... Este disco (mais um precioso e ousado acerto da independente Baratos Afins) é a segunda aparição individual dos Ratos. O grupo é paulistano. Seus trabalhos anteriores (participações em coletâneas e o primeiro LP, *Crucificados pelo Sistema*) foram enviados para a Europa e EUA. São respeitados.

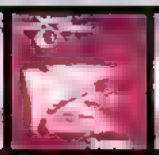
Agora o RDP retorna mais maduro, com nova formação, numa produção mais bem cuidada, a começar pela ótima capa, que exibe uma senhora "descansando" em seu esquife. Coerência com o que será despejado nos ouvidos: o efeito é fúria e peso. O som do RDP é basicamente hardcore. Há momentos, não raros, de fusão com certas correntes do heavy metal contemporâneo. Um dado manipulado na medida exata, injetando dinâmica, variações e uma certa sofisticação aos temas. O instrumental é potente e sujo, com destaque para a velocidade do batera Júnior. Os discursos sobre um certo indesejável prefeito, o holocausto nuclear, o perigo e a morte são cantados com originalidade por J. Gordon. Energia, força. O trabalho do RDP é internacional: não pertence a São Paulo, pertence ao fim do século. Mas que fique bem claro: este disco não é para qualquer um. *Charles Gavin*



RÁPIDO & RASTEIRO RAPIDO & RASTEIRO RAPIDO &

Alem das excepcionais trilhas sonoras deste mês (**SID & NANCY** e **CROSSROADS**, devidamente resenhadas nas paginas anteriores) estao na praça varias outras, todas no esqueminha co cha-de-retalhos **THE KARATE KID PART II** (WLA) traz o tema principal cantado pelo xaroposo **Peter Cetera**, mais **Moody Blues, Paul Rodgers, New Edition** e **Carly Simon**. Bonitinha mas ordinária. Idem para **TOP GUN ASES INDOMAVEIS** (CBS), com os hits certos de **Berlin** e **Kenny Loggins**, alem de **Loverboy, Cheap Trick, Miami Sound Machine** e **Teena Marie**. A de **LEGAL EAGLES PERIGOSAMENTE JUNTOS** (MCA) tem mais cara de trilha convencional, com os instrumentais de **Elmer Bernstein** e *sem* o tema "Love Touch" (de Rod Stewart) ausência mal compensada com uma faixa do **Steppenwolf** e a canhestra tentativa de transformar a deliciosa Daryl Hannah, protagonista do filme, em cantora. Tambem esquecive, é o LP com a trilha de **COBRA** (CBS), com tema de **John Cafferty** e o reforço de **Gladys Knight, Miami Sound Machine** e uns tantos tecnorocks bobos. Finalmente (uff!), a mais forte no setor e a milionária trilha de **RUTHLESS PEOPLE** (CBS), com tema de **Daryl Hall, Dave Stewart** e **Mick Jagger** (!!) cantado pelo Stone, mais **Luther Vandross, Billy Joel, Paul Young, Kool & The Gang** e **Bruce Springsteen**. E cá entre nós, nem essa convence muito. ⊗ A nova investida na fraudulenta ala nacional da Coleçao Rock dos Anos 90, o EP do inexpressivo grupo **DESVIO PADRAO** (WEA), só é compensada por outro EP, o do **VIOLETA DE OUTONO**, inaugurando um novo selo independente, Wop Bop. Este sim, está interessado no verdadeiro rock da década. O Violeta, *cult group* paulistano, repoe nas tres faixas os climas densos do Echo em *Crocodiles* e não só. Altamente recomendado. ⊗ O infame **Tomita**, o papa do brega-progressivo, ataca pela enesima vez com **SPACE WALK** (RCA), com versões cósmicas (cómicas?) de Ravel, Massorgsky (nunca deixam o Mussa quieto no tumulo, ne Emerson, Lake e Palmer?), Debussy, Prokofiev e Sibelius. Ta bom, nao e o pior disco dele, mas fica registrado meu *aaarghh!* ⊗ **VIOLENT BLUE** (RGE) é um filhote dos Tears for Fears, amamentado pelo guitarrista Neil Taylor. O estilo é copiado das "tias fofinhas", so que às vezes funciona, as vezes não. Alias, quase nunca funciona. ⊗ O Canada continua carente de talentos roqueiros. **Glass Tiger**, em **THE THIN RED LINE** (EMI-Odeon), nao passa do popao internacional bobo, com co-vocais de Bryan Adams (e não *Brian Eno*, como se apressou em anotar um certo diario paulistano...). E e so. A. A.

BOLSA DE DISCOS



	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Carlos Arruda	😐	●	😐	😐	😐	●
José Augusto Lemos	😐	😐	😐	●	●	😐
Alex Antunes	😐	😐	😐	😐	😐	😐
José Emilio Rondeau	😐	●	😐	😐	😐	😐
Thomas Pappon	😐	😐	😐	😐	●	😐
Tom Leão	😐	😐	😐	😐	😐	●
Leopoldo Rey	😐	😐	😐	●	😐	😐

Sublime
Bom
Interessante
Razoavel
Lixo

OS AMANTES DE MARIA
(Maria's Lovers, 1984)

Direção: Andrei Konchalovsky. Com Nastassja Kinski, John Savage, Robert Mitchum, Keith Carradine. Globo Vídeo.

Depois da Segunda Guerra Ivan Bibic (Savage) acostumou-se a fantasiar um mundo próprio, preservando a paz ao preço de algumas neuroses. Quando reencontra Maria (Nastassja), a antiga namorada com quem divide as paixões [illegible]. Mas a [illegible] se complica em filme até certo ponto simples [illegible]. Carradine está muito bem [illegible].

Nastassja nem [illegible]

AVENTURA

OS ELEITOS
(The Right Stuff, 198[illegible])

Direção: Philip Kaufman. Com Sam Shepard, Kim Stanley, Barbara Hershey, Dennis Quaid.

A saga americana do homem na Lua recebeu finalmente este [illegible] documentário-ficção. Ao mesmo tempo que nos negam espetáculos [illegible] dados [illegible], o filme esclarece o seleção e o treinamento [illegible] os astronautas, acompanhando a maratona que eles passaram dos exercícios ao assédio da imprensa. O desempenho de Shepard faz uma [illegible] participação [illegible]

A GUERRA DO FOGO (Quest for Fire, 198[illegible])

Direção: Jean-Jacques Annaud. Com Everett McGill, Rae Dawn Chong.

Pré-história é certamente um assunto espinhoso [illegible] pelos desafios que podem [illegible] as especulações históricas. No entanto, [illegible] bons filmes de humor [illegible] dinossauros. Nesta [illegible] e surpreendente [illegible] o escritor Anthony Burgess foi chamado para criar a linguagem [illegible] demais primatas. Cenas bonitas com a maquiagem bem [illegible] que ganhou o Oscar [illegible] reflexão sobre o poder. Três guerreiros brigam pela posse do fogo, que eles acreditam [illegible] preservado eternamente numa tocha. [illegible] estregando [illegible] pedra [illegible] de [illegible] Annaud. Será que [illegible]

OS BOAS VIDAS (I Vitteloni, 1953)

Direção: Federico Fellini. Com Franco Interlenghi, Alberto Sordi, Franco Fabrizi.

Certamente [illegible] autobiográficos nesta história de província de Fellini sobre uma turma de amigos de [illegible]. [illegible] Fausto [illegible] personagem mais interessante [illegible] episódio em que [illegible] a escultura de um anjo, [illegible] um padre [illegible]. Noutra cena [illegible] uma [illegible]. Chega a ser uma das obras primas de Fellini [illegible] Leão de Prata [illegible] Veneza de 5[illegible].

CIAO MASCHIO (19[illegible])

Direção: Marco Ferreri. Com Gérard Depardieu, Marcello Mastroianni, James Coco.

Ferreri, que há poucos anos [illegible] Bukowski [illegible] antecipa nesta [illegible] de sensualidade [illegible] Nova Iorque [illegible] King Kong [illegible] Depardieu e [illegible] eletricista de um [illegible] Mastroianni é um [illegible]

A NOITE (La Notte, 1961)

Direção: Michelangelo Antonioni. Com Jeanne Moreau, Marcello Mastroianni, Monica Vitti.

Drama predileto de Antonioni [illegible] principalmente que [illegible] as pessoas. Por [illegible] de [illegible] incomunicabilidade na sua fase mais [illegible] anos 60 [illegible] Mastroianni [illegible] qualquer coisa [illegible]

A SOMBRA DO VULCÃO
(Under the Volcano, 1984)

Direção: John Huston. Com Albert Finney, Jacqueline Bisset, Anthony Andrews.

No México, Dia de Finados e uma festa. Quem poderia imaginar [illegible] num destes [illegible] autodestruição [illegible] desencontradas [illegible] Finney [illegible] Jacqueline Bisset [illegible] pouco

G.L.

PASQUALINO SETE BELEZAS
(Pasqualino Settebellezze, 1975)

Direção: Lina Wertmüller. Com Giancarlo Giannini, Shirley Stoler, Fernando Rey.

A diretora de *Mimi, o Metalúrgico* [illegible] uma de suas melhores produções [illegible] Giancarlo Giannini. Ele se supera como um italiano presunçoso e [illegible] que acaba na cadeia por [illegible] amante da irmã [illegible] cena em que Giannini arrasta uma [illegible]

Por conta [illegible] crime [illegible] para um [illegible] Segunda Guerra [illegible]

RE-ANIMATOR (1985)

Direção: Stuart Gordon. Com Jeffrey Combs, Bruce Abbott.

Baseado em uma novela de H.P. Lovecraft, o diretor Gordon construiu um daqueles filmes de terror que começam bem e acabam descambando [illegible]. Mas o grotesco [illegible] temperado com [illegible]

A história alude ao velho mito frankensteiniano: um pesquisador universitário [illegible] da Europa para os EUA [illegible] na bagagem [illegible] após a morte. Mas a química que revive cadáveres ainda não está sob controle e então...

A.A.

JABBERWOCKY (1977)

Direção: Terry Gilliam. Com Michael Palin.

[illegible] Monty Python [illegible]

O HOMEM ERRADO
(The Wrong Man, 195[illegible])

Direção: Alfred Hitchcock. Com Henry Fonda, Vera Miles, Anthony Quayle.

Não parece um filme de Hitchcock. O suspense existe, óbvio, mas é linear e a tensão [illegible]

Fonda faz [illegible] um rumo que duvida de si mesmo [illegible] de coincidências.

C.G.L.

[illegible] rua [illegible] Vídeo [illegible] 284-9419 e 284-5788, e Rembrant [illegible] 856-4199

FEDERICO FELLINI

"Nunca vi um filme meu numa sala de espetáculos, porque me assedia uma espécie de pudor. Sinto-me na condição de quem não quer ver um amigo fazer coisas com as quais não estava de acordo." É difícil acreditar nele. Ele inventou tudo para depois poder contar: uma infância, uma personalidade, nostalgias, sonhos, lembranças. Federico Fellini não gosta de entrevistas, ainda que tenha começado a carreira como jornalista, entre outros rabiscos, como caricaturista na Roma dos anos 40. Ele ainda não tinha bem claro o que queria ser e fez alguns textos humorísticos para o rádio, onde conheceu Giulietta Massina, atriz, sua mulher desde 1943. Veio da pequena Rimini, origem de muitos dos tipos fantasiosos que [illegible] seus filmes. Passou a infância sob o fascismo, que ele considera uma espécie de desfile carnavalesco [illegible] de insígnias, pompa e retórica. Mas, no fundo, mesmo sendo muito jovens, nos parecia algo como era a educação católica: uma coisa [illegible] da qual se precisava ser esperto e fingir que se estava de acordo.

Ele é um cineasta de metáforas grandiloquentes, do rinoceronte agonizante num navio em plena Primeira Guerra (*E la Nave Va*) aos membros de uma orquestra revoltados com o maestro prepotente (*Ensaio de Orquestra*). Comparações sociais? Fellini diz que a ele cabe fazer cinema e, aos que quiserem, política. "Um homem de espetáculo deve ser uma mistura de mágico e prestidigitador, de profeta e palhaço, de vendedor de gravatas e de um padre pregando."

Quando tem uma idéia, ela esboça rostos, roupas e assim começam seus filmes, com personagens que saem direto da vida [illegible] real para a tela. Seus primeiras imagens foram como colaborador de Rossellini, que tanta a [illegible] sob o [illegible] impressão do neo-realismo, a cultura esfacelada e dispersa da Itália do pós-guerra. Fellini participa de *Roma, Cidade Aberta* (1945) e *Paisà* (1946) e, em 1950, estréia com *Mulheres e Luzes* em colaboração com Lattuada, outro de seus mestres nas [illegible].

Fellini constrói mares de plástico em estúdio e dificilmente filma externas. [illegible] Sinto a exigência de [illegible] estúdio para ter o controle absoluto sobre a luz. Seus processos são [illegible] de épocas [illegible] camente impecáveis no seu reflexo do caos. Aos que consideram seus filmes surreais demais para neles identificar algum sentido, ele declara: "O filme tem a linguagem simbólica dos sonhos. Gostaria que o espectador [illegible] sem deixar-se cegar demais pela tentação de querer compreender a [illegible] onde não há nada para compreender, mas só para ver." Em *E la Nave Va* um personagem vê, com um projetor manual, as últimas imagens de uma cantora de ópera, enquanto o navio em que ele está afunda. Fellini talvez seja este personagem, ou este último filme que continua a rodar.

César Garcia Lima

FILMOGRAFIA COMPLETA

*Todos os filmes assinalados com um * estão disponíveis em vídeo.* *Luci Del Varietà** (*Mulheres e Luzes*, 50), *Lo Sceicco Bianco* (*Abismo de um Sonho*, 52), *I Vitelloni** (*Os Boas Vidas*, 53), *Agenzia Matrimoniale* (episódio do filme *L'Amore in Città*, 53), *La Strada* (*A Estrada*, 54), *Il Bidone* (*A Trapaça*, 55), *Le Notti di Cabiria** (*Noites de Cabíria*, 57), *La Dolce Vita** (*A Doce Vida*, 59), *As Tentações do Dr. Antonio* (episódio de *Boccaccio 70*), *Otto e Mezzo** (*Oito e Meio*, 64), *Giulietta Degli Spiriti** (*Julieta dos Espíritos*, 66), *Satyricon* (*Satyricon*, 69), *Toby Dammit* (episódio de *Histórias Extraordinárias*, 69), *Roma* (*Roma de Fellini*, 7[illegible]), *Amarcord* (*Amarcord*, 7[illegible]), *Il Casanova di Fellini* (*Casanova de Fellini*, 76), *Prova d'Orchestra** (*Ensaio de Orquestra*, 7[illegible]), *La Città Delle Donne* (*A Cidade das Mulheres*, 79), *E la Nave Va** (*E la Nave Va*, 83), *Ginger e Fred** (*Ginger e Fred*, 85)

UMA TARDE COM

STING

"Há entrevistas que eu odeio... Desta, eu estou gostando", confidenciou o vocalista/ator/instrumentista/compositor ao correspondente de BIZZ, *Marco Antonio de Menezes*. Em um longo papo em Los Angeles (EUA), ele falou de tudo — do Police a Sônia Braga... — e revelou novas facetas do Sting intelectual, do *band leader*, do homem...

STING

BIZZ *Como você compararia os tempos do Police com o período atual, do novo grupo?*

Sting — Acho que quando uma banda começa é muito necessário que todos tenham uma espécie de voz corporativa, devem aparecer como um só. Nos primeiros tempos do Police, nós parecíamos quase uma única pessoa. Éramos muito parecidos, tínhamos uma expressão única, uma imagem muito forte. As pessoas pensavam em nós como um grupo. Então, na medida em que o público se familiarizou mais conosco, em que

nossa autoconfiança aumentou, assim como nossa fama, fomos ficando mais individualizados. Este processo durou mais ou menos uns cinco anos. Cada vez que fazíamos uma coisa nova, cada um de nós ficava mais individualista, menos disposto a ser considerado apenas como parte de um grupo. Queríamos existir separadamente. E, no final, depois de sete anos, é claro que cada um de nós queria estar a sós. Porque, como um criador de canções, eu estava fazendo declarações muito pessoais. Já não eram idéias ou emoções de um grupo de três pessoas juntas, eram coisas sobre mim, uma parte muito especial e íntima de minha vida, da mesma forma que os outros dois queriam que suas contribuições fossem igualmente pessoais. Era quase impossível manter uma imagem corporativa, uma voz corporativa. Fingir que a coisa continuava assim seria uma falsidade. Assim tornou-se realmente necessário para cada um de nós trabalhar separadamente. Numa análise final, no ano passado, eu fui forçado a fazer um disco sozinho, sem os outros dois. Embora eu tenha sentido muito menos frustração que eles, porque eu sempre tinha composto a maior parte da música — o que, na verdade, era a causa da luta política dentro da banda. Acho que é um processo natural em todos os grupos. Portanto, no momento atual eu me sinto muito como um indivíduo, não me considero como parte de um grupo.

BIZZ *Mas o Police ainda vai tocar junto, não?*

Sting — Não. Já fizemos nossas grandes declarações, já fizemos nossos maiores sucessos — temos sete anos de sucesso. Não temos nenhuma intenção de voltar a tocar juntos, sequer um concerto.

Minha banda é uma família eu sou o patriarca"

BIZZ *E o disco ao vivo — e o filme — com a nova banda, como foram as gravações?*

Sting — Bem, o disco ao vivo foi gravado mais ou menos um ano depois do disco original de estúdio (*The Dream of Blue Turtles*). E é muito interessante ver como nos tornamos muito mais sofisticados, muito melhores como banda. Depois de um ano excursionando. No filme, dá para ver como a banda estava muito crua, meio insegura de si mesma. E isso é muito interessante como documento. Já no disco, estamos com muito mais confiança, mais segurança de nós mesmos. Isso é o resultado de tocarmos juntos praticamente toda noite, durante um ano. Fizemos duzentos concertos este ano.

BIZZ *Fale mais sobre o filme.*

Sting — Ele foi dirigido por Michael Apted. Eu sempre fui fã do trabalho dele. Principalmente do seu trabalho em documentário. Porque, quando eu era um estudante, os filmes dele eram parte do meu curso de Sociologia. Ele fez uma série de filmes sobre um grupo de crianças na Inglaterra. Escolheu crianças de vários níveis sociais, quando tinham sete anos de idade. Crianças da classe trabalhadora, da classe média, da classe superior. Sete anos mais tarde, fez um filme sobre estas mesmas crianças. E, sete anos depois deste segundo filme, outro filme, e mais outro ainda, quando elas chegaram aos 28 anos. Um total de quatro filmes sobre as mesmas crianças do primeiro filme. Basicamente é um trabalho sobre como mudaram, como a sociedade moldou suas vidas. Assim, eu queria alguém que fizesse um filme sobre nós com este tipo de olhar, cheio de sensibilidade, percepção. Para descobrir as individualidades dentro do grupo. E acho que Michael Apted é ótimo para fazer isso. Particularmente sobre este grupo que eu reuni, que é uma coleção muito estranha de pessoas. Temos o que sou um cantor de rock do norte da Inglaterra, unido a músicos negros vindos do Sul dos Estados Unidos, de Nova York, de Chicago, de origens muito diversas, muito diferentes de mim. Eu nasci na classe trabalhadora, estes garotos negros saíram da classe média. Assim, havia um choque de culturas muito interessante. Por um lado, poderia ter sido motivo de conflito, mas o que aconteceu foi que todos nos ficamos muito unidos através da música. E o filme, na verdade, é sobre a criação desta linguagem entre nós, que foi a linguagem da música, pois tínhamos muito pouco além disso. E no fim do filme, nos transformamos em uma banda, como falamos sobre o Police. No momento atual somos uma família. Sou o patriarca, mas mesmo assim somos uma família.

BIZZ *Então, vocês estão planejando outras coisas juntos?*

Sting — Com esta banda, sim, estamos. Estive tentando agora organizar uma excursão ao Brasil em janeiro, uma coisa que eu gostaria muito de fazer. Fiz uma excursão ao Brasil com o Police em 82, tocamos no Rio de Janeiro. Eu adoraria voltar, parece uma boa época para ir ao Brasil, o verão.

BIZZ *E quanto a seu trabalho nos outros filmes? Quando você começou já pensava em somar a profissão de ator às suas outras atividades?*

Sting — Não, nunca foi minha ambição ser ator. Nunca pensei nisso, sequer. No ambiente em que eu vivia, ninguém tinha trabalhado como ator. Era uma coisa fora da minha órbita. Tornei-me um ator porque estava morando em Londres, sem dinheiro, e minha mulher era uma atriz. O agente dela me chamou para fazer um trabalho, porque eu estava precisando de dinheiro. Era um comercial, me pagaram cem libras, e me pareceu um jeito fácil de ganhar dinheiro. Depois, fiz mais uns três ou quatro comerciais, me chamaram para fazer um filme. Eu não tinha a menor idéia de que acabaria fazendo um papel num filme — fui apenas por curiosidade. E de repente, estava em *Quadrophenia*, com o Who. Não era um grande papel — nem era um grande filme —, mas foi um começo. Depois, continuei acertando outros papéis, já fiz uns oito ou nove filmes desde aquela época. Agora devo começar trabalhos com Jean Luc Godard e Martin Scorsese. Então...

BIZZ *Godard?*

Sting — Estou progredindo, não é?

BIZZ *E como? E você tem pensado também em dirigir, não?*

Sting — Se for o caso de eu continuar no cinema, acho que não suporto trabalhar como ator por muito mais tempo. É um trabalho em que a gente precisa ficar esperando o tempo todo. Você fica sentado ali, esperando outras pessoas decidirem o que você deve fazer. Esperando a iluminação, esperando os extras. Na verdade, é uma linguagem que pertence ao diretor. O ator é apenas uma parte entre muitas outras. E estou acostumado a controlar todos os aspectos de minha vida. Eu componho a música, faço os arranjos, cuido da engenharia sonora, até da comercialização. Assim, quando o resultado é bom ou mau, eu sou o responsável. No cinema, a responsabilidade de cada um é muito limitada. Por isso é que acho que, se decidir continuar no cinema, gostaria mais de ser um diretor, do que de trabalhar como ator.

BIZZ *Quando a gente lê suas entrevistas, a palavra "controle" é uma das que aparecem mais vezes.*

Sting — É, acho que sou um controlador típico, é uma grande falha de minha personalidade. Gosto de controlar, detesto ver as coisas fora de controle, gosto de ordem.

BIZZ *O que contrasta com o tipo de mensagem política que você tenta passar, mais liberal que esta vontade de ter tudo sempre sob controle.*

Sting — Bem, eu acho que minha mensagem política não é bem uma mensagem política — eu não acredito no processo político como meio de tornar o mundo um lugar melhor. Acho que é só um meio de tornar certas pessoas mais confortáveis, mais felizes. Mas, para a grande maioria, é um meio de fazer com que continuem oprimidos. Ora, eu não sou um ditador, politicamente. A ordem de que estou falando, o controle de que estou falando é um controle artístico. O que é muito diferente de achar que as pessoas devem ser controladas pela polícia. Estou falando de uma ordem que existe naturalmente na música, no ritmo, na harmonia natural das notas, do mundo. Em geral, mais ou menos nos esquecemos de que existe uma ordem superior no universo, achamos que devemos ganhar mais cem dólares ou explodir aquele banco. E é uma coisa que confunde, uma coisa superficial, não é real. Portanto, a ordem de que estou falando, o controle de que estou falando é o controle de meus próprios sentimentos, minhas próprias emoções. Um controle que me permite ligar-me a esta ordem natural do mundo. Uma coisa que não tem nada a ver com forças policiais, exércitos, armas ou violência em nenhuma de suas formas. Assim, de certa forma eu sou um liberal, mas não sou bem, acho que sou mais um anarquista do que... um anarquista benigno, digamos assim.

"Não é preciso ler Kierkegaard para fazer boa música pop"

BIZZ *No mundo do rock você é considerado um homem culto, uma espécie de intelectual... Você apontaria alguma influência no modo de você pensar e falar sobre o mundo?*

Sting — Bem, gostaria de falar uma coisa sobre a música popular em geral. Ninguém precisa ler Kierkegaard, ou qualquer outro autor, para poder fazer boa música popular. Muitos dos maiores expoentes da música popular nunca leram um livro sequer, não têm intelecto. Mas têm a habilidade de expressar suas emoções nuas, e isso é maravilhoso. É ótimo. Mas, ao mesmo tempo, eu não sou assim. Fui treinado, desde muito cedo, para tentar entender o mundo intelectualmente, não emocionalmente. E não posso dizer que sou apenas uma emoção nua, basta que pise no palco e mostre minhas emoções. O que tento fazer é introduzir esta formação intelectual em meu trabalho. É raro que isso aconteça nesta área, acho que é a primeira vez que se tenta isso. É uma coisa que estou fazendo absolutamente conscientemente. E estou sempre

dando pistas, indícios, fazendo citações e alusões a certos nomes, porque de certa forma ainda sou um professor. Sabe, recebo muitas cartas de jovens me dizendo que leram tal ou tal livro porque me escutaram falando sobre o autor. E eu acredito em livros.

BIZZ *Quais livros?*

Sting — Todos os livros.

BIZZ *Não, assim não. Me diga o título de alguns destes livros.*

Sting — Alguns dos livros que leio? Bem, eu leio de tudo. E a única coisa que coleciono: livros.

BIZZ *Um exemplo de um livro que um jovem deveria ler.*

STING

Sting — Um livro que um jovem devera ler?

BIZZ — *Um livro, pelo menos. Ou dez, mas acho que um é mais fácil.*

Sting — Meu Deus... Bem, eu acho que é muito errado ler apenas um autor, ou um estilo. É errado ler apenas sobre Filosofia, errado ler apenas romances, errado ler apenas História, qualquer coisa. É preciso ler tudo.

BIZZ — *Tudo?*

Sting — Tudo. Até as maiores bobagens. Acho que o próprio processo de ler é essencial para que possamos crescer no mundo. Em minha vida os livros foram uma aventura e continuam sendo. Tenho certeza de que, enquanto viver, nunca terei lido livros em quantidade suficiente. Sempre terei livros ainda por ler. Sou uma espécie de viciado em livros, como uma droga. Por isso é que não consigo citar apenas um livro, os que me vêm à cabeça agora são livros de culinária, imagine? Gosto mesmo de ler de tudo.

BIZZ — *Num plano mais social, você costuma falar da solidão da "atmosfera rarefeita do astro de rock"?*

Sting — Bem... não sei se é exatamente solidão. É uma vida estranha. Por exemplo, eu tenho uma casa na praia, aqui perto, em Malibu. Bem em frente ao oceano Pacífico. Dos dois lados, todos os meus vizinhos são gente de muito sucesso. Isto é, para ter uma casa neste lugar, a pessoa precisa ter um sucesso incrível. Ser muito rica. E a coisa me parece como o limite extremo de uma estrada. Parece que esta gente caminhou toda a estrada até o sucesso, através de todas as batalhas, cruzando o continente dos Estados Unidos. Acabaram chegando aqui, a esta praia. E tudo que têm pela frente é um sentimento de , de espanto, isto é, como se estivessem dizendo bem, aqui estamos nós, todos juntos, porque estamos aqui, porque fizemos isso, porque temos isso?". E é uma coisa muito estranha, porque todo mundo atrás de você quer estar lá! Por isso é que as pessoas acham, naquela posição, que devem estar certas, que devem estar no lugar certo. Este é o lugar em que eu deveria estar? Mas, por quê? Pode até ser um lugar agradável, mas afinal será que valeu a pena lutar tanto? No meu caso, penso que ter chegado a este ponto tão cedo em minha vida é uma coisa que só pode mesmo acontecer com um astro de rock. não existe outro meio para um jovem tornar-se tão rico. E fico pensando no que é enfrentar isto com tão pouca idade. há gente que chega a este ponto com 25, 20 anos de idade. Já são milionários. Como irão enfrentar o resto de suas vidas? Fico feliz em já ter 35 anos, porque tenho mais raízes, mais experiência. Mas é uma vida incrível. E é também uma estrada sem volta. Porque ninguém pode ser Peter Pan para sempre. Não é possível manter a imagem para sempre, a gente acaba perdendo a beleza. Por mais que o Michael Jackson gaste para manter a juventude, a verdade é que ele está ficando velho. Acho que a tragédia é ele tentar ser um garoto eterno. Eu me sinto feliz em parecer mais velho do que cinco anos atrás. Com esta barba, meu cabelo escasseando, as rugas se formando, gosto disso. Olho no espelho, posso me dizer: "Você é um homem de 35 anos". Quero ser este homem, não um garoto que nunca cresce.

BIZZ — *A flor que não quer virar fruta.*

"Eu apenas fui escolhido para ser o centro de um ritual"

Sting — Acho que significa também que é possível conservar um estado de equilíbrio, de sanidade mental. Porque não ser objetivo em relação a esse sucesso meteórico, toda essa atenção, essa massagem do ego é perder a sanidade. E levar a coisa a sério mesmo, aparecer diante de cem mil pessoas e dizer "isto é poder, poder de verdade, eu controlo", isso, então, já chega perto da loucura. Se a pessoa pode olhar com objetividade para tudo aquilo, ver que é um ritual, que eu apenas fui escolhido para funcionar como o centro daquele ritual, então, a coisa faz muito mais sentido. Isso não é poder de verdade, é só ritual. Pelo menos tenho a esperança de que seja só isso.

BIZZ — *Existe um aspecto duplo em suas canções, como na oposição entre 'Every Breath You Take' e 'If You Love Somebody Set Them Free'. Você acha que expressa melhor sua posição na primeira ou na canção mais recente? Ou será que precisamos das duas canções para entender o problema?*

Sting — Na verdade, acho que a gente só adquire habilidade ou méto fingindo. Em outras palavras, quando digo "If You Love Somebody Set Them Free" (se você ama alguém, de liberdade a esta pessoa), eu estou fingindo que tenho esta capacidade de dizer a alguém que amo tanto esta pessoa que sou capaz de dar-lhe liberdade. É claro que não passa de uma pretensão. Mas, ao dizer isso, a pessoa é forçada a pensar no assunto. Surge a possibilidade, a idéia de que isso possa ser utilizado na própria vida. E pode ser que o próximo passo seja a compreensão disto como uma verdade. Mas eu sou muito mais parecido com o ciumento obcecado por controle de "Every Breath You Take". É possível que todos nós sejamos mais parecidos com ele. Acho que é por isso que a canção é tão poderosa. Mes passado ela foi eleita *A Canção da Década*, por uma enorme pesquisa sobre a música que as pessoas mais gostam de escutar. É uma coisa que ao mesmo tempo me lisonjeia e me aterroriza, a sedução que existe em ser possuído, em ter um dono, em ser supervisionado e cuidado por um *Big Brother*, seja Deus ou o presidente Reagan. As pessoas querem isso. Ao mesmo tempo, eu quero ser a pessoa da outra canção, quero ser aberto, uma pessoa que ainda não sou. Ainda tenho medo, quero ser o controlador ou a pessoa que é controlada, sob vigilância. Acho que o fato de a primeira canção ser a mais popular dos anos 80 reflete um clima geral da sociedade do tipo: se Deus está morto, vou procurar um ator para fazer o papel de Deus. E temos Ronald Reagan no papel de Deus.

BIZZ — *Quem foram os músicos que moldaram, que estão moldando a música popular hoje?*

Sting — Acho que, quando falamos de música popular em 1986, estamos falando de um enorme dinossauro adormecido, ou de um dinossauro que está parando aos poucos, porque o que o sustenta é a mesma comida que o sustentou nos últimos 50 anos. Agora, não há mais nada de novo para nutri-lo. Agora, a música popular de certa forma se tornou uma atividade de arquivista. Nossos maiores cantores, nossos maiores compositores são todos arquivistas. Olhando para o trabalho de Bruce Springsteen — embora eu o admire muito —, a gente vê que ele é um arquivista. Ele olha para a história, vai lá e recolhe o que interessa. O que já provou que faz sucesso. Uma coisa sem riscos. Por outro lado, a música popular adquiriu uma presença agigantada. Estás por toda parte, não se pode mais escolher esta ou outra música. Ela nos cerca, é quase tão obrigatória quanto a música de elevador. A música pode ser até uma terapia, mas apenas quando é expressão de sua liberdade de escolha.

BIZZ — *Muitas pessoas gostam de chamar você de "homem da renascença", no sentido em que tem tantas atividades, domina tantas áreas culturais do tempo atual.*

Sting — (Dando uma risada) É uma coisa terrível para levar pendurada no pescoço, esta história de "homem da renascença". David Byrne é o "homem da renascença". Eu não quero ser isso. Dou o título para ele com o maior prazer. O título e tudo que vai junto com ele.

BIZZ — *Você já disse algo sobre esticar as fronteiras entre jazz e rock. Você acha que está trabalhando nesta direção?*

Sting — Estou sim. Estou muito interessado em viajar um pouco mais na estrada que tomei há dois anos. Quero ver até que ponto esta região pode estender-se. Acho que existe um ponto em que o que você acaba tocando é jazz. E nunca foi minha intenção tocar jazz. Minha intenção foi capturar a sensibilidade, o sentimento do jazz, mas nunca realmente tocar jazz. Acho que é uma região de fronteira interessante. Onde será que a gente acaba tocando jazz, onde será que a gente ainda está tocando música pop? Estou interessado nas fronteiras dos dois territórios. Realmente, não estou interessado no centro. O centro é reacionário e é conservador e nunca vai mudar. Estou interessado nas fronteiras das duas áreas, porque quando elas se encontram voam fagulhas, e é aí que está a

"Faz muito tempo que ninguém escreve uma melodia original"

criatividade, e é aí que eu quero estar. Algumas pessoas podem dizer que isso não tem muita substância, que é meio diletante, mas é isso que considero progresso.

BIZZ — *Você anda estudando Brecht e Weil, não?*

Sting — Não é apenas estudar, tenho um grande amor pela música deles, tenho tudo no meu piano, gosto de tocar a "Ópera dos Três Vintens". Gosto da idéia de que uma canção possa conter informação de uma natureza contemporânea. As canções de amor têm um componente que é também político, na obra de Brecht. Acho que Brecht foi um grande poeta nesse sentido. Ele tinha este componente político muito forte e ao mesmo tempo estava escrevendo canções sobre relacionamentos entre pessoas, sobre gente de verdade.

BIZZ — *Você gosta mais de idéias que de música?*

Sting — Prefiro não fazer um julgamento de valor. Gosto das duas coisas. Acho que as idéias podem criar um novo contexto para a forma musical. Afinal, há um limite para o que se pode fazer com apenas as oito notas da escala. Faz muito tempo que ninguém escreve uma melodia realmente original. O que se pode fazer é modificar o contexto da forma musical, introduzindo idéias. E estas podem ser totalmente originais, totalmente contemporâneas, se o compositor é sério. Quando Mendelsohn escrevia suas canções, o contexto no qual ele trabalhava era totalmente diferente, por exemplo, do contexto de Elvis Costello em 1986. Totalmente diferente. Com idéias ainda é possível ser completamente original. Com música, nem tanto. Por isso é que considero importante a associação entre música e idéias. É muito difícil, para um instrumentista que não usa palavras, encontrar áreas realmente novas. Mas eu já vi isso acontecer. Acho que Miles Davis fez isso no início dos anos 70 e também nos anos 50. Acho que a combinação de música e idéias resulta um produto muito mais volátil, muito mais revolucionário. É muito difícil ser revolucionário usando apenas música. Temos John Cage, talvez, e Stockhausen, mas a influência deles é limitada.

BIZZ — *Mudando de assunto, e sua vida pessoal?*

Sting — Minha vida pessoal... Minha vida íntima, você quer dizer?

BIZZ — *Sua mulher, filhos.*

Sting — Tenho quatro filhos. Todos por acaso, nunca tive a intenção de ter filhos. Tenho um filho de dez anos, uma filha de cinco, uma de dois anos, um filho com um ano. Mas são acasos muito felizes, estou contente que tenham acontecido.

BIZZ — *Atualmente você não está casado?*

Sting — (Uma longa risada) Não.

BIZZ — *Por que você ri disso?*

Sting — (Ainda rindo) Eu fui casado, fui... Foi uma experiência interessante.

BIZZ — *Existe uma atriz brasileira, Sonia Braga.*

Sting — Eu a conheço.

BIZZ — *Onde vocês se encontraram?*

Sting — Estivemos juntos em Cannes, no Festival. Já nos encontramos algumas vezes.

BIZZ — *Pois é, eu estava fazendo uma entrevista com ela, no ano passado, e falei de você. E ela ficou entusiasmadíssima. 'Meu Deus, eu quero é casar com esse homem'.*

Sting — (Rindo) Bem, ela nunca disse isso para mim.

BIZZ — *Vai ver que ainda diz.*

Fotos: Goldsmith/LGI/Sipa

STEVE WINWOOD
DE VOLTA À BOA VIDA

Depois de uma brilhante carreira com o Spencer Davis Group e o Traffic, na década de 60, ele seguiu uma errática carreira de artista solo e produtor.

Este ano, o lançamento de *Back in the High Life* o trouxe de volta aos palcos e às paradas. Quem conta em detalhes é *José Emílio Rondeau*

Muito pode ser dito a respeito do longilíneo e discreto Steve: que tem maneiras aristocráticas demais para o *nouveau-richismo* dos tempos modernos, que sua voz — um hipnotizante híbrido de inflexões negróides, romantismo pastoral e doçura angelical — consegue injetar emoção até mesmo numa corriqueira declamação da lista telefônica.

O sucesso resolveu abandoná-lo em meados dos anos 70, quando Winwood deixou o Traffic — um dos pilares do rock inglês daquela era. Bom, até agora era isso o que vinha ocorrendo — álbuns solo inspirados e recebidos com todos os possíveis carinhos da crítica, porém, nada bem-sucedidos comercialmente. A escrita, no entanto, foi quebrada com o quarto disco solo de Winwood, o aptamente batizado *Back in the High Life (De Volta à Boa Vida)*. O compacto inicial, *Higher Love*, com seus ritmos afrolatinos e o gogó encapetado de Chaka Khan fazendo uma aparição especial, disparou para o topo da lista de mais vendidos da *Billboard*, dando a Steve o primeiro *number one* de sua carreira solo. Muita coisa teria mudado para provocar mudança assim tão dramática na trajetória desse veterano bretão de 38 anos? O que há nesse disco que anos de colaboração com gigantes do tope de Jimi Hendrix (é de Winwood o órgão que enfeita "Voodo Chile" na versão aumentada, incluída em *Electric Ladyland*) não haviam conseguido fazer frutificar?

A palavra mágica talvez seja foco. Exceto sua antiga (e de gosto duvidoso) mescla Inglaterra/Japão/eletrônica/qualquer ritmo étnico com o percussionista nipônico Stomu Yamashta e o baterista Mike Shrieve, Steve, desde que saiu do Traffic, acostumou-se a gravar álbuns inteiros sozinho, tocando todos os instrumentos. Desta vez, contudo, Steve se deixou cercar de alguns dos melhores "gatilhos" que o produtor Russ Titelman conseguiu arrebanhar. E, dessa maneira, relaxou um pouco e mirou com mais tranqüilidade no seu alvo favorito: o coração.

A maior parte das músicas de *Back in the High Life* falam de amor comum. Mas, com aquela típica e tão rara qualidade das boas canções pop, transformam a experiência comum numa revelação profunda. E o time que colabora com Winwood nesse disco empresta um impulso artístico e comercial nada desprezível. James Taylor backing-vocaliza na faixa-título — um tocante tema romântico que nasceu meio highlife, passou por uma "cirurgia" de bandolim e virou quase um soul celta. Chaka Khan simplesmente barbariza em *Higher Love*. E o guitarrista Joe Walsh (quem ainda se lembrava dele?) é uma escada perfeita para os solos de sintetizador que Winwood improvisa em "Split Decision".

O sucesso atual de Winwood não deixa de ser curioso, pois chega no 25.º ano de carreira do artista! Trata-se, na verdade, da terceira fase de um caminho artístico tão prolífico quanto eclético.

Aos 15 anos Steve Winwood já era um ídolo inglês, cantando e tocando órgão e piano no legendário Spencer Davis Rhythm and Blues Quartet, ao lado do irmão Muff. O grupo chegou mais de uma vez ao topo das paradas inglesas, em grande parte graças à impressionante voz de Winwood. Em 1967 essas qualidades se tornaram ainda mais evidentes, quando Steve deixou o grupo e, consequentemente, o grupo implodiu. Winwood tinha 19 [illegible]

Steve mergulhou, então, no Traffic — ao lado de Jim Capaldi, Chris Wood e Dave Mason — para muitos anos de uma associação errática mas memorável, interrompida, na maioria das vezes, pelos arroubos criativos de Winwood. Um desses impulsos súbitos resultou no Blind Faith, alardeado como o primeiro supergrupo de toda a história do rock: além de Steve, o baterista Ginger Baker, o baixista Rick Grech (do Family) e o guitarrista Eric Clapton. Outras vezes, Winwood preferia colaborações-relâmpago, *one-shots* que o colocaram ao lado do reggae de Toots and the Maytals e de George Harrison e Marianne Faithful. Foi após essas breves incursões que Winwood virou, realmente, um artista solo.

No processo, Steve deixou de ser um ex-menino prodígio, um ex-gigante do rock, um ex-colaborador incansável, para ser um veterano maduro, enxuto e ainda bastante relevante para o entendimento do que é música pop nos anos 80.

NEW ORDER

INTIMISMO DANÇANTE

Eles são os eternos campeões de vendagem da gravadora independente Factory (ainda inédita no Brasil) e herdeiros diretos do Joy Division, o grupo introdutor do romantismo soturno no rock pós-punk (o New Order foi formado em 80 pelos integrantes do Joy Divison, após a morte do vocalista Ian Curtis). O comportamento de seus integrantes sempre autenticou o clima intimista evocado por sua música: não gostam de posar para fotos, quase não fazem videoclips, nunca atendem a pedidos feitos pela platéia em seus shows. E, como se não bastasse, ainda guardam na manga a cartada que os torna universais — sua música é literalmente adorada nas melhores pistas de dança do mundo.

No Brasil, a única chance de chegarem ao conhecimento do grande publico veio através da trilha sonora do filme *A Garota de Rosa Shocking (Pretty in Pink)*. *Eva Joory*, correspondente da BIZZ em Londres, conversou com o guitarrista vocalista Bernard 'Barney' Sumner, pouco antes do show de lançamento do quarto LP do grupo, *Brotherhood*, realizado no colossal Royal Albert Hall.

BIZZ — *Vocês se tornaram menos misteriosos, fazem mais shows, gravam mais LPs e até sua relação com a imprensa é diferente. O que mudou em vocês?*

Bernard — Fomos ficando cada vez mais populares. É a primeira vez que tocamos num lugar como o Royal Albert Hall. Mas todo esse trabalho vale a pena, porque música é principalmente comunicação. Acho que o nosso público deve ficar a par do que se passa com o grupo.

BIZZ — *Significa muito para vocês tocarem num lugar como o Royal Albert Hall?*

Bernard — Não muda muita coisa em termos de público, mas o lugar é lindo, bonito até demais para nós! Tecnicamente falando, é muito bem organizado, seguro, bem estruturado, e o som é excelente.

Fazemos música para ser ouvida mais de duas vezes

BIZZ — *Vocês concordam em ser chamados de* cult band?

Bernard — Bem, nós fazemos a cabeça de gente que gosta de um som mais *off beat*. Fazemos música para que as pessoas possam ouvir mais de duas vezes, e ouvir os discos depois de dois anos com o mesmo prazer.

BIZZ — *Por que vocês demoravam tanto para lançar um LP?*

Bernard — O que atrasava o lançamento dos LPs eram as capas de Peter Saville que nunca ficavam prontas na hora. O LP ficava pronto, esperando pela capa.

BIZZ — *Como é o seu ritmo de trabalho?*

Bernard — Nosso trabalho é puxado. No ano passado fizemos um show na discoteca Heaven, que rolou até as oito da manhã, e fomos direto para o estúdio, onde ficamos quarenta horas só para compor "Elegia". Nosso tempo é dividido também na compra de instrumentos, programação dos computadores e ensaios. Agora, por exemplo, estamos fazendo a trilha sonora de um filme chamado *Salvation*, dirigido por Beth B., uma americana.

BIZZ — *Vocês têm planos para shows fora da Inglaterra?*

Bernard — No final de outubro vamos para os EUA onde ficaremos seis semanas em turnê. A maior turnê que fizemos até hoje foi no Japão, onde ficamos sete semanas. Fizemos três shows em Tóquio, quatro em Osaka para o estúdio, por uma semana, seguimos para Hong Kong, Austrália, Nova Zelândia, Havaí e ainda ficamos uma semana nos EUA para entrevistas com a imprensa.

BIZZ — *Vocês gostam muito dessas viagens?*

Bernard — Eu particularmente não gosto de viajar, e acho que ninguém da banda gosta. Acho Manchester o melhor lugar do mundo. O lugar em si não importa muito, o que importa são as pessoas que a gente conhece. Se tivesse que tirar férias viajaria pela Inglaterra, que é um país lindo.

BIZZ — *Como você se inspira para escrever sua música, você lê muito?*

Bernard — Não leio nada, acho difícil ler, não tenho o mínimo poder de concentração. Sou inspirado pela própria música.

Componho a música nos teclados, nota por nota, crio sons estranhos, melodiosos, até chegar a algo. Para compor, o que conta mesmo é a imaginação, nossas experiências passadas, aquilo que vemos quando fechamos os olhos.

BIZZ — *Quais são suas influências musicais?*

Bernard — No começo fui muito influenciado pelo punk. Gostava também muito de Iggy Pop e de David Bowie. O grupo Kraftwerk era um dos meus preferidos e foi Ian (Curtis) que me apresentou o som deles. Depois passei a gostar de *dance music americana*, com muita bateria e muito ritmo. Detesto som muito barulhento. Gosto dos clássicos de Beethoven e Ravel, geralmente vou as lojas cantarolando uma melodia para o vendedor e ele descobre qual o compositor. Dos novos, gosto dos Pet Shop Boys, Prince, Smiths e Cocteau Twins. Adoro também um grupo chamado Further Class. O último disco que eu comprei foi de música árabe.

BIZZ — *O que vocês fazem quando não estão gravando?*

Bernard — Nunca ficamos desocupados! Mas, quando isso acontece, fico sentado em casa; sou muito preguiçoso para fazer qualquer coisa. Às vezes passeio de bicicleta ou de moto, ano passado velejei. Quando era pequeno adorava futebol, era o goleiro do time da escola. Mas fui mandado embora porque perdemos o campeonato por minha culpa. Recentemente, resolvi estudar canto, e descobri as diferenças entre os tons, e isso fez muita diferença para a minha voz.

BIZZ — *Como é o trabalho na Factory?*

Bernard — Na Factory, você faz o que quer e o que gosta. O pessoal nunca pisa no estúdio, e não opina sobre nada. Muitas pessoas não concordam com essa política, mas, se essa política não funciona para eles, a culpa é unicamente deles. É difícil, porque eles não promovem as bandas, não fazem nenhuma publicidade. Antigamente era mais fácil porque existiam menos bandas, e quem sofre agora são os grupos novos.

BIZZ — *Como foi feita a trilha sonora de* Pretty in Pink?

Bernard — O diretor queria pôr "Elegia" e "Thieves Like Us", que tinha adorado. Eram essas as músicas que originalmente iriam compor a trilha. No final não deu, e fizemos "Shellshock" especialmente para o filme.

BIZZ — *Fale sobre* Brotherhood, *o último LP de vocês, o som de vocês ficou muito mais dançável, mais pop.*

Bernard — Nós nunca planejamos uma direção para o nosso som, vem naturalmente das músicas que ouvimos e das novas influências que nós recebemos. Essa é a nossa direção.

BIZZ — *Na faixa "Every Little Thing Counts", você entra cantando e aí cai na gargalhada. Por que isso ficou gravado?*

Bernard — Quando fui cantar essa música, me dei conta da debilidade da letra e não consegui me conter. Achei muito engraçado, aí ficou. Mas gosto desse LP, foi um bom trabalho.

Foto Rogério Silva

Peter Hook, Samner e Stephen Morris [illegible] remanescentes [illegible]

UMA VESPA POR PERTO É SINAL QUE TEM GENTE MUDANDO.

Por mais que você tente encobrir, comprar uma Vespa é sinal que alguma coisa mudou em você. Uns chamam de evolução, outros de aperfeiçoamento, não importa. Ter Vespa é um jeito de ser, que você veste e não deixa mais. Todo emocional, liberdade, bom gosto. Muito racional: tecnologia, economia. A Vespa é o único veículo duas rodas, de sua cilindrada, que tem partida elétrica instantânea. Explicar mais? Quem tem Vespa, não precisa.

vespa

É PROVAR E MUDAR

MARINA
VOLTA COM TUDO

Nada como uma parada para tomar fôlego. Marina mudou de banda, trocou de visual e voltou com tudo. Ou melhor, com o LP *Todas Ao Vivo*, que alcançou a marca do disco de ouro. A repórter *Sônia Maia* foi conversar com ela sobre a vida, a música, as paixões e muito mais

Fotos Divulgação

"A partir do momento em que você se depara com o mundo, ele coloca *sua* escolha à sua disposição. E você não pode ser leviano e babaca com isso, senão você cai e tropeça. É como aquele deserto que parece que tem água mas não tem — você fica tendo miragens! Por isso você tem de aprender a ser inteiro desde cedo. O mundo é assim! Viver é difícil! Porque você tem que ficar matando um leão por dia, pelo menos. É muito cansativo... Mas vale a pena, porque você ganha o mundo".

Este trecho do papo com Marina resume o que significou para ela optar por alguma coisa na vida, seguir esta opção, alimentá-la e torná-la realidade. E quais foram os "leões" que Marina teve de matar e conquistar ao longo de seus treze anos de carreira e 31 de existência? A eles, então, um a um, desde a tenra infância até hoje.

De repente, aos 7 anos, Marina deixou sua adorada praia de Ipanema, fervendo a 40 graus, e embarcou, junto com os pais, para Washington, deparando-se com uma temperatura de 10 graus abaixo de zero. Um choque que não foi apenas térmico, mas, sobretudo, cultural! "Entrei para o jardim da infância, não sabia falar inglês... foi uma coisa muito sofrida, principalmente como criança. E nos EUA, que é um país muito rico, muito besta, você ser do Brasil significa que você é a merda da merda da merda da merda .. E eu me sentia muito sozinha ali, sempre pensando em quando eu ia voltar para a praia .. Aí meus pais me deram um violão, para me distrair, porque brinquedo eu quebrava todos .. Então a música entrou na minha vida para eu ser menos só. Foi a maior companheira para mim".

Marina aprendeu violão com uma amiga chilena de seus pais, ajudada, ainda, pelo marido desta amiga, chamado Letelier — só de passagem, o ex-ministro do governo Allende, que foi morto num atentado em Washington, já na ditadura de Pinochet. Depois disso, estudou violão clássico e sua vontade de cantar foi crescendo a cada dia. As vantagens de estar *lá* são óbvias: acesso a outra cultura, outra língua, muita informação musical — Beatles, Rolling Stones, *soul music*, Motown... Enfim, estímulo seguido de estímulo. "Uma coisa importante na minha história", ressalta, "é que eu me sentia estrangeira em qualquer lugar. Me sentia estrangeira lá porque não era de lá. E aqui também, porque passei muito

tempo lá. Era uma coisa meio de *alien* mesmo. Quando voltei para cá tomei um choque no colégio. Adorava estudar nos Estados Unidos! Lá eles te incentivam. Aqui os professores têm ódio de quem quer estudar. Tem ódio de quem sabe. Aqui estimulam a guerra de poder o tempo inteiro!''

Musicalmente, o que marcou Marina, quando ela voltou para o Brasil aos 12 anos, foi Caetano e Gil. ''Porque tinha uma coisa de comportamento universal'', explica. ''E a Gal — uma coisa de roupa, cabelo, guitarra... Quando a vi num show, ficou realizado para mim o que eu queria ser... Eu era muito dos centros do mundo: Rio, São Paulo, Nova York, Washington. Qualquer coisa regional era fora para mim. Por isso eu não gostei muito de Geraldo Vandré e essas coisas... Eu tinha antenas, não tinha raízes, entende?''

Marina queria ser psiquiatra. Mas, como ela teria de enfrentar a Medicina, sangue, acabou desistindo. E teve de optar, escolhendo, como já se sabe, a música. Em plena adolescência, ela resolveu retomar aos

''Compor é um estado febril''

Estados Unidos e fazer um curso de regência, teoria e composição. Lá estava, também, seu irmão Antonio Cícero, parceiro oficial de Marina.

Mas por que tanta fissura pelo virtuosismo? ''Eu tinha um pouco de medo de assumir... Fui meio pelo lado de tocar para que eu tivesse uma base para o que fosse pintar depois. O Cícero estava fazendo PhD em Filosofia, Lógica e Matemática — louco varrido! — e escrevia muita poesia. Comecei a musicar os poemas dele. Tudo começou assim. E o maestro — que era meu professor — dizia que eu devia cantar... Aí eu falei 'Pô, está na hora de crescer!' ''

Aos dezoito anos (77) Marina voltou novamente para o Brasil, fez um teste na filial brasileira recém-instalada da WEA e, dois dias depois, estava contratada. Tudo muito rápido e fácil. Mesmo assim, ela ficou dois anos sem gravar porque brigou com o presidente da companhia, que queria impor a ela o que deveria fazer ou não.

Amiga de Caetano (e dos baianos famosos em geral), talentosa e conquistando a simpatia do público, não foi difícil para Marina seguir seu estilo sem fazer concessões. De 77 até agora, ela tem tido uma carreira não de estrondoso sucesso, mas marcada por ouvintes excitados e amorosos para com suas melodias e interpretações. Como ela consegue isso? Simples... ''Compor é um estado febril... Geralmente o que me move é o dia-a-dia, as paixões. Adoro me apaixonar, nem que seja por cinco minutos. É mais do que amor: é a rotina, a incerteza, o risco — a aventura me atrai muito. Componho sobre estas coisas para eternizá-las... Acho que elas vão embora se eu não eternizá-las em canções''

Depois de um tempo parada — logo após lançar o penúltimo LP, *Todas* —, Marina retornou com uma nova banda (''O casamento estava velho'', diz, referindo-se a seu grupo anterior), chamada Pôe Pra Fora. Com certeza, quem viu o show pôde perceber novos ingredientes, ou seja, mais peso e energia. O LP consequente foi o *Todas ao Vivo*, que lhe rendeu seu primeiro disco de ouro. Outra novidade foi seu visual — calças jeans rasgadas no joelho *à la* Joey Ramone, com meias negras em forma de teia por baixo. Que história é essa? Virou punk, Marina? ''Tem a ver com rebeldia. Sou rebelde bem esquiva, cheia de jogo de corpo, de cintura. Adoro coisas que acho que ficam bonitas. E adoro coisas de moda. Gosto de criar moda, criar estilo''

E, por falar em rebeldia, o que Marina — com uma longa história no cenário musical brasileiro — acha da atual safra do rock? ''Rock é comportamento: de vida, de contestação, da gente ir contra o que é convencional. É nossa maneira de dizer não, fim e chega para outras coisas. De ser à margem do banal. É uma música vital, embora o que eu faça seja mais *cool*, *mild*, mais funk até. Eu acho — as pessoas podem ficar putas comigo — que no Brasil ainda estamos nos anos 70. Essa coisa de James Taylor... O Brasil inteiro cantando 'You've Got a Friend'?!?! Isso que estou dizendo não é para quem faz, mas para a grande maioria *ouvinte*. Temos de tentar igualar o nível de quem ouve. E de quem faz também, que a gente (músicos) não está fora de nada''

Marina faz rock de classe, romance sem melecas, alinhavados por uma voz na medida exata de seu estilo — único e intransferível. Será que esta artista tão completa sente falta de alguma coisa? ''De cantores novos! Tem muitas bandas... De repente acho que é mais 'fácil' para as pessoas virem à tona em grupos, porque se fica menos solitário. Você troca idéias, se sente meio numa tribo. Mas eu *sinto* falta de cantores, de companhia nesta área. Eu fico colorindo o mundo como eu o vejo. Mas existem milhões de outras cores que podem ser colocadas. Gostaria de vê-las.''

CABRA CEGA

''Estrada do Sol'', Gal Costa
Hi! Eu gosto dessa música. Dolores Duran — admiro muito. Como compositora, boêmia, contadora de histórias. Gosto mais da gravação dela do que desta da Gal... Mulher compondo já me deixa feliz para c*

''Tennessee Waltz'', Sam Cooke
Aí é f*! Não gosto muito. Tá bom! Ajudou a fazer história. Mas prefiro coisas mais antigas. Legal como referência. Me cansa, é cafona.

''Desculpe Baby'', Mutantes
É Rita? Mutantes, né? Na época dos Mutantes eu estava mais ligada nos Beatles, porque eu estava fora daqui. Foram importantes musicalmente. Era universal. E, depois, veja: a gente já tinha nosso conjunto de rock!

''My Funny Valentine'', Nico
Adoro esta música. Não sei quem está cantando. Tem uma gravação da Julie Landon que é linda! Do Frank Sinatra também. Não gosto muito de quem está cantando aí. Adoro essa época de música para cinema.

''Santa Igreja'', Mercenárias
Acho legal ter espaço para todos, milhões de possibilidades. Mas a música não me interessa. Parece que é contra a Igreja. Valeu! Tenho horror a igreja, religião.

''Remember (Walkin' in the Sand)'', Shangri-las
Cyndi Lauper? Não é minha cara. Parece música de teatro. Prefiro música. É como sentar num carro. Teatro parece que é fingir!

EM BUSCA DE INSPIRAÇÃO

SIOUXSIE & THE BANSHEES

Foto: Jean Yves Lepêtre

E lá fui eu ao Maksoud Plaza naquela terça à tarde chuvosa, dia do último show de Siouxsie & the Banshees em São Paulo, e talvez a última chance que tinha de conversar com eles antes de partirem da cidade. Na entrada do hotel, como combinado, encontrei o pontual conterrâneo dos Banshees e eventual colaborador da BIZZ, Peter Price, que, certamente, como pessoa que viveu na Inglaterra até 82 e acompanhou de perto o surgimento do punk, seria de grande ajuda. Era uma e meia da tarde, horário marcado para o início da entrevista. Só que Siouxsie e Budgie tinham acabado de descer para o almoço e Severin e Carruthers ainda não tinham acordado. Ah, *esses* ingleses não são pontuais...

SIOUXSIE

Duas e meia da tarde. Dave, o empresário da banda, faz um sinal. OK, a entrevista pode começar. Descemos para uma das boates do hotel, e o empresário nos avisa que tem uma equipe nacional de vídeo filmando trechos da entrevista, a pedido da banda. OK, sem problemas, entrem, por favor. Severin e Carruthers estão com cara de sono. Rapidas apresentações e eles se sentam. Olho para trás e vejo Peter sacudindo mãos com Siouxsie. Finalmente ela chegou. Ela se aproxima e diz: "Hello."

Sentamos à mesa, de frente para eles. Siouxsie usa um terno tipo japonês azul-marinho, com gola fechada no pescoço, e a tradicional maquiagem-máscara no rosto. Severin usa um terno parecido, com motivos psicodélicos. Budgie usa um conjunto de calça e jaqueta cinza, também com gola fechada no pescoço, e Carruthers está de capote preto, camisa branca e calça larga azul-marinho. Um barato. E, sem maiores divagações, a primeira pergunta. "Vocês foram uma banda punk?" Siouxsie: "Não". Silêncio. E agora, José?

■

Ainda bem que eu estava bem preparado. A história deles é absolutamente fascinante. Severin e Siouxsie, dois *enfants terribles*, tinham acabado de atingir a maturidade quando resolveram seguir (literalmente) os Sex Pistols. Faziam parte de um pequeno grupo de adoradores chamado The Bromley Contingent. Viajavam com os Pistols e enfrentavam todo tipo de problemas que os punks na época enfrentavam. Siouxsie chegou a ser agredida por um árabe em Paris, em plena rua, porque usava um corpete preto de plástico, topless e suspensórios.

No final de 76, Siouxsie e Severin resolveram formar sua própria banda, convidaram alguns amigos que, como eles, não tinham noções musicais. A idéia, no começo, era tocar a mesma música o tempo suficiente para serem expulsos do palco pela platéia. Sid Vicious e Marco Pirroni (que mais tarde tocaria com Adam & the Ants) eram seus companheiros de grupo. Abriam shows dos Pistols, apareciam na TV nos primeiros programas transmitidos pela BBC que falavam sobre o movimento punk. Era a época do choque, da novidade, da revolução... Os punks tinham chegado, e Siouxsie e os Banshees eram um exemplo disso.

"Nunca fomos uma banda punk", Siouxsie engata a segunda e começa a falar, "começamos na mesma época, 76. Só que as outras bandas eram colocadas no mesmo saco porque usavam roupas parecidas e soavam iguais. Nós nunca copiamos ninguém — e éramos difíceis de ser copiados. Nunca estivemos na moda, pelo menos não naquela época. So nos identificávamos em alguns aspectos com eles, talvez na atitude agressiva".

Isto é fato. Os Banshees sempre foram agressivos, pelo menos estavam fazendo sempre o oposto do que os padrões da época determinavam. Tocavam versões dos Beatles e Marc Bolan em instrumentos (sempre) emprestados, e mudavam sua formação de acordo com as (anti) condições do evento. Não eram bem-vistos por nenhuma gravadora. Proibiram o cineasta Derek Jarman de incluir músicas deles na trilha de *Jubilee*, porque consideravam o filme "perigosamente superficial".

Mas Siouxsie não parava de aparecer na TV e nos jornais. Era constantemente presa em plena rua

"O nosso estilo foi definido quando começou a ser copiado"

por causa de suas roupas. Foi posta para fora de uma casa noturna na ocasião da pré-estréia de *The Great Rock n' Roll Swindle*, o longa-metragem dos Pistols, porque usava uma camiseta em que apareciam dois cowboys homossexuais.

Já com um certo nome da praça, com uma formação mais definida (com Kenny Morris na bateria e John McKay na guitarra) e depois de vários shows autoproduzidos, eles assinaram contrato com a Polydor.

"Tínhamos duas escolhas na época", diz Severin numa voz quase inaudível, quase um sussurro, "ou a Radar Records ou a Polydor. As gravadoras independentes quase não existiam. Stiff e Rough Trade (as poucas que havia) na verdade agiam como gravadoras grandes, só eram menores no tamanho". "Desde o início", emenda Siouxsie, "deixamos bem claro que ninguém ia mexer no nosso som ou dizer o que deveríamos fazer. Nunca tivemos problemas deste tipo com a Polydor. Eles sempre nos deixaram em paz".

Lançaram o primeiro LP, que, como o segundo, lançado no ano seguinte (79), é difícil de ser assimilado, pelo menos por ouvidos acostumados a coisas melodiosas. *The Scream* e *Join Hands* são duas cacetadas. Só os Banshees tinham aquela sonoridade. Eram indefiníveis. E hoje, dez anos depois?

É Severin que responde: "É inviável ser uma banda indefinível por dez anos. Com o passar do tempo, acabamos sendo assimilados e adotados como estilo. So que nós fomos os inventores disso". Siouxsie acrescenta: "O nosso estilo foi definido quando começou a ser copiado. Sempre fomos acusados de estar fora do rock n'roll até aquele momento. E nos sabemos quem nos copia".

Peter certa vez me disse que o Bauhaus copiava o som de Siouxsie & the Banshees. Agora entendi a jogada: talvez não fosse Siouxsie que tivesse criado o som "gótico" (ou — vá lá — dark), mas, sim, suas cópias.

Seria culpa dos produtores envolvidos nos primeiros LPs, Steve Lillywhite (que mais tarde produziria U2, XTC, Big Country e os Rolling Stones) e Mike Stavrou (que já tinha trabalhado com o T. Rex)? "Na verdade eles foram co-produtores junto com a banda", conta Severin. "Eles nunca mexiam nos arranjos e nas nossas idéias. Além do que, eles, pelo menos Steve Lillywhite, estavam aprendendo conosco, estavam no começo".

A entrada de Budgie se deu na segunda metade de 79, após a saída meio trágica de Morris e McKay. Na realidade eles abandonaram o barco, em plena turnê promocional do LP *Join Hands* — numa atitude classificada de "sacana" por Siouxsie. "Algumas pessoas desistem quando não alcançam o sucesso rapidamente. Outras desistem quando o sucesso pinta rapido demais — são pessoas que não são tao fortes, quando bem-sucedidas, como o são quando fracassam".

Foi quando os dois saíram que Robert Smith tocou com os Banshees pela primeira vez. Naquela época o Cure abria para Siouxsie & the Banshees, e Smith foi o único guitarrista considerado apto para o cargo, até que aparecesse John McGeoch (que só entraria oficialmente em 81), vindo do Magazine.

Com nova formação, gravaram *Kaleidoscope* (80). "Foi um disco excitante de fazer", comenta Severin, "foi uma época de várias mudanças, principalmente com a entrada de Budgie como terceiro membro definitivo, e estávamos mudando bastante o nosso som". E estavam mesmo. Entraram talvez na sua fase mais fértil. Os discos consequentes, *Juju* (81) e *A Kiss in the Dreamhouse* (82), e uma série de singles como "Happy House", "Christine", "Israel", "Spellbound" e "Arabian Knights" são desse período. Foi a época, também, do lançamento da coletânea de singles *Once Upon a Time* (81), o disco deles que mais vendeu.

A Kiss in the Dreamhouse é, de todos os LPs do grupo, o preferido pelos integrantes. "O fizemos quando estávamos dissolvendo esta formação", conta Siouxsie, "foi o disco mais fácil e divertido de fazer". Mas, afinal, a venda desses discos deu dinheiro? "Não", responde Severin, "o que dá dinheiro são os shows. Os singles não dão dinheiro algum, porque tudo o que entra é aplicado em vídeos". Mas e os hits, aquelas músicas que entram nas paradas de rádio? "São os shows que vendem os discos", afirma Severin e Siouxsie completa. "Os produtores

"Toda esta viagem representa uma transformação para o grupo"

de rádio na Inglaterra não gostam de tocar nossas músicas. Quando os singles entram nas listas de vendagens, eles são obrigados a programá-los. Dá até para ouvi-los rangendo os dentes quando anunciam nossas músicas. Estamos começando a vender bastante, mas isto levou muito tempo para acontecer. Nunca fomos do tipo de grupo que já estréia vendendo um milhão de cópias".

Com Smith na guitarra eles fizeram dois concertos no Royal Albert Hall, em Londres, que foram filmados, gravados, lançados em vídeo e LP (ambos chamados *Nocturne*). O que aconteceu a partir de 84 já é relativamente conhecido pelos fãs brasileiros, uma vez que seus discos, a partir daí, começaram a ser lançados aqui. São eles o *Hyaena* (84) e o *Tinderbox* (86), este último já com o atual guitarrista John Carruthers (ex-Clock DVA).

"A idéia de tocar no Brasil é antiga", conta Severin, "há mais de três anos é que estamos negociando esta vinda para cá. Teve uma época em que se planejava um show nosso num estádio de futebol, com os Smiths. Eles não quiseram vir, mas nós sim". "Vários grupos ingleses e americanos estavam receosos de vir ao Brasil", acrescenta Siouxsie, "resolvemos tomar a iniciativa, pois sempre topamos este tipo de coisa. Estávamos mesmo precisando de uma mudança. Toda esta viagem representa uma transformação para o grupo. Viemos aqui para isso, e estamos aproveitando". É, estavam mesmo precisando disso, diriam os críticos ingleses que escreveram sobre *Hyaena* e *Tinderbox*. "A crítica sempre foi negativa em relação ao nosso trabalho", continua Siouxsie, "sempre tivemos problemas com eles porque não temos amigos na imprensa e nem queremos ter".

Pensei na atual situação do rock inglês. Pensei nos favoritos da imprensa britânica e nas bandas inglesas favoritas dos brasileiros. Perguntei sobre o Cure. "Gosto de algumas coisas", diz Siouxsie, "Robert é uma coisinha fofa. Sou como uma mãe, gosto muito de bater nele, ah, ah".

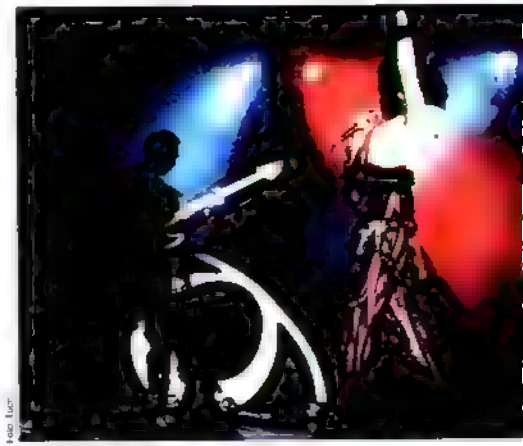
"New Order? Não gosto. Ouvimos o último LP deles, em casa. Na metade do primeiro lado olhamos um para a cara do outro e eu disse: 'Tira esse disco e liga a TV'. 'Blue Monday' é uma boa música, mas gosto de grupos que tenham cantores excepcionais". E os Smiths? "Não gosto, é um som vazio, oco, monótono". Mas, pô, do que é que vocês gostam?

"Prince, Talking Heads. Tem um single sensacional por aí chamado 'Love Can't Turn Around', de um cara que não conheço..." "Farley Jackmaster Funk", lembra John Carruthers. "O novo LP do Run DMC é muito bom", acrescenta Budgie.

E o que é um disco perfeito?", pergunto, me lembrando de ter visto Siouxsie citar o *Berlin*, de Lou Reed, e Severin o *Idiot*, de Iggy Pop, como melhores discos de todos os tempos, em uma entrevista publicada em um jornal paulistano. "O *Berlin* é perfeito porque é bom do começo ao fim", responde Siouxsie. Pergunto a Severin se ele ouviu o novo LP de Iggy Pop, *Blah Blah Blah*. "Sim, ouvi. Só gostei de uma faixa, 'Shades'." "Eu também. 'Shades' é linda", acrescenta Siouxsie. "Mas acho que o Iggy, depois dos Stooges, nunca conseguiu ser acompanhado por gente do seu pique. As pessoas que tocaram com ele ultimamente não têm o seu vigor, estão sempre atrás".

"Estávamos apreensivos e nervosos na noite da estréia", conta Siouxsie, "pois não tocamos juntos há muito tempo. Fizemos só três ensaios antes de vir para o Brasil."

Depois de três dias de show, não poderia deixar de perguntar sobre a relação deles com a platéia. "Foi boa", responde Siouxsie, "gostamos de tocar aqui". Perguntei também sobre as bandas que abriram seus shows em São Paulo. Sobre a Plebe Rude, Severin foi ácido: "Very brazilian". Em que sentido? "No da copia..." Sobre o Ira!, foi Siouxsie quem respondeu. "Não os vimos porque chegamos depois de eles terem tocado, mas alguém nos disse que eles são uma especie de Jam brasileiro. É verdade isso? É uma pena! Não tem nenhuma banda de psycho-samba



Steve Severin e Siouxsie (pronuncia-se "Suxi"): juntos desde '76

ou algo assim por aqui?" "Naãão!" é Peter que opina. "estou esperando anos por isso!"

✱

Siouxsie & the Banshees não têm muitos planos para o futuro. Depois de tocar no Brasil, fazem um show em Buenos Aires e voltam para a Inglaterra. Ainda no começo deste ano, devem lançar o novo LP *Through a Looking Glass*, que já está gravado e mixado. Deverão deixar saudades por aqui.

Minha última pergunta: vocês sabiam que um grupo brasileiro, chamado Gang 90 e as Absurdetes, lançou em 82 um compacto contendo uma versão em portugues de "Christine"? "Não", responde Siouxsie, surpresa. "Entrou nas paradas? Cade nosso dinheiro?" Thomas Pappon

MACALÉ

VIVO E CHUTANDO

Várias jardas ele percorreu, o nosso Jards, desde o seu último LP, lançado em 77. *Thomas Pappon* o alcançou em seu apartamento no Jardim Botânico...

"A casa é modesta mas o papo é imodesto", ele disse. Eu tinha perguntado se dava pra viver de música. Resolvi então fazer a *grande* pergunta: "Macalé, você tem acompanhado os novos trabalhos daqueles que estiveram na Tropicalia com você?" "Me afastei deles por questões éticas e não estéticas. Gosto de algumas coisas", ele responde, dedilhando calmamente o seu violão, enquanto olho pela janela satisfeito. Em uma hora de papo consegui levantar o que ele fez durante todo esse tempo. Miserável Macalé, que nos priva, desde 77, de outro disco seu. E de quem é a culpa?

"Passei um tempo fazendo shows para divulgar o *Contrastes* (77), acompanhado só pelo meu violão. Saí da Som Livre e assinei com a CBS. Eles tinham uns projetos generosos para gravações de vários artistas. Só que aí mudou a direção da empresa e de repente estavam me propondo uma rescisão amigável de contrato. Então fiquei três anos na Justiça."

E por essa e outras coisas que ele engrossa a lista dos compositores *malditos*, dessa gente difícil que gosta do que faz e exige liberdade para suas criações. Ainda bem que ele não parou de compor, de tocar e de desenvolver seus outros dotes artísticos. "Gosto de tudo o que é ligado à música", ele afirma, justificando sua polivalência.

Macalé trabalhou como ator e diretor musical em *O Amuleto de Ogum* (76) e *Tenda dos Milagres* (78), ambas as fitas de Nélson Pereira dos Santos. Mais recentemente fez a direção musical do vídeo *Alvorada Segundo Krysto*, sobre Glauber Rocha*, dirigido por Paloma Rocha e Raul Soares.

Esteve envolvido na campanha pelas Diretas-Já. Puxou o Hino Nacional na Praça da Sé e tocou em vários shows em benefício da causa. Votou em Darcy Ribeiro, mas diz que seu partido é o "partido alto". "Estou é preocupado com a Constituinte", diz, sabendo que vivemos um bom momento para discutir um projeto antigo de Macalé — a criação da Embrasom, uma grande gravadora nacional mantida pelo Estado e que pudesse competir com as multinacionais. "Uma Embrafilme para a música", ele explica, "só que sem os seus defeitos. Teria que ser mais descentralizada."

E a música de Macalé? "Estou no começo de um projeto diferente. Estou interessado em timbres, em experimentações, em coisas que abordei no meu primeiro LP (*Jards Macalé*, de 73). Quero entrar num estúdio para fazer um aquecimento. E em março quero lançar meu próximo LP." Beleza pura, parece que está tudo acertado. Vai sair pela Continental. E para este "aquecimento" ele está pensando em chamar um violinista, um percussionista e o guitarrista Lanny Gordin. "O Lanny é demais, estive ouvindo meu primeiro LP (do qual o Lanny participa) e resolvi tocar com ele de novo."

Jards pretende gravar músicas novas e outras de Noel Rosa, Lupicínio Rodrigues, Nélson Cavaquinho e Geraldo Pereira. Já decidiu que vai usar orquestra e pedir arranjos para alguns amigos ilustres como Severino Araújo, Wagner Tiso e Egberto Gismonti. Sintetizadores e ritmos eletrônicos? "Nem pensar. Toco guitarra mas gosto mesmo de instrumentos acústicos. Sei que não se pode cercar o Brasil e que sou um músico do terceiro mundo. Mas quero mergulhar na nacionalidade e fazer misturas de tudo que já absorvemos. Quero mixar muita coisa, conseguir novos resultados."

Dei uma boa olhada na discoteca dele. Que influências *ele* estaria absorvendo, que misturas poderiam pintar no seu próximo LP? Em pilhas dispersas, encontro discos de Bola de Nieve (cantor e pianista cubano), Jimi Hendrix, João Gilberto, Bezerra da Silva, jazz e muito, muito samba, sua grande paixão desde a infância, vivida toda no Rio. "Atualmente ouço muito Villa-Lobos e Jimi Hendrix. Não passo um dia sem ouvir Hendrix. Outro dia, ouvindo sons de pássaros, descobri como o Villa compunha: estava tudo no ar, nos sons ambientais."

Jards lê policiais ("Gosto de Agatha Christie") e gosta de folhear o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís Câmara Cascudo. São inspirações para suas novas letras.

Lembrei-me do *Contrastes*; dos três LPs de Macalé, este foi o que mais vendeu (cerca de cinquenta mil cópias). Lembrei-me da riqueza das composições, das variações de arranjos, da energia e do espírito inventivo do que chamaria de um intérprete moderno da MPB. E de lá pra cá, que outras coisas poderiam ter acontecido?

"Fiz coisas importantes durante esse tempo. Participei do 3.º Encontro de Músicos Populares Latino-Americanos, realizado no Rio. Fiquei um tempo em Penedo e fui à Paraíba com meu compadre Gilberto Vasconcelos. Fiz duas temporadas boas no Rio. Uma em 85 o show *Delta Zero*, e outra em 86, o *Let's Play That* (nome tirado de uma música sua, com letra de Torquato Neto). "Creio que o aprendizado mais rico foi as tardes que passei no apartamento de João Gilberto. Ficávamos tocando e desvendando coisas."

Macalé não tem acompanhado muito a produção musical, pelo menos as coisas que tocam nas FMs. Dos grupos de rock nacional, ele disse que gosta dos que "burilam mais, que vão a fundo".

Sobre a MPB de hoje, Macalé é lacônico: "A evolução da MPB é assim mesmo. As coisas do cotidiano vão sendo incorporadas, e a MPB de hoje reflete isso sempre."

De norte a sul vi tocando no Circo Voador. Macalé e seu violão. Tocou pouco, já era tarde, mas o público não queria deixá-lo sair do palco. Creio que vamos ter um grande disco neste ano. É bom mesmo. A música brasileira está precisando de novas ideias.

* Macalé compôs algumas músicas para a trilha sonora de *Drago Maldade contra o Santo Guerreiro* de Glauber Rocha.

Foto Chris O'Regan

A HORA DO REENCONTRO

Privilegiados ocupantes do trono pop da primeira metade dos anos 80, o grupo inglês esteve à beira da dissolução. Rixas e briguinhas alimentadas pela imprensa, o "racha" em dois grupos (Power Station e Arcadia) e — por fim — a saída de Andy e Roger Taylor, desgastados com as pressões do megaestrelato; tudo isso parecia prever o fim do Duran. Mas o trio que sobrou sai agora do estúdio confiante e disposto a engatar uma nova fase em sua carreira,como contam nesta entrevista exclusiva a *Cecile Tesseyre,* da agência Stills

DURAN DURAN

BIZZ — *Antes vocês eram cinco hoje não são mais que um trio, o que se passou?*

Nick — Ou melhor, o que aconteceu aos outros? Quando nós decidimos formar outra vez o Duran Duran, ao terminar nossas experiências do Arcadia e Power Station, depois do mês de abril John e eu tínhamos começado a trabalhar sobre algumas músicas esperando a chegada de Simon (ainda no seu barco), prevista para o mês de maio. Antes, eu estivera em Los Angeles, onde Andy estava instalado, e, juntos, havíamos composto algumas faixas. Aparentemente, nossa reunião em estúdio, todos os quatro, não parecia trazer nenhum problema. Em seguida, houve alguma coisa muito estranha: Andy não se apresentou ao nosso encontro: nós o tínhamos esperado, sem parar de chamá-lo na casa dele na Califórnia, sem resposta. Como ele não se decidiu a dar as caras, nós três começamos a gravar as primeiras *demos* de algumas partes. Até o último minuto, acreditamos que Andy se juntaria a nós. No entanto, já havíamos composto todas as canções para o álbum. Um belo dia, finalmente, ele nos telefonou explicando que aceitava gravar o álbum mas que não faria mais parte do Duran Duran. Nós respeitamos sua decisão. Ele participou de algumas faixas e foi Nile Rogers quem executou as outras partes de guitarra. Quanto a Roger, soubemos depois de muito tempo que ele queria deixar o show business para levar com sua mulher e o bebê o que eles esperam que seja uma vida mais calma. Foi o músico de estúdio Steve Ferrone quem o substituiu na bateria.

BIZZ — *Com o que se assemelha este álbum?*

Simon — A música "Notorious" (que dá nome ao LP) é bastante reveladora do nível de som que retomamos neste álbum, algo mais ritmado. É a *dance music*. Este disco será leve e espontâneo e, ao contrário dos anteriores, não será superlotado e superproduzido. Tudo nele é passado praticamente direto de nossa inspiração à fita final.

BIZZ — *As escapadas solo de vocês nos últimos anos injetaram sangue novo no grupo?*

John — Sim, bem mais do que podíamos imaginar. Nos últimos três anos, lançamos só um álbum descontando *Arena*, ao vivo. A evolução que houve não teve muito a ver com a maneira de compor as músicas, que, em si, não mudou. E por isso que, no meu ponto de vista, nós temos nas mãos dez ótimas músicas pop. A diferença está mais na maneira de interpretá-las, de escolha da produção, dos arranjos e instrumentação. Estas músicas soam verdadeiramente como Duran Duran, mas são mais maduras.

Simon — Eu não estou totalmente de acordo com John. Eu acho que, ao contrário, houve uma grande evolução a nível de composição. Nós nos livramos dos nossos problemas de ego. Isso muda tudo! Este álbum não é tão ambicioso quanto os anteriores e nos recoloca num mundo pop sem pretensões nem mania de

> **"Amadurecemos, aprendemos o lugar dos outros"**

grandeza.

Nick — Nós o reduzimos ao estritamente necessário, suprimindo o excesso.

BIZZ — *A separação marcou vocês?*

John — Nós amadurecemos muito. Ela nos ensinou a reconhecer melhor o lugar das criações dos outros e estar à escuta das suas sugestões, o que nem sempre acontecia antes.

Nick — Trabalhando com outras pessoas, descobrimos que um lugar privilegiado nos unia e que era absolutamente necessário preservá-lo.

Simon — Esta ligação foi reforçada quando, longe uns dos outros, líamos na imprensa artigos escandalosos que nos faziam mal. Quando deixava o barco, eu estava inquieto: me perguntava o que iria encontrar e o que iria me acontecer. Nossa reunião colocou as coisas às claras, e foi evidente que ficamos mais próximos uns dos outros.

John — Para traçar bem o projeto deste álbum, foi preciso ser totalmente desprovido de egocentrismo. Esta talvez seja uma das razões por que Andy tenha partido. Ele percebeu que não era mais o foco das atenções. Hoje reina um verdadeiro espírito de equipe (pensativo). Eu gosto do Duran Duran, é vital para mim, é a coisa que mais me completa.

BIZZ — *Depois de oito anos de carreira no auge do sucesso, não é um pouco frustrante ter de recomeçar uma turnê promocional?*

Juntos — Não, de modo algum!

Simon — Faz dois anos que nós fizemos uma turnê promocional e, de fato, nós morríamos de vontade de recomeçar. Isso pode parecer um pouco estranho, mas, na ocasião da gravação de um disco, nós concentramos nossa cabeça sobre a sonoridade, e toda nossa atenção é fixada sobre dez faixas de música. A grosso modo, analisar nosso trabalho, falar dele, é para nós muito instrutivo e interessante.

BIZZ — *Vocês têm sido considerados muitas vezes como pessoas do jet set — pessoas que passam os seus dias entre dois aviões e duas noitadas.*

Simon — Uma malha de asneiras! Ninguém melhor colocado que você para saber! É um preconceito no qual certas pessoas tentam nos lançar, é o que nós jamais aceitamos. Acredito que nossos vídeos anteriores, rodados em lugares exóticos, induzem muita gente a esse erro. Não apenas nossos detratores mas também muita gente envolvida em sua realização. De fato, nós tínhamos nos colocado num segundo plano e gostávamos das situações apresentadas. Isso infelizmente não foi compreendido.

John — O novo vídeo é muito simples a nível de conceito, mas as técnicas de filmagem são, em si, complexas. Esse vídeo responde a um desejo que tínhamos há muito tempo: aparecer atrás dos instrumentos, e não fazer nada além de anunciar o álbum. Antes, muito se perguntava, com razão, se nós fazíamos cinema ou música. Hoje, nós escolhemos nosso campo: eu sou baixista, Nick é tecladista e Simon é cantor.

BIZZ — *Suas diversas ocupações extramusicais (o bebê de Nick, o barco de Simon, os projetos dramáticos de John) não podem afastar vocês outra vez?*

John — Nosso único centro de interesse é o Duran Duran. A mulher de Nick cuida de seu bebê, e a irmãzinha de Simon do barco. Quanto a mim, não tenho mais nenhum projeto.

BIZZ — *Desde que vocês mudaram o visual, milhares de jovens se apressaram em copiá-los. Vocês são conscientes da responsabilidade que têm sobre eles?*

Simon — Nós a aceitamos.

Nick — Para ser honesto, eu não acredito que são muitos os que copiam meus atos e gestos. Em geral eles são muito jovens e esta reação é bastante inofensiva, raramente ultrapassa o corte de cabelo ou as roupas.

John — Este fenômeno é inevitável! Desde o momento em que uma pessoa entra no domínio público, muitos procuram se identificar com ela, se inspirando em suas atitudes, em sua maneira de atuar. Isso acontece conosco também... Por exemplo, se eu visse numa revista de moda ou num jornal uma roupa bonita, eu me diria: "Eu quero a mesma, para vesti-la do mesmo jeito que o modelo da foto, porque ele tem um jeito demente!"

BIZZ — *A última turnê de vocês foi há dois anos, em certos países da Europa, e faz seis anos que vocês não produzem ao vivo. Vocês vão voltar a isso?*

Simon — Certamente! Nós começaremos na primavera próxima uma turnê mundial que nos levará por seis meses a quase todos os países do mundo. Substituindo Andy e Roger, teremos na retaguarda Steve Ferrone, o baterista que tocou no álbum, e Warren Cuccurullo, ex-Frank Zappa e Missing Person, na guitarra. Em princípio, não seremos mais do que cinco no palco.

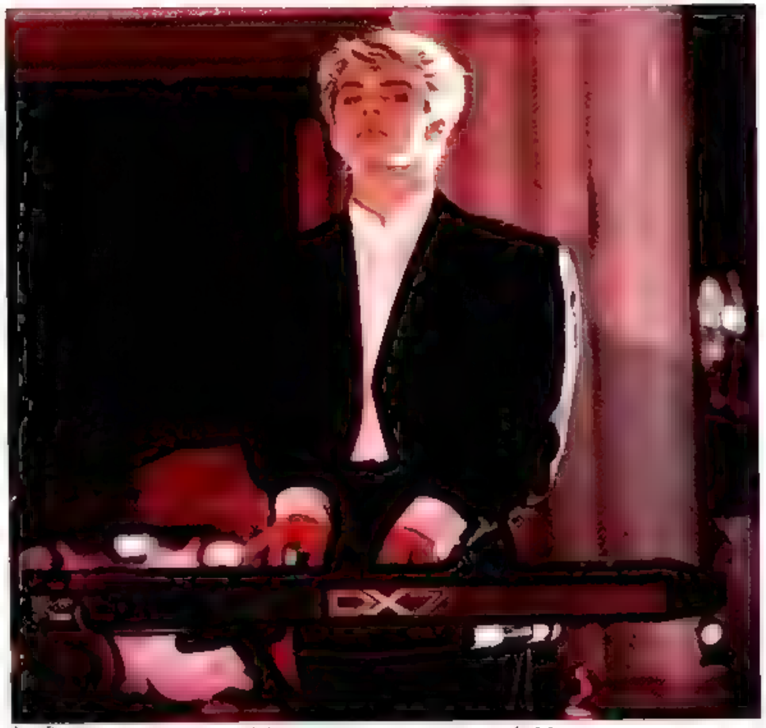
BIZZ — *Vocês são jovens, ricos, belos e célebres. O que vocês esperam da vida?*

Nick — Prosseguir nossa carreira com o Duran Duran... Nós temos essa turnê que é o início de um próximo álbum e outros em seguida... tal vez não queiramos fazer planos tão distantes.

John e Simon — Nós temos muita sorte, fazemos o trabalho que gostamos e alcançamos um vivo sucesso. Então queremos mais! Mais! Mais! O maior tempo possível.

John Taylor e Simon LeBon, os bonitões reconciliados e felizes — e muito [illegible] na unidade do velho Duran

Fotos: [illegible]



Nick Rhodes: [illegible] as sonoridades mais simples e [illegible] composições mais diretas

SOFTWEAR IN PARACHOK!

PARA CHOK

casual shoes

MADONNA

MADONNA

Madonna Louise Veronica Ciccone entrou numa nova fase de sua vida quando se casou — sob o zumbido ensurdecedor de seis helicópteros abelhudos, atrás de fotos e fofocas — com o ator Sean Penn, em Los Angeles. O casamento veio depois de um namoro de um ano e levou a cantora a um estágio mais maduro, inclusive materialmente: a casa em Hollywood, o Mercedes e planos familiares marcando presença em sua agenda durante um certo tempo. Foi o tempo necessário para o ajuste de novos planos, como sua participação no filme *Xangai Surprise* juntamente com seu marido, e a gravação e lançamento de seu terceiro LP, *True Blue*.

Ao contrário do que sua imagem de play-girl **indica, a sra. Penn, na vida real, é bastante decidida e ligada em negócios. O seu passado de classe média, ítalo-católico, ancorou-a num mar aberto, exposta a tudo, enquanto seus duros anos como uma simples desconhecida — foi modelo profissional, dançarina e cantora de clube, entre Paris e Nova York — deram-na algumas vantagens sobre seus contemporâneos. Há uma determinação envolvendo Madonna como uma aura, que seus amigos logo perceberam e que ela sustenta com suas atitudes instigantes.**

Para os fãs, não há Madonna que chegue. Com mais de 20 milhões de discos vendidos em todo o mundo, ela faz parte daquele seleto grupo de artistas (que inclui Prince e Michael Jackson) que são obrigados a competir cada qual consigo mesmo nas paradas de sucesso.

Esta entrevista foi concedida por Madonna ao seu amigo íntimo *Harry Dean Stanton* (o ator que protagoniza o *Paris, Texas*, de Wim Wenders), alguns meses depois de seu casamento, e publicada na revista americana *Interview*. Já passou algum tempo e algumas coisas mudaram na sua vida, mas é nesta entrevista que o(a)s ávido(a)s fãs de Madonna vão poder conhecer a fundo o seu passado e descobrir o que ela pensa (e como pensa) sobre o mundo que a cerca...

Harry — *Madonna, para começar do começo, qual a sua lembrança mais antiga?*

Madonna — Acho que minhas lembranças mais antigas datam de quando eu tinha uns quatro anos de idade, e são lembranças da minha mãe, que era linda. Quando eu tinha quatro anos, ou menos, eu me lembro de não ser capaz de dormir à noite. Então, ia para o quarto dos meus pais e deixava a porta aberta. Os dois, em geral, já estavam dormindo e acho que eu fiz muito isso de ir até lá, porque eles sempre se sentavam na cama e diziam "ah não, de novo!". Sempre dormia rapidamente quando estava com eles. Eu me sentia supersozinha e desamparada, apesar de meus irmãos e minhas irmãs dormirem no mesmo quarto que eu.

Harry — *Fale de sua visão de mundo quando criança.*

Madonna — Eu pensava que o mundo era meu nessa época, que ele estava cheio de gente esperando por mim, cheio de oportunidades. Parecia sempre que eu ia sair pro mundo e fazer todas as coisas que eu quisesse.

Harry — *Eu li que você gostava da canção "These Boots Are Made For Walking" — "Essas botas foram feitas para andar"... eu vou andar em cima de você todo...*

Madonna — A atitude de que eu falei não era bem essa — eu não queria chegar e aterrorizar alguém ou andar em cima de alguém —, mas somente a de que eu ia lá pra fora apanhar um bocado da grande floresta. Acho que eu fiz isso. E agora que eu sou uma mulher continuo fazendo isso. Por mais que eu tenha crescido e aprendido umas coisas, eu ainda tenho o mesmo sentimento imenso de que ainda há uma floresta para eu entrar.

Harry — *Você ainda é virgem?*

Madonna — (rindo) Yeah.

Harry — *Quando foi que você teve mais raiva na vida?*

Madonna — A época em que eu tive mais raiva em minha vida acho que foi durante a adolescência. Na verdade, eu meio que amadureci aí pelo último ano, porque eu finalmente consegui decidir o que fazer de meu velho e estranho Eu. Quando você está crescendo, a escola, a vizinhança, a igreja ou sei lá o quê, sua família — e eu tinha uma realmente grande —, todo mundo faz pressão para você se encaixar no grupo.

Harry — *Pressão da turma?*

Madonna — Não é bem que a turma faça pressão, é que você está começando a pensar diferente das pessoas, quer ser independente, mas antes de alcançar sua independência você precisa realmente se ligar em alguém. Na minha escola tinha os hippies — o grupo mais liberado, os caras que tinham cabelo comprido e usavam um monte de bijuterias e queimavam muito fumo no recreio. Eu não me identificava com eles, porque os achava muito preguiçosos. Depois tinha o grupo dos esportivos, que eram mais bem vestidinhos e tomavam um porre de cerveja por dia. Eu fui líder de torcida por uns tempos, mas chegou uma hora em que eu não agüentei mais. Não que eu não me interessasse por esportes, mas eles só se interessavam por aquilo — esportes e beber garotas. *Ooops*, ato falho. Bem, na verdade, isso é o que eles faziam — bebiam garotas e saíam com cervejas (risos). Na escola isso me irritava demais. Talvez porque meus pais não tivessem muita vida social, e por eu não conhecer ninguém que tivesse, eu tinha certeza absoluta de que faltava alguma coisa pra todo mundo. Eu não me identificava com ninguém, então ficava zanzando por aí. Nessa casa de amizade, eu me pendurava no exterior das coisas e acabava ficando amiga daqueles que os outros achavam os caretas da classe. Esses eram os meus melhores amigos, tipo os melhores em Física.

Foto Jon Lewis/ Gilda

Para desespero e tristeza dos fãs, ela é agora uma calma senhora bem casada... vai colar?

Harry — *Você tinha uma melhor amiga?*

Madonna — Sim, havia uma menina. Nós éramos ótimas amigas e acho que riamos juntas de *tudo* durante todo o tempo, mas depois nos separamos. A gente fez uma coisa que foi o maior barato, certa vez. A gente se achava, é claro, melhor que todo mundo, e o que a gente mais se interessava no mundo eram os meninos, é claro; então a gente resolveu se vestir feito umas putinhas.

Harry — *E foi aí que tudo começou?*

Madonna — Eu me lembro de um verão em que eu saí de casa e fui ficar com meus tios. Eles eram bem jovens, apenas alguns anos mais velhos que meu irmão, e eu achava que eles eram as pessoas mais geniais desse mundo. Eles tinham uma banda de rock. Eu fui visitar minha avó, no norte, em Bay City, Michigan. A gente podia comer doze sobremesas na casa dela e ficar acordada depois das dez da noite e sair com cervejas e beber uns garotos. Mas eu me lembro desse verão em que eu estava olhando a banda de rock do meu tio e usando um jeans apertadíssimo pela primeira vez na minha vida. Eu fumei um cigarro, sem muito sucesso, e comecei a me sentir tipo "sim, é isso, eu sou legal". Lembro de quando voltei e minha madrasta me disse que eu parecia uma vagabunda qualquer. Eu fiquei completamente arrasada.

Harry — *Isso foi antes de você ter aula de dança ou de música ou algo assim?*

Madonna — Eu estava estudando dança no segundo grau, mas isso era antes de eu me entregar a ela inteiramente. Nessa época, eu ia às aulas de dança, mas era puro divertimento. Era assim como uma válvula de escape pra mim, pra que eu não ficasse batendo nos meus irmãos e irmãs. Então eu voltei e, depois desse verão na casa da minha avó, senti que eu realmente tinha crescido — só pra descobrir que eu era uma vagabunda! (risos). Então tinha essa piada entre mim e minha amiga, que nós éramos vagabundas, porque ela ouvia isso da própria mãe o tempo todo, também. Qualquer coisa que a gente fizesse, como passar um batonzinho ou usar uma meia opaca em vez daquelas de nylon transparente, era barra.

Harry — *Então, de alguma maneira, vocês gostavam desse tipo?*

Madonna — Só porque sabíamos que nossos pais não gostavam. A gente achava isso divertido. Nós arrumávamos uns enchimentos, de modo que o peito ficava imenso, daí usávamos uns suéteres bem apertados — éramos as putinhas de suéter apertadinho. A gente usava uma tonelada de batom e uma maquiagem bem mal feita e usava um penteado como o de Tammy Wynette (cantora de country). A minha amiga ainda tem as fotos, nós deitadas na cama. Íamos guardá-las para poder olhar depois e rir, porque sabíamos como elas eram ridículas.

Harry — *Numa de suas entrevistas, você disse que é, basicamente, uma pessoa muito doce, muito boa — uma pessoa muito saudável e que adora seu corpo.*

Madonna — Eu sou. Eu sei que trouxe um monte de maus sentimentos para a "Maioria Moralista" ou "Associação de Pais e Filhos". Há um grande escândalo em torno da proibição de músicas com letras explicitamente sobre sexo, mas eu acho que as crianças, mais do que ninguém, podem perceber a bondade e a veracidade das pessoas. Você acaba perdendo essa confiança inocente e essa capacidade intuitiva de perceber isso nas pessoas, conforme vai ficando mais velho. Acho que são os pais dessas crianças que não compreendem isso e ficam com medo.

Harry — *Você acha que esse seu "querer ser" isso ou aquilo influen-*

"Eu era uma garota que tinha um sonho e batalhei até que ele virasse realidade"

Foto Lynn Goldsmith, Cortesia Sire

A garota materialista provoca e um fã mais ousado quase consegue

MADONNA

cia de fato as meninas de hoje?

Madonna — Acho, porque eu tenho uma postura muito decidida frente à vida e acho que elas percebem isso. O que elas percebem, antes de mais nada, é que eu era uma garota do Michigan e que eu tinha um sonho e que eu batalhei muito até que ele virasse realidade. Eu acreditava em mim mesma, agora acredito mais ainda, e as crianças precisam muito desse tipo de gente para se espelhar; gente que acredita em sonhos e mágica e em coisas felizes! Tudo é tão real, tão austero e careta. Hoje as crianças na escola já pensam que suas vidas vão ser bem curtas por causa do holocausto nuclear ou... o que eu tô tentando dizer é que cada vez mais parece que coisas negativas, pra baixo, acontecem pelo mundo afora — doenças incuráveis ou a fome ou a ameaça da bomba atômica. Que coisa louca para as crianças, crescer com esse tipo de ameaça! Não que sequer pensem a respeito disso, mas para que percebam que coisas positivas também estão rolando. Não adianta só dizer "do que adianta esperar alguma coisa da vida"?

Harry — *E você quer que isso penetre no seu canto e na sua música, esse sentimento de que você tem integridade, de que você não é um engodo, de que você diz a verdade?*

Madonna — Harry Dean, essas palavras são suas. Eu não quero ser uma compositora esotérica ou intelectual; acho que o que eu tenho a dizer é muito simples, positivo e cheio de vida.

Harry — *Acho a sua atitude genial!*

Madonna — Eu no de mim mesma, nunca me levo completamente a sério. Acho que essa é uma atitude que as pessoas devem procurar, você tem de rir, especialmente de você mesma. Eu faço isso na maioria das coisas que faço. Mesmo nos meus shows já houve tantas vezes em que eu parei e fiquei só rindo de mim mesma. Era como se eu gozasse da imagem que o público tem de mim. Por exemplo, eu terminava um show com "Material Girl" e no meio da música eu chegava junto dos caras da banda e eles me davam pérolas e diamantes e um monte de dinheiro falso que eu ia enfiando na minha blusa. No fim eu chegava pro público e perguntava "vocês acham que eu sou uma garota materialista?" e todo mundo respondia "yeah!". Então eu dizia "mas eu não sou" e começava a tirar aqueles baguinhos todos de minha blusa e a jogá-los no público. Era uma piada, e o público adorava.

Harry — *Essa é que é a verdadeira moral.*

Madonna — Se você não é capaz de fazer piadas consigo próprio, você nunca vai ser feliz. Você vai ser a pessoa mais emburrada da Terra, pode acreditar.

Harry — *Acho que os seus estudos de dança acabaram dando uma tremenda disciplina.*

Madonna — Isso veio antes de tudo — a devoção à dança, perceber que eu podia ser mais do que barro disforme, e que, com o tempo, muito trabalho e um monte de gente me ajudando, eu podia me transformar em outra coisa. Antes de eu me sentir assim, uma devota da dança, eu na verdade não gostava muito de mim mesma. Não me achava bonita nem talentosa. Eu realmente me odiei muito. Quando eu comecei a ter meu sonho e a batalhar por ele, com um mínimo de autodisciplina, foi aí que eu comecei a gostar um pouco mais de mim mesma. Aí isso extravasou pro resto. Não que agora, quando eu já estou perto de conseguir um monte de coisas em minha vida, eu sinta que é só querer alguma coisa e dar uma certa batalhada que eu logo consigo. Eu ainda tenho os mesmos medos, aquela estranheza de não saber nada sobre o lugar aonde você está se enfiando, do mesmo jeito como quando eu comecei a dançar.

Harry — *Você está falando sobre ser atriz?*

Madonna — Sem dúvida. Quando eu me senti confiante com a dança, eu comecei com a música. Comecei a compor um monte de canções. Mas, para aparecer diante de um monte de gente e cantar na frente de um microfone e um projetor, eu tive de me livrar de todos esses mesmos medos, tudo de novo. Acho que a minha vida tem ciclos, um atrás do outro, e eu vou aprendendo cada vez mais. Meus joelhos tremem e eu quero aprender, eu tenho medo, mas também fico ligada. Eu sou como um livro aberto. Quero pôr tudo que conseguir na minha cabeça, para depois tirar. Sou completamente desinibida num palco com

"Se você não é capaz de fazer piadas consigo próprio, você nunca vai ser feliz"

30 mil pessoas na platéia, sinto-me confiante porque conheço perfeitamente o que estou fazendo.

Harry — *Então, uma vez que você conheça o roteiro, o seu papel e suas falas, então...*

Madonna — Então eu me sinto muito confiante. Ser dançarina certamente me ajudou a aprender a tocar uns instrumentos e a entender a musicalidade, o ritmo, a coordenação e coisas desse tipo.

Harry — *Um amigo meu me disse que os homens vêem as mulheres de fora para dentro — em outras palavras, que elas devem ser lindas e gostosas e que só depois delas passarem por todos esses testes é que os homens vão falar com elas. Já uma mulher, olha primeiro o interior de um homem. Elas reparam nos olhos ou no jeito de ser — de dentro para fora. Isso é verdade?*

Madonna — Acho que há exceções em ambos os casos, mas, de modo geral, eu concordo.

Harry — *Você sabe quem disse isso?*

Madonna — Quem?

Harry — *Sean, seu marido.*

Madonna — Você vê como ele é esperto?

Harry — *Madonna, que tipo de música clássica você gosta?*

Madonna — Minha música favorita-favoritíssima é barroca, quer dizer, Vivaldi, Bach e Pachelbel e... a "Musica Aquática" de Handel...

Harry — *E Beethoven?*

Madonna — Ele é mais pesado do que os que eu mencionei. Eu não ouço Beethoven o bastante para dizer se gosto ou não. Quando eu estudava balé, ouvia música clássica o tempo todo, porque é isso que você ouve durante as aulas. Eu me interessei realmente, mas só ultimamente é que eu voltei a ouvir isso tudo de novo e, realmente, me faz muita falta. Isso tudo porque eu vivo num apartamento que não tem aparelhagem de som. Acredite se quiser. Outro dia meu marido estava tocando Brahms, que eu nunca tinha ouvido direito, eu adorei — era um concerto. Eu adoro Mozart e Chopin, só porque em grande parte da música deles dá pra perceber nitidamente uma qualidade doce e feminina.

Harry — *E sobre leitura — de que autores você gosta?*

Madonna — Depois de beijar meu marido, livros são as coisas de que mais gosto. Você quer saber quem eu devoro?

Harry — Como meninos e cervejas?

Madonna — Não, porque eu não *bebo* livros, eu *devoro* livros. Eu devoro livros e leio meu marido, Ok? Então, meu poeta favorito é Rainer Maria Rilke, um poeta alemão genial. Adoro James Agee. Um dos meus poetas eternamente favoritos é Charles Bukowski. Acho ele o cara mais legal do mundo. Ele mora em San Pedro e um dia desses eu ainda vou bater na sua porta e dizer "Charles, saia dessa casa e vamos conversar..." Ele é totalmente apavorante.

Harry — *O que há de tão apavorante nele?*

Madonna — Ele é superengraçado e *down*; eu adoro o que ele escreve, porque ele está sempre se cutucando e se ferindo, mas sem nunca sair da real. Eu tenho um monte de poetas favoritos, mas não me lembro deles agora. Além de biografias sobre gente que eu admirei em minha vida, eu adoro clássicos. Adoro James Joyce e Henry James e F. Scott Fitzgerald e Hemingway e J.D. Salinger e D.H. Lawrence e Thomas Mann — qual o nome, merda, daquele cara — oh! Balzac e Guy de Maupassant. Gosto de Françoise Sagan e Marguerite Duras; gosto de uma porção de escritores franceses. Dos novos que eu leio, gosto de V.S. Naipaul, Milan Kundera. E tem Lawrence Durrel; adoro os livros dele. Mais recentemente, passei pela minha fase Jack Kerouac e Kurt Vonnegut. Estou lendo três livros agora, um de Milan Kundera e oh! — eu adoro Alice Walker. Morro de vontade de me mudar para minha casa só pra ter um quarto cheio de livros na parede.

Harry — *E você nunca foi pra universidade — senão nem teria tido tempo pra ler todos esses livros.*

Madonna — Na verdade, eu fui pra Universidade de Michigan por um ano, mas eu estava na escola de arte, de modo que eu estudava

"Agora que eu estou apaixonada, é como se todas as músicas eu fizesse para ele"

dança, teoria musical e história da arte. Eu fiz um curso sobre Shakespeare, e isso foi tudo. Mas, cara, eu amo ler.

Harry — *E sobre pinturas?*

Madonna — Gostaria de saber muito mais a respeito do que eu sei, mas tenho alguns favoritos entre os antigos e os novos. Eu adorava esse pintor francês chamado Corot, antes que os impressionistas tomassem conta do pedaço, antes do tempo de Monet. Gosto também de Picasso, algumas fases, mas não entrei direito no Modernismo ou no Cubismo ou no Pós-Modernismo. Agora, entre os artistas mais jovens, acho Jean-Michael Basquiat um grande pintor. Adoro esse cara chamado James Brown. Acho que esses dois têm um trabalho realmente divertido. Gosto de Francesco Clemente, suas pinturas são super românticas e ricas — oh, e eu adoro Keith Haring. Acho que muitos pintores o depreciam, porque ele conseguiu capitalizar em seu trabalho um jeito das pessoas trazerem à tona suas lembranças pop, mas o acho muito talentoso. Gosto de humor em pintura.

Harry — *De que cantores e de que instrumentistas você gosta na música contemporânea?*

Madonna — Vamos falar de cantores. Eu gosto de Ella Fitzgerald, acima de tudo. Ela tem a voz mais linda do planeta. O modo como Ella canta arranhado é simplesmente inacreditável. Quanto aos cantores mais velhos, eu gosto de Sarah Vaughan, do velho Sinatra e do velho Sam Cooke. Nessa história de cantores favoritos, a maior parte das minhas inclinações, desde pequena, vai para cantores de *soul*, você sabe, R & B, negros.

Harry — *Você se lembra de Big Jo e Williams?*

Madonna — Sim, ele é genial, e B.B. King. Ele tem uma voz incrível e suas canções são lindas. É um grande guitarrista, também. Gozado. Não tenho muitos favoritos entre os mais recentes. Tom Waits, ele é um grande cantor e compositor e tem muito humor, gosto muito dele. Gostaria de conhecê-lo qualquer dia.

Harry — *Conhece a mulher dele, Kathleen?*

Madonna — Bem, ela deve ser gente fina. Ele só se casaria com alguém cem por cento. Agora, eu adoro Chaka Khan e Aretha Franklin. Acho que Prince tem uma voz ótima e é um grande compositor, também um grande músico, mas ele definitivamente precisa ter mais senso de humor. Eu adorava Joni Mitchell, antigamente. O disco *Court and Spark* foi minha bíblia por um ano inteirinho. Eu conhecia cada palavra de cada letra desse disco.

Harry — *O estilo dela te influenciou muito?*

Madonna — Não sei explicar direito o quanto os discos que eu adorava ouvir antigamente me influenciaram. Acho que cada disco que eu ouvi na vida me influenciou de alguma maneira, assim como cada pessoa que você conhece na vida te influencia. Acho Don Henley bárbaro, tem uma voz incrível. Chryssie Hynde, dos Pretenders, foi uma grande influência para mim. Ela era muito famosa na época e eu me ligava nela. Adoro Rickie Lee Jones também. Das cantoras contemporâneas, acho que essas são as minhas favoritas. Têm ótimas vozes, são ótimas instrumentistas e

MADONNA

são viscerais naquilo que fazem. E tem a Debbie Harry, a quem realmente admiro. Eu estava apenas começando a compor quando ela já era muito popular. Ela e Chrissie Hynde me influenciaram bastante, porque eram mulheres e escreviam suas próprias letras, que tinham imagens muito fortes que me davam coragem

Harry — *Debbie Harry é uma das minhas favoritas, também.*

Madonna — Se você estiver lendo isso aqui, Debbie Harry, oi. Sempre quis conhecer você. E Harry Dean quer sair com você

Harry — *E acho você a mulher mais bonita do mundo. Madonna, o que que te traz inspiração para compor?*

Madonna — Meu Deus! — acho que o que me inspira para compor são coisas que despertem minha curiosidade e me deixem feliz da vida. Isso pode ser uma coisa romântica, como o amor que sinto pelo meu marido, ou o que sinto pelos meus amigos.

Harry — *Você se sente diferente depois que se apaixonou por Sean?*

Madonna — Completamente. Me sinto mais calma e plena do que nunca. O que isso significa é que agora eu posso me concentrar nas coisas realmente importantes. É gozado, agora que eu estou apaixonada — é como se todas as músicas que faço, eu fizesse para ele. Eu faço para mim, mas na verdade eu faço pra ele — eu fico pensando "será que ele vai gostar?" Então o amor me inspira, Sean me inspira, e um grande livro me inspira, ou um grande filme, como *Um Lugar ao Sol*, com Montgomery Clift. Tudo me inspira — velhos passeando nas calçadas, um porteiro que cruze comigo. Sabe o que eu gosto de fazer? Quando eu vou a uma festa, fico conversando com os mordomos, os porteiros e os empregados. Acho que eles são o que há de mais engraçado nesses lugares. Uma expressão no olho de alguém, de repente, passando pela rua, pode me inspirar. As crianças me inspiram

Harry — *Você me disse uma vez que, antes de fazer sucesso, andava na rua e olhava no olho de todo mundo, e que depois do estouro na mídia tudo ficou diferente*

Madonna — Antes eu era só uma menina atrevida, eu ia metendo as caras, fazendo tudo para chamar a atenção das pessoas. Usava uma meia laranja e outra roxa. Fazia tudo para ser bem afirmativa no modo de vestir e é óbvio que eu acabei conseguindo alguma atenção. Eu olhava as pessoas atrevidamente, assim, nos olhos, quando eu andava pelas ruas de Nova York. Eu não tinha dinheiro para andar de táxi nessa época, então eu tinha de tomar muito metrô e adorava observar o efeito que eu causava nos outros, mas agora não tenho mais esse privilégio, porque já tenho toda a atenção do mundo. Quando ando pelas ruas, eu sinto que as pessoas não me acham interessante, elas me vêem somente como Madonna, uma pessoa de quem elas ouvem falar todos os dias. Olhar em seus olhos seria procurar encrenca, por isso, quando eu saio andando, hoje eu olho pro chão, e isso é supertriste pra mim. Mas é o único modo de me sentir segura, sem despertar um monte de reações indesejáveis.

Harry — *E sobre a imprensa?*

Madonna — Reações indesejáveis — e lá vamos nós falar da imprensa. Eu posso falar sobre isso e provavelmente não vou dizer nada que um monte de celebridades já não tenha dito. Veja a Jackie Onassis, que teve de ir a juízo para manter um jornalis-

"Eu quero pensar que minha carreira como atriz sobrevivera a todas as outras"

ta longe dela. Desde a minha excursão, eu não tive um único momento de paz da imprensa

Harry — *Eles abusam de seus privilégios*

Madonna — O que mais me enche nos *papparazzi* é que eles acreditam convictamente que eles é que puseram você aonde você está. Eles acham que, pelo fato de ser uma celebridade, você deve a eles todas as fotos que eles possam tirar. Acho isso completamente injusto. Uma coisa é você estar num lugar para funções sociais — sei que as pessoas têm interesse em ler sobre isso, mas eu não quero que tirem uma foto minha toda vez que eu for sair do meu prédio. Aliás, não é nem tirar as fotos que me incomoda, é o elemento surpresa, o susto que eu tomo toda vez que eles pulam de trás de um arbusto ou de uma esquina. É como um mini ataque do coração. Toda vez que eu vou correr no Central Park e eles estão esperando... eu estou passeando, ouvindo música e de repente eles saltam de trás de uma árvore. E, quando eles saltam pra bater uma foto, o modo como eles fazem isso — é como se estivessem me violentando. É uma situação muito traumatizante pra mim.

Harry — *Também não é justo que seis helicópteros fiquem zunindo sobre uma cerimônia de casamento*

Madonna — Não é, mas como nós estávamos conversando antes, os Estados Unidos são uma sociedade muito negativa. As pessoas querem sempre conhecer o que está embaixo, as coisas de dentro, sua roupa suja. O que não quer dizer que tudo o que sai na imprensa sobre mim seja negativo, ou sujo, ou algo assim, mas eles sempre têm a esperança de descobrir algo escandaloso. Então, os *papparazzi* ficam zunindo sobre você como helicópteros; são uns abutres. Se eles realmente compreendessem do que é que eles estão atrás em suas fotos, duvido que as fizessem. Quero ter meu dia — ir às minhas aulas de ginástica, me casar — sem que o mundo inteiro fique olhando. Eu já dei o bastante para o público com minha música e meus clips e um filme que eu fiz, e pretendo continuar a dar. Não vejo porque eles devem ficar tentando arrancar ainda mais de mim

Harry — *Madonna, a imprensa tem dito que sua ascensão foi meteórica, e que você vai se apagar tão depressa quanto apareceu; escrevem também que você teria dito que só daqui a 20 anos é que você será uma boa atriz*

Madonna — Ultimamente, tem muita gente querendo ver as pessoas decairem — é uma outra porção dessa sociedade negativa em que nós vivemos.

Harry — *Você acha que ela é negativa a respeito de tudo?*

Madonna — Não, porque, se fosse, pessoas como você e eu não estariam aqui. Se não houvesse gente com um comportamento firme e decidido a respeito disso, grandes livros e grandes pinturas, grandes filmes não seriam feitos. Sempre vai haver o adversário, o antagonista, o bem e o mal, o yin e o yang. Então, talvez o negativo exista para que a gente possa ver o positivo. Quando eu comecei, isso me feria muito, quando diziam que eu ia cair, sumir do mapa tão subitamente quanto eu apareci. É uma atitude ginasiana multiplicada por mil, você não pode dar bola. Na verdade, uma pessoa que se senta e fica predizendo o fracasso do outro está é com medo do próprio fracasso. Por que perder seu tempo? Por que não pensar no lado bom das coisas? É engraçado. Há 20 anos atrás tinha as estrelas de cinema, os músicos e as figuras públicas, mas havia muito mais mistério em torno deles. Agora, não apenas se diz tudo sobre a sua vida — inclusive o número de abortos que você fez — como também fazem questão de estar seguros de que todo mundo saiba, incluindo a criançada de dez ou doze anos, quanto dinheiro um ator ganha, quanto um filme arrecadou, quanto um show de TV arrecadou, os gráficos todos. Isso dá um tom científico pra tudo — tira toda a mágica de Hollywood. E eu fico muito triste com isso

Harry — *Transformam tudo em negócios, negócios, negócios*

Madonna — É, e quanto a ser atriz, não acho que eu vá levar 20 anos para virar uma boa atriz. Acho que o que eu disse é que eu espero ainda estar atuando daqui a 20 anos, quando eu sei que eu já não vou estar fazendo videoclipe para a TV. Nos últimos tempos, eu tenho pensado que a minha carreira como atriz talvez sobreviva a todas as outras

Harry — *Um amigo meu me disse que nos bastidores do* Live Aid *você parecia uma guerreira, conferindo se estava tudo certo, e que, você entrou como uma guerreira.*

Madonna — É um grande elogio. É assim que eu me sinto quando eu entro no palco

Harry — *Tem sido dada uma ênfase muito grande em sua imagem como um símbolo sexual. Mas na verdade você tem dois grandes hits antes das pessoas conhecerem sua aparência, certo?*

Madonna — Eu fiz sucesso em lugares onde ninguém sabia como eu era. Era considerada uma artista de discoteca, e, depois, quando eu emplaquei o meu primeiro sucesso nacional, "Holiday", as pessoas ainda não sabiam como era a minha imagem. Foi só com o clip de "Borderline", que foi o terceiro sucesso do meu primeiro disco, que as pessoas colaram meu rosto às minhas canções. Acho isso um pouco irônico...

Harry — *É frustrante, também. A ênfase tem sido totalmente colocada em sua imagem enquanto símbolo sexual, deixando na sombra seu tremendo talento como cantora, instrumentista, co-produtora de disco e produtora de videoclipes. Você também põe muito a mão na direção de seus clips, certo?*

Madonna — É, eu sempre colaboro com os que trabalham comigo. Agora, eu duvido que tivesse o sucesso que tenho agora, se minha carreira estivesse baseada inteiramente em minha aparência. Isso só mostra que o aspecto físico conta muito. Mas você tem de reagir

Harry — *A canção "Holiday" fez sucesso tanto nas rádios de brancos quanto nas de negros*

Madonna — Meus dois primeiros sucessos ficaram somente nas estações de rádio de negros e só depois de "Borderline", meu terceiro sucesso e meu primeiro clip, é que eu entrei para as estações de público branco. As pessoas não sabiam com o que eu me parecia antes disso e eu só era tocada nas estações de negros. Mas considero que eu já fazia muito sucesso, então

Harry — *As suas demos são próximas do resultado final do disco?*

Madonna — Depende. No meu primeiro disco, as demos que fizemos não ficaram muito próximas simplesmente porque eu não me envolvia

"Eles ficam lá de tocaia e qualquer coisa que eu diga eles dizem que é imoral"

muito com a produção do disco. Foi só depois de já ter feito três quartos do disco que eu me toquei de que podia atuar muito mais do que eu estava me permitindo. Então peguei o que já tinha sido feito e despojei as canções de um monte de recursos, deixando-as mais, digamos, rarefeitas. Então, no segundo disco, eu já tinha bem mais confiança em mim mesma e tive muito mais o que fazer para que o som saísse do jeito que eu queria. Eu realmente trabalhei lado a lado com Nile Rodgers. Quando eu trouxe as demos, tudo que precisamos fazer foi transferir aquela coisa meio precária para um som maior, mas o principal já estava lá

Harry — *Você pertence ao seleto grupo de compositores — e estou incluindo na lista, Michael Jackson, os Beatles e Elvis — que precisa competir consigo mesmo nas paradas para emplacar um outro sucesso*

Madonna — Bem, eu não posso me queixar. Quanto mais, melhor. Eu gosto do fato que todas as minhas canções vão indo muito bem, obrigado. Quem não gostaria?

Harry — *Eu vou passar agora ao assunto censura. Como é que a censura se relaciona com seu trabalho?*

Madonna — Eu vou lhe dizer, Harry Dean. Basicamente, um bando de moralistas se juntou e resolveu que a maior parte das letras e da imagem pública de um monte de artistas pop seria nociva para suas crianças, teria uma péssima ascendência sobre elas. Eu diria que eles estão pegando um monte de gente diferente e juntando todo mundo num saco só. Não me interessa se uma parte, tal ou tal palavra das minhas letras merece ser censurada ou não. O fato é que eles vão sempre tentar encontrar uma palavra em cada canção para se ater. Acontece que a maior parte das minhas letras tem duplo sentido ou então um monte de significados, então, se você quiser pegar a coisa exclusivamente pelo lado sexual... Eu não uso palavras ofensivas nem profanas, de modo algum. Acho que, na verdade, eles estão querendo pegar "Like a Virgin", mas, como ela não está mais nas paradas de sucesso, não há muito do que se queixar. "Dress You Up in My Love" (vestir você em meu amor) quer dizer simplesmente envolver alguém completamente com seu amor — é uma canção de amor. E muito inocente. Acho que todas as minhas canções tem um elemento de flerte e de desejo. Mas nunca é na base do "Vem,

Foto Vinnie Zuffante Star File Stills

Disfarçada de Marilyn Monroe, numa pausa de seu novo filme

baby — vamos direto pra cama"
Harry — *Acho que as pessoas sempre pensam na sexualidade como algo sujo*
Madonna — Eles estão se queixando por causa dos seus filhos entre oito e catorze anos que vêem clips na TV o dia todo e compram discos. Sou francamente contra a violência nos clips e acho que muitos grupos se apóiam nuns poucos esquemas temáticos para tornar seus clips interessantes. Você vê sempre uma menina andando de minissaia ou um cara num carro a mil por hora que depois capota, ou coisas que explodem, mas não acho que a violência dos clips seja maior do que a cotidiana, aquela que a gente nem percebe. Então, se você não quer que seus filhos fiquem expostos à violência, você não devia deixar que eles vissem TV nunca. Duvido que esses moralistas sequer escutem as coisas que eu digo em minhas canções; eles só estão pensando em minha imagem. Eu tive um escândalo com a *Playboy*. Eles ficam lá de tocaia e qualquer coisa que eu diga eles dizem que é lascivo e imoral. Vamos e venhamos, a lascívia está nos olhos deles. Deixa eu transcrever aqui um pedaço do *I-Ching* a respeito desse assunto: "Também a música tem poder para relaxar as tensões do coração e afrouxar o laço das emoções obscuras. O entusiasmo do coração se expressa involuntariamente numa canção, ou na dança e no movimento rítmico do corpo. Desde tempos imemoriais, o efeito inspirador de sons invisíveis, que move todos os corações e os une, tem dominado os homens. Os governantes sempre utilizaram este gosto natural pela música. Ela era olhada como uma coisa séria e sagrada, utilizada para purificar o sentimento dos homens; cabia à música glorificar a virtude dos heróis e construir, assim, uma ponte até o mundo invisível". Isso bem que belisca os moralistas, você não acha?
Harry — *Até certo ponto, sim. Mas vamos falar do caso* Playboy.
Madonna — Quando foram tiradas, há uns oito anos, não era para nenhuma dessas fotos ser publicada em qualquer revista. Foram feitas por um desses caras que tiram fotos de nus para exposição e coisas do tipo. Na época, eu não era famosa e não me ocorreu que eu estivesse preparando terreno para futuros escândalos. E, na verdade, por muitos anos, quando eu me mudei para Nova York, eu posei para um monte de escolas de arte, já que o nu é uma matéria essencial para quem esteja estudando isso. Eu estava em ótima forma e um pouco abaixo do meu peso, de modo que dava pra ver meus músculos e alguns ossos salientes. Eu era uma das modelos favoritas, porque era fácil me desenhar. Era muito bem paga para fazer isso, e não tinha de trabalhar oito horas num restaurante, por exemplo. Dava para trabalhar numa escola umas três horas, depois ter aulas de dança o resto do dia, depois fazer meu show à noite, se estivesse rolando um. Como eu fazia isso, muita gente começou a querer que eu posasse particularmente para eles. Alguns se organizavam em pequenos grupos, nos fins de semana, digamos três pessoas de uma classe, e eu posava para eles. Quanto menor o grupo, melhor. Tinha muita amizade nessa história, essas pessoas se tornaram meio que mães e pais pra mim; eles cuidavam de mim. Daí acontecia que eles diziam às vezes que conheciam um grande fotógrafo

"Ele me pediu para casar com ele mas não disse alto. Eu li em sua mente para ele"

que iria fazer uma exposição e estava precisando tirar umas fotos de nu. Foi assim que eu me envolvi com alguns fotógrafos. Eu ganhava bem mais pelas sessões de fotografia do que pelas de desenho. Acho que o nu é uma obra de arte. Não vejo pornografia em Michelangelo, e eu gostava do que fazia. Era uma ótima maneira de ganhar dinheiro. Só que aconteceu de eu ficar famosa e fazer muito sucesso e a América, a *media* e a imprensa acabaram puxando a coisa pra esse lado
Harry — *Tentando fazer disso uma coisa suja, obscena.*
Madonna — É claro, é essa história de sociedade negativista de novo. Além disso, é assim mesmo que as coisas acontecem a uma pessoa quando ela fica famosa; eles vão logo atrás dos segredos escondidos no mais profundo dos baús pra mostrar pra todo mundo. Bem, acontece que eu não deixei nada de sujo e obscuro atrás de mim, porque não tenho vergonha de nada do que fiz. É claro que eu preferiria que essas fotos não tivessem sido publicadas porque o modo como a coisa foi promovida não era lá muito lisonjeiro para mim; mas, quando as pessoas viram as fotos, afinal, elas pensaram "bem, mas que que tem de mais aqui?"
Harry — *Fale de suas metas. O que é que você quer fazer?*
Madonna — Acho que, lá no fundo de mim mesma, independente do que eu estivesse aprendendo, eu sempre quis desenvolver um trabalho de atriz, construir uma carreira por aí. Acho que estou conseguindo isso por um caminho bem tortuoso
Harry — *Que atrizes a influenciaram mais?*
Madonna — Judy Holiday e Carol Lombard, por causa da sua inocência e do seu senso de humor.
Harry — *Com que diretores você acha que seria legal trabalhar?*
Madonna — Adoraria trabalhar com Bob Fosse, Martin Scorcese e Jamie Foley. Acho que em geral as pessoas não têm gostado muito do que ele vem fazendo ultimamente, mas eu gosto demais de Coppola. Tem também Roman Polanski, Mike Nichols. Teria adorado fazer um filme com Fassbinder e com George Stevens. Mas agora já não dá mais
Harry — *Você disse antes que muito do seu trabalho é dedicado a Sean. Que ele a inspira tremendamente, que você se encontrou mais, agora que está apaixonada — mas vamos deixar de papo furado, Madonna — foi ele que fez o pedido de casamento ou foi você? Como aconteceu?*
Madonna — Sean me pediu para casar com ele, mas ele não disse isso alto, eu li em sua mente. Eu li sua mente para ele
Harry — *Aonde vocês estavam?*
Madonna — Em Tenessee, no hotel *Something Inn*. Nós estávamos no meio do nada e a única coisa de interesse ali era o mercadinho *7-Eleven*. Era domingo de manhã e eu estava pulando para cima e para baixo na cama, fazendo um dos meus rituais matutinos, quando de repente ele ficou com esse olhar e eu senti que eu sabia o que ele estava pensando. Eu disse — "O que quer que você esteja pensando, minha resposta é sim". Era a chance dele. Ele a agarrou
Harry — *Você disse "sim" imediatamente?*
Madonna — É claro que disse. Sou uma mulher de palavra. Então, nós fomos ao *7-Eleven*, compramos um monte de quebra-queixos e celebramos. Sean é o meu herói e meu melhor amigo.

ELTON JOHN LEATHER JACKETS

Já era esperado. Em uma semana Elton John faturou o seu rotineiro Disco de Ouro no Brasil com o Lp Leather Jackets.
Se você ouve rádio, certamente já ouviu falar deste disco.

UM PRESENTE POLYGRAM NAS MELHORES LOJAS DE TODO O PAÍS

IGGY POP

ESTÁ DE VOLTA: VIVO, ATIVO, SÃO E SALVO

Era um domingo cinza e [redacted] chuvoso, perfeito para uma tarde entre lençóis. Mas eu estava plantado ao lado do telefone, com um gravador acoplado e umas cento e cinqüenta perguntas na cabeça, esperando a ligação de Londres que me colocaria cara a cara bem, quase — com o sr James Osterberg. A entrevista estava marcada para o meio-dia

Às quatro da tarde, eu desisti. Aliviado, até: falar com alguém que foi um ídolo na adolescência pode colocar o indivíduo em algumas situações embaraçosas como branco mental, gagueira e idiotice generalizada.

Digamos que a entrevista era mesmo dispensável: passei todo o tempo de espera relendo o sensacional livro de memórias do sr. Osterberg, mais conhecido como Iggy Pop — *I Need More — The Stooges and Other Stories* (Karz-cohl Publishing, Nova York). Nesse volume estão todas as suas aventuras, da infância passada no trailer onde seus pais moravam à ascensão ao panteão dos "malditos do rock'n'roll".

Aliás, enquanto eu ria sozinho com os casos do Iguana, tentava lembrar de quando tinha lido alguma entrevista sua... nunca. Mas, dali a uma, duas semanas, elas começaram a chover. Revistas americanas, inglesas, francesas, que diabo... comecei a me sentir sacaneado

Como a maioria do pessoal da minha idade, fiquei conhecendo Iggy através de seu "salvador e melhor amigo" David Bowie.

Num belo dia de 1972, concluída sua posição de superstar máximo na Inglaterra, Bowie obrigou seu empresário Tony de Fries a contratar dois ídolos seus que haviam caído no esquecimento: Iggy e Lou Reed. Ele mesmo, Bowie, se comprometia a produzir as gravações, que dariam em *Raw Power* de Iggy e *Transformer* de Lou.

Começou, então, a pregonação à cata de Jimmy "Iguana" Osterberg Foi encontrado numa clínica de desintoxicação à base de metadona, valium e golfe, um pálido reflexo do alucinado que inauguraria o chamado "punk rock" entre 1968 e 69, à frente dos Stooges ("Patetas")

"Não agüento mais falar sobre isso, a demência, a loucura... eu só cheguei a me cortar mesmo, no palco, com cacos de vidro, uma vez", diz ele numa das entrevistas mais recentes

Foto: Ebet Roberts/LFI

Mas a imagem já está gravada para a História: Iggy, de jeans e botinha, sem camisa, uma coleira de cachorro no pescoço, cabelo pagem e olhos esbugalhados, se contorcendo como o homem-de-borracha, ora xingando a platéia, ora promovendo sessões de sexo oral com ela Num dos shows mais célebres, lambuzou a si mesmo e a meio mundo do público com manteiga de amendoim.

"O som dos Stooges era aquilo que mais tarde seria chamado de 'Sex Pistols no início' ", diz, com toda razão, em *I Need More*

Quem conhece os dois LPs que o grupo deixou — *The Stooges* (69) e *Funhouse* (70), ambos lançados no Brasil — sabe a fôrma de modelagem do outro grupo que foi tão importante para o punk quanto os Pistols (os Ramones, e não o Clash como muita gente pensa) também foi calcada neles. Uma olhada na contracapa do primeiro LP basta

Músicas como "No Fun" (que os Pistols tocavam ao vivo) e "I Wanna Be Your Dog" (gravada por Sid Vicious em seu disco solo, *Sid Sings*) são dessa safra — "um soco na cara [redacted] do flower power, do qual muito me orgulho"

Nesta batena de entrevistas que sucedeu o lançamento de *Blah Blah Blah*, Iggy deu também o ponto de partida para os Stooges em sua cabeça — surpreendentemente ou não, o mesmo do punk para o pós-punk em seus mais negros sobretons Além de Bob Dylan e Rolling Stones, no começo, debruçou-se sobre o Velvet Underground de Lou Reed e os Doors de Jim Morrison, o "primeiro barítono do rock'n'roll".

Uma das cenas mais comoventes em *I Need More* é o jovem Iggy ouvindo — pela primeira vez, na casa de sua namorada riquinha e universitária — o primeiro do Velvet, "Puxa, como eu sou careta!" Meses depois, fica conhecendo o grupo — junto a toda a troupe do *Exploding Plastic Inevitable*, o show multimídia itinerante de Andy Warhol. John Cale acabaria virando produtor dos Stooges e Nico, a primeira paixão de Iggy

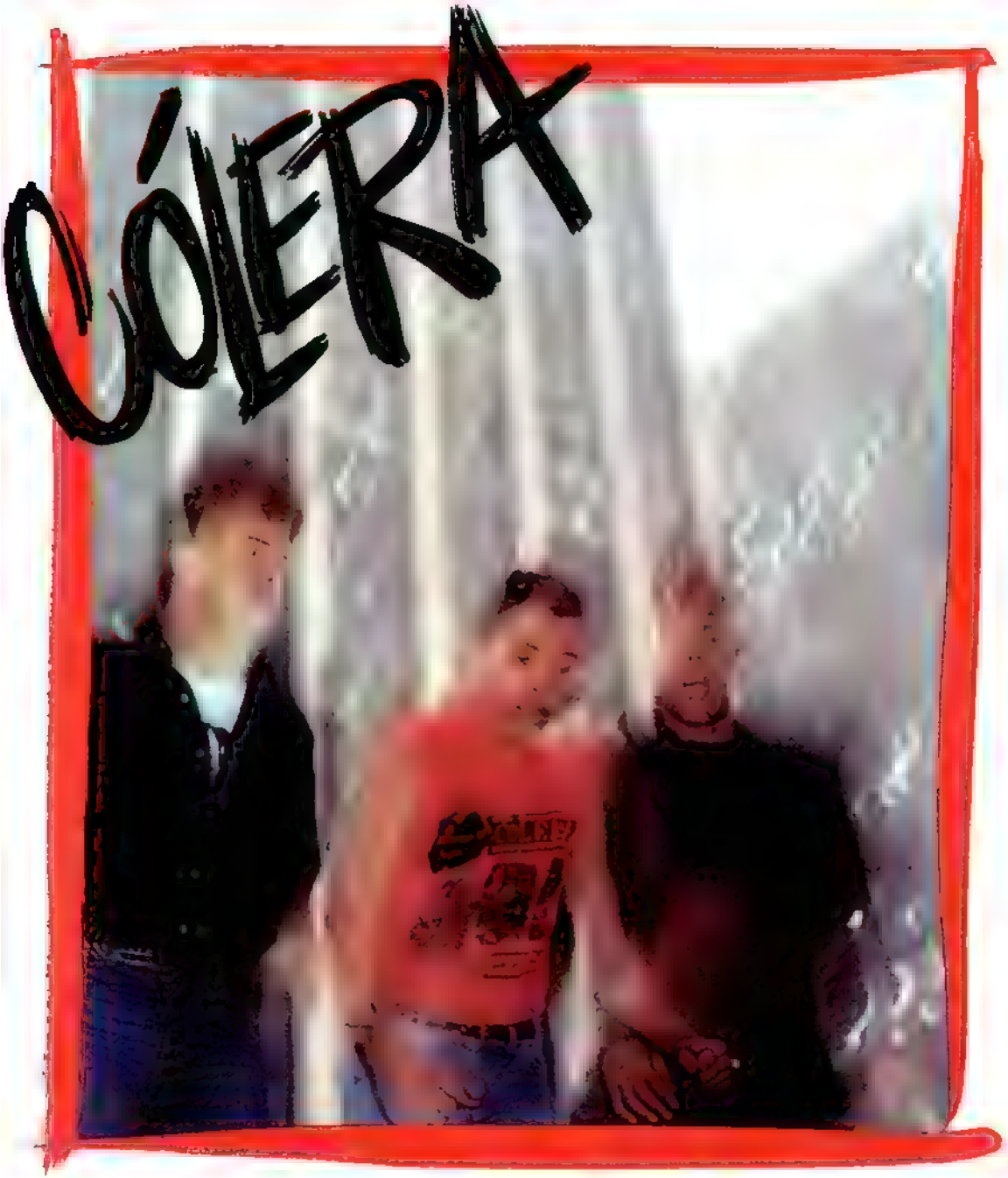
Ele conta — também em *I Need Moore* — todos os detalhes de como a banda foi destruída pela heroína. David Bowie precisou de muita saliva e paciência para convencê-lo a voltar ao picadeiro pop Mesmo com o lançamento e uma turnê para *Raw Power*, em 73, o grupo voltou a cair pelas tabelas, pelos mesmos motivos. Os Stooges sem Iggy até tentaram continuar, gravando sob o nome New Order — não deixa de ser sintomático, aliás, que tenha sido o mesmo escolhido pelo Joy Division após a morte de Ian Curtis, cujo maior ídolo sempre fora Iggy Pop

O instinto maternal de David Bowie não desistiu tão fácil, mas teve de insistir durante três anos, até 76, quando ambos mudaram-se para Berlim em busca de vida nova, longe do liquidificador norte-ameri-[redacted]

Em Berlim, sob a produção do amigo-salvador, Iggy voltaria a gravar em grande estilo. Os dois LPs resultantes — *The Idiot* (77, veja *Discoteca Básica*) e *Lust for Life* (78) — são considerados seus dois melhores entre a produção posterior aos Stooges. Até na excursão que promoveu *The Idiot*, Bowie ocupou um lugar discreto, fazendo backing e tocando teclados no canto direito do palco, abrindo os shows da turnê mundial da Blondie. Na parada londrina, um momento histórico: juntos, no final do show, sobre o palco, uma grande esbórnia com o Blondie, Bowie, Iggy e Robert Fripp

Nesse meio tempo, entre 78 e 86, Iggy trabalhou no seu habitual ritmo errático. *New Values* (79) e *Soldier* (80, lançado no Brasil) talvez sejam os únicos discos realmente vigorosos desta fase; *Party* (81, lançado no Brasil) é o mais deprimente, uma tentativa autoconfessa de corresponder às expectativas comerciais dos executivos da Arista.

Assim, quando Iggy e seu atual parceiro Steve Jones (exato, ex-guitarrista dos Pistols) ficaram descontentes com as primeiras gravações de *Blah Blah Blah*, chamaram mr Bowie. Resultado: o disco já vendeu 300 mil cópias (talvez mais que todos os anteriores juntos) e, pela primeira vez na vida, Iggy começa a receber destaque na imprensa mundial, a ponto de sair na capa da *Sounds* e da *Spin*. Feliz e adepto hoje da vida mais saudável que um homem possa levar, James Osterberg começa a entrar no mundo do cinema pelas mãos de Alex Cox e Martin Scorsese. Quem sabe, um dia desses, ele até converse com um jornalista brasileiro!



OS PUNKS PACIFISTAS APRESENTAM SUAS ARMAS

O punk não está morto! Os céticos podem se arrepiar à vontade porque o trio mais colérico de São Paulo veio anunciar, aos quatro ventos, para quem quiser ouvir que ele está tão vigoroso e feroz quanto antes

O segundo LP do Cólera *Pela Paz Em Todo Mundo*, surpreendeu punks, gregos e troianos. Uma capa em vermelho e amarelo e uma reprodução da Declaração Universal dos Direitos do Homem, num disco de punk rock?!?!?? Na verdade, estas duas surpresas só reafirmam duas características que o Cólera sempre fez questão de alardear: a distância dos cânones punks e o compromisso com uma postura de "protesto pacifista".

Quando o vinil começa a rodar outra surpresa atinge os ouvidos: o som está menos agressivo, os arranjos mais elaborados do que antes.

A gente procurou fazer um trabalho mais harmônico, para que atingisse um público que a gente não está atingindo ainda, mas que não fosse um negócio pop, porque tudo que é fácil de consumir passa batida a mensagem. Para muita gente, este som que estamos fazendo no *Pela Paz Em Todo Mundo* é superforte. Está certo que para o pessoal radical, hard core, é um som fraquinho." Redson (guitarra e vocal) faz assim a defesa desta nova proposta do Cólera. A formação atual ainda conta com Val (baixo e vocal) e Pierre (bateria e vocal).

Eles são uma das mais antigas bandas de punk rock. De 79 até hoje gravaram dois LPs individuais e participaram de diversas coletâneas, inclusive algumas editadas no exterior. Os sete anos de estrada do Cólera sempre foram pautados pela independência tanto em relação às gravadoras como ao estereótipo dos punks. Redson faz questão de frisar: "Nós não tínhamos gangue, não éramos baderneiros e tocávamos em lugares que nunca teve show punk, como Brusque, Volta Redonda, Ribeirão Preto e Juiz de Fora."

Além de vocalista e guitarrista do Cólera desde sua fundação, Redson é também produtor e tem um selo junto com um amigo, o Ataque Frontal. Ele foi produtor da primeira coletânea de bandas punk de São Paulo, *Grito Suburbano*, junto com Fábio da loja Punk Rock — o ponto de encontro dos punks nos primórdios. Depois veio o *Sub* em 83, também uma coletânea das bandas que estavam mais ativas no período. Sobre estas primeiras experiências como produtor, Redson tem uma opinião não muito lisonjeira mas muito bem-humorada: "O primeiro saiu horrível. Aí o *Sub* saiu mal gravado também. Apesar disso o pessoal gosta. Acho que tudo que sai ruim no Brasil o pessoal gosta."

Mesmo depois que o chamado movimento punk entrou em refluxo, eles continuaram agitando. O selo, que na época ainda não chamava Ataque Frontal e sim Estúdios Vermelhos, lançou duas gravações ao vivo de shows que foram realizados em São Paulo, *O Começo do Fim do Mundo* e *Ao Vivo — Cólera e Ratos de Porão*. Além disso, o Cólera tem uma faixa no LP *Beat The Meat*, de várias bandas punks do mundo inteiro, seus LPs individuais — *Tente Mudar o Amanhã* e *Pela Paz Em Todo Mundo* — foram lançados na Europa e nos Estados Unidos. Em suma, o Ataque Frontal está espalhado pelos quatro continentes.

"Vamos protestar pela paz, vamos promover passeatas"

O *Pela Paz Em Todo Mundo* já vendeu todas as três mil cópias que foram prensadas e já estão programando outra, assim que voltar a existir vinil no mercado. Em relação às críticas que andaram fazendo ao disco, eles não se importam muito. Mas se animam de fato para falar da mensagem que querem transmitir com o seu som. Val dá seu depoimento: "Eu acho que a gente está fazendo um trabalho superimportante no Brasil, que é um país subdesenvolvido e que precisa de uma força jovem, de apoio à paz, à liberdade, em vez de ficar parado, esquecer". Redson se empolga e completa: "É um som que tem uma harmonia que atinge as massas. Tem a idéia de protesto pelo lado pacifista. Vamos protestar pela paz, vamos promover passeatas, vamos nos conscientizar sobre Angra. Pacifismo no sentido de desarmamento. Porque a gente tem uma idéia no plano mundial, não regional. Nosso disco já diz: pela paz em todo mundo."

Eles participam de manifestações pacifistas, e depois de um show em Curitiba teve uma passeata pela paz. Para eles, estes são os resultados do que chamam propagação da ideologia punk, resumida em: "Consciência, participação e interesse em fazer alguma coisa". Frente às acusações de que estariam representando os punks sem terem sido convidados a isso, eles não se intimidam e respondem: "É uma responsabilidade importante. Nós fazemos um trabalho preocupado com a nossa ideologia. Então, já que a gente está sendo o bandeirante da coisa, a gente vai abrir caminho do nosso jeito. Porque ninguém se propôs a fazer isso. As bandas que poderiam fazer isso não fizeram". O que torna alguém punk? Redson, mais uma vez, descreve: "Acho que a vida que você vai levando desde pequeno, repressão sexual, falta de liberdade dentro de casa, repressão escolar. Você nasce, vê o mundo e acha bonito. Mas aí você vai crescendo e vai aparecendo um monte de coisa que vai te deixando chocado. Aí você fala: 'Nossa! O mundo é assim?' Aí você vai se identificando com o lado da vida mais pesado. Você vai vendo que a vida que você vai levar desde a sua adolescência até o resto da vida vai ser um negócio mais punk do que fechar os olhos para toda esta realidade".

Não era bem isso que Malcolm McLaren imaginava quando ele armou o coquetel molotov, mais conhecido como "a grande farsa do rock and roll". Talvez ele se desmanche em gargalhadas zombeteiras ao ver os esquisitos rumos que derivaram do seu Frankstein. Em vez do cinismo, uma seriedade quase solene no lugar da destrutividade corrosiva, o pacifismo e a conscientização das pessoas. Talvez. Mas os garotos são bem-intencionados e, sobretudo, têm energia, vontade e não ficam para...

S M B A

Helio Tuzo

KONGO

TEMPERATURAS ELEVADAS

Foto: Claudia Dantas

Ska + Caribe + Brasil, num tempero exato para sacudir todos os quadris

Lustrem seus *boots*, ajustem os suspensórios, preparem o salão, porque a mais contagiante banda de ska brasileira Kongo, acaba de lançar seu primeiro mini-LP pela EMI-Odeon com seis faixas para fazer a galera pular mais que pipoca. Mesmo que você não use *boot* nem suspensórios, o convite é extensível para todos aqueles que curtem momentos de pura descontração.

Quem leu a BIZZ 4 já foi apresentado à Kongo. Só que agora a formação está bem diferente do que naquela época. Tudo começou quando Gerdy, um alemão cheio de idéias, fez a cabeça de Nelson Cerqueira e Karen Gruhl, também alemã, e convenceu-os a montarem uma banda de ska. Infelizmente Gerdy não viu a idéia se concretizar porque foi convocado pelo exército de seu país. Então, Karen reuniu outros amigos alemães e saiu daí uma banda que incluía até uma nipo-teutônica. Após alguns meses de muito agito, shows memoráveis no underground carioca e uma fita demo tocando nas rádios alternativas veio a má notícia: todos os "germanos", que residiam temporariamente no Brasil, iam voltar para a Alemanha.

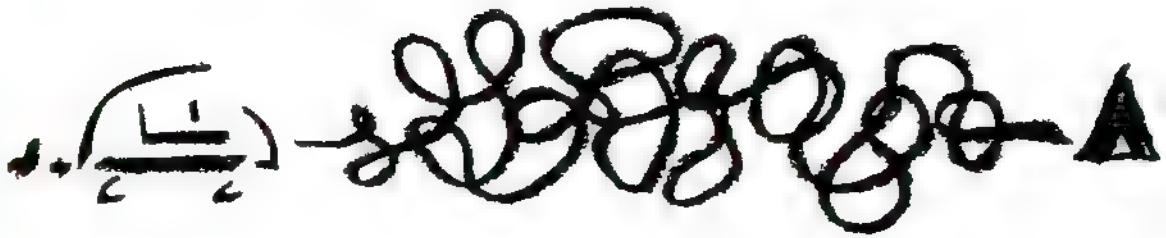
Nelson, o único brasileiro da banda, recrutou seus irmãos Edson (guitarrista do Black Future) e Nilton, que incorporou um sax tenor. Para fazer par com Nilton, pintou no pedaço Marília com seu sax alto. Faltava só agitar a cozinha. Com Arnaldo, que chegou arrasando na bateria logo no primeiro ensaio, e a presença negra e suingante do baixista Bom Bom, a banda estava completa. Agora, sim, o ska ia rolar a valer.

Tudo foi acertado às pressas, pois já estavam com a gravação de uma nova fita demo — um prêmio da Odeon, conquistado em um festival em 85 — marcada para julho deste ano. Bi Ribeiro, aquele mesmo dos Paralamas, foi o produtor das duas demos. O diretor artístico da gravadora, Jorge Davidson, ficou tão entusiasmado que logo na sequência a Kongo gravou um mini-LP *King Kongo* tem a participação da baixista Karen, que foi a última a embarcar para a Alemanha, nas faixas "Babilônia" e "Querer". Como convidados especiais, o percussionista Repolho (da banda de Caetano) e Jean Pierre (Obina Shok) nos teclados, ambos nas faixas "Babilonia" e "Biquíni Defunto" (aquele enterradão). Ninguem pode reclamar que faltou molho afro e caliente para o som do Kongo. O mini-LP também foi produzido por Bi Ribeiro.

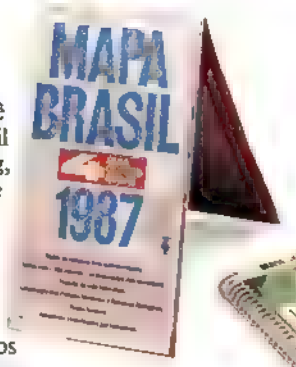
Antecipando as críticas, a banda vai respondendo desde já que na África dança-se até em enterro. Ou seja, fazer uma música para dançar não significa ser descerebrado. A idéia de Gerdy era que o ska combina com a festividade brasileira. Em vez do fascínio pela frieza européia que parece assolar o rock nacional, a Kongo pretende adequar a temperatura da música ao clima dos trópicos e mexer com a libido. Não estão nem um pouco interessados em *revivals*. As músicas latina, africana e brasileira são fontes frescas e estão no nosso sangue. Só os cegos não enxergam isso.

Tom Leão

SEM O GUIA CAMPING



COM O GUIA CAMPING



Complicado, descomplicado. Você escolhe. Do lado fácil está o Guia Camping, a boa vida, sombra e água fresca.
Do outro, só Deus sabe.
Do lado do Guia Camping estão 625 campings classificados em 270 cidades. Todas as áreas com instalações e equipamentos detalhados. Mapas de acesso para os campings.

Passeios, atrações e roteiros de viagem por todo o Brasil com o melhor e mais completo mapa que existe.
Com o Guia Camping, ainda a seção especial de Primeiros Socorros e o Guia do Pescador. Sem o Guia Camping, só conversa de pescador.
Não complica, vá direto ao Guia Camping.

4 GUIA QUATRO RODAS

Nas bancas

FINIS AFRICAE

OS BRASILIENSES CONTINUAM A ATACAR

O romantismo discreto e introspectivo do grupo ganhou os corações dos ouvintes nas rádios cariocas. Com o segundo vinil lançado, eles traçam o caminho seguro do sucesso

Devagar, sem querer botar o carro antes dos bois — como ensina o ditado popular —, a Finis Africae, banda da segunda geração do rock de Brasília, caminha para uma posição de destaque na cena do rock nacional. Sem se preocupar em produzir uma imagem dentro dos padrões do mercado e/ou aproveitar a onda que rola entre certas bandas do planalto — que fazem questão de dizer, num tom arrogante, "Somos de Brasília", como se isso fosse garantia de sucesso. A Finis venceu por apresentar um trabalho com estilo próprio, coeso e estruturado.

A banda existe desde 84. A formação inicial contava com o vocal de Rodrigo, que deu lugar a Eduardo. A voz de Eduardo casa-se perfeitamente aos climas introspectivos presentes nas composições da Finis. Prova incontestável disso é a música "Armadilha", que foi gravada no mini-LP independente que a banda editou este ano pelo Sebo do Disco, de Brasília, atravessando as fronteiras das rádios alternativas. Depois de apresentada no programa *New Rock*, da Rádio Transamérica (RJ), ela entrou na programação normal e obteve ótima resposta dos ouvintes. Isto rendeu à Finis o atual contrato com a EMI-Odeon. "Armadilha" é uma bela composição romântica, fora dos padrões água-com-açúcar, na qual Eduardo e a banda mostram ótimo potencial, mesmo sem o nível técnico que um bom estúdio pode proporcionar.

Do mini-LP, cujos direitos foram comprados pela Odeon, regravaram — além de "Armadilha" — "Máquinas do Prazer" (outra com tudo para emplacar) e "Mentiras". Do repertório dos shows, estão no disco "Deus" e "Ask the Dust" ("Pergunte ao Pó"). Inédita mesmo, até o momento em que esta matéria é teclada, só "Vícios". As outras que completarão o trabalho encontravam-se em fase de finalização das bases e à espera de letras. O nome do disco ainda não está decidido, mas o provável é que seja *Atendendo à Sua Desilusão*, frase retirada da letra de "Ask the Dust".

Foto Claudia Dianni

Finis, resgatando com simplicidade o romantismo. Da esq.: Ronaldo, Neto, Zezinho e Eduardo

O processo de criação musical na Finis é democrático. Eduardo tem o encargo de fazer as letras, mas todos podem opinar. As letras da banda são decididamente românticas (Guilherme Isnard, cantor do Zero, é fã dela por causa disso). A Finis é aberta a todos os estilos musicais, tanto que o disco incluirá um hip-hop com toda a batida eletrônica a que tem direito. O baixista Neto, o guitarrista José Flores e o baterista Ronaldo não vêem nisso nenhum problema. O importante é fazer um som que eles gostem e que tenha presença, independente do estilo musical. Do que a Finis faz questão é de ritmo.

Voltando ao disco, a banda se entendeu às mil maravilhas com o produtor Mayrton Bahia (a recíproca é verdadeira). Tiveram duas semanas de pré-produção e ensaios diários durante as gravações. Renato Russo, cantor do Legião Urbana, prometeu colaborar nas mixagens finais. A participação especial do disco fica a cargo da cantora brasiliense Vanja, em "Máquinas".

Se você tem o mini-LP independente da Finis Africae, guarde-o bem que ele se transformará em breve numa raridade.

Tom Leão

Foto Flu Marcus

KID VINIL E OS HERÓIS DO BRASIL

PERSEGUINDO OS PRIMEIROS PASSOS DO ROCK

O irrequieto Kid Vinil apronta mais uma. Primeiro foi o punkado Verminose. Depois o popinho do Magazine. E agora, rhythm'n'blues. *Sônia Maia* se aventurou neste antro de solteirões voluptuosos

1950. O rhythm'n'blues, o rockabilly e o blues impregnavam as esquinas de Memphis, Chicago e New Orleans. Amantes do estilo passeavam pelas ruas vestidos de ternos drapeados, sapatos de camurça, camisa branca e topete encharcado de brilhantina. Começava a se alastrar o espírito aglutinador de ritmos e pulsações estonteantes.

1985 - Brasil. Um amante do rhythm'n'blues e um dos melhores guitarristas do gênero no país — encontra-se com um *profundo* conhecedor e amante do rock e resolvem recuperar a infância destes sons. O primeiro, André Cristovam. O segundo, Kid Vinil. Qual poderia ser o resultado dessa união? Em termos de nomenclatura, Kid Vinil e os Heróis do Brasil. Musicalmente, rhythm'n'blues, rockabilly, country e rock numa salada que leva de tempero, bons e inspirados instrumentistas, letras irônicas e inteligentes, tudo executado com muita garra e profissionalismo. A capa do LP é mais que saborosa — em volta de uma mesa, numa típica cantina italiana de São Paulo, todos os "heróis" estão vestidos de ternos pretos, bonachões, saboreando uma bela macarronada, regada a vinho tinto. São os seus prazeres expostos de forma descontraída e apetitosa. O que mais é necessário para que eles sejam sucesso? Nada.

Mas aí tem história. Como já foi dito anteriormente, Kid e André se encontraram e resolveram montar um grupo. Kid gostava de ouvir aqueles delírios guitarrísticos de André e este, por sua vez, sabia que com Kid segurando o vocal, a estética e a parte administrativa da banda tudo correria bem. Assim, André saiu à caça dos músicos. "Pessoas com talento e competência para executar um trabalho, qualquer que fosse a situação", esclarece ele. O primeiro a ser escolhido foi Newton (baixo), que acompanhava a cantora Cláudia. Ultimato de André: "Ou você a larga ou eu a mato". O espírito foi o mesmo para com Kuky (bateria), o penúltimo a entrar: "Seus dias estão contados nos outros trabalhos", disse André, que oferecia seus serviços a vários grupos. Enfim, quem topasse entrar para a banda teria que vestir a camisa — não apenas a branca, parte obrigatória do guarda-roupa. O último a ingressar no time foi Ari, incorporado como o tecladista definitivo.

Um dos grandes incentivadores para que um dia os Heróis existissem foi Tico Terpins, criador da banda Verminose, a primeira de Kid Vinil (a outra seria o Magazine), fortemente influenciada pelo punk de 77. Além de estar sempre ao lado de Kid, Tico era o estimulante número um para que André nunca deixasse de tocar. "Todos aqui amávamos o Joelho de Porco", fala André. "Era a banda que eu queria ter".

O LP, que leva apenas o nome da banda, vem com alguns convidados. Rita Lee, Virgínia (ex-Metrô), além da esmerada produção de Roberto de Carvalho. E Tony Osanah, imitando Gardel na faixa "Assassinato Anônimo". Quanto às aspirações futuras, os rapazes não têm a menor modéstia em dizer: "São poucas coisas que almejamos — dinheiro, muitas mulheres, fama, *muitas mulheres* .. Ora! Eu assumo meu ego!" E André continua: "Desde os 16 anos eu queria, como músico solitário, ser o que os Beatles eram em quatro". Sendo assim, ele aconselha, como mentor e letrista dos Heróis: "Compre o disco, veja o filme, o vídeo, dê para o guitarrista". Pornografia? Não, apenas "um bando de solteirões, loucos para amar, hipocondríacos sexuais", metralha ainda André.

As garotas que estiverem a fim de encarar as feras basta que liguem para 255-5777, ramal 8972 (SP), o fone de recados do Kuky que dá um aviso final: "Todos os lobos da volúpia uivam dentro de nós após uma apresentação".

Foto DB

STEVEN SPIELBERG

O MAGO DO CINEMA AMERICANO

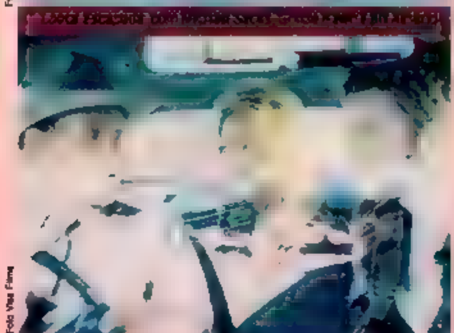
Dos primeiros filmes, aos 12 anos de idade, até hoje, aos 38, ele tornou-se um dos grandes nomes do cinema. Recebendo em sua produtora, em Los Angeles, *Jean-Paul Chaillet* e *Jean-Pierre Lavoignat*, da revista *Première*, Spielberg fez o balanço de sua carreira. É a primeira parte dessa entrevista que BIZZ publica com exclusividade

Uma cara boa, reputação de homem cortês e uma filmografia que testemunha a sua boa natureza — é impossível deixar de achá-lo impressionante de antemão. Encontrar este homem equivale a encontrar uma lenda viva. Aos trinta e oito anos e meio, Steven Spielberg é um dos mais conhecidos cineastas do mundo e um formidável *money maker*. Com *ET*, um pequeno monstro de dedo levantado para o céu, ele entrou para sempre não apenas na história do cinema, mas na História, simplesmente. Foi ele quem definitivamente deu um banho de juventude no cinema americano. Foi ele quem venceu os estúdios no seu próprio campo. Como dizia Truffaut, ele tem "o dom muito especial de dar credibilidade ao extraordinário", e, poderia ter acrescentado, aquele de dar eficiência ao sonho. A entrevista estava marcada para as duas horas. A nossa apreensão aumentou diante da paranóia que parecia reinar sobre Amblin, a casa de produção de Spielberg, verdadeira cidadela entre os estudios. Vigias com *walkie talkies*, guardas aos quais é preciso identificar-se e até assegurar que temos a autorização do próprio Spielberg para fotografar a casa... Paredes ocres cercadas de árvores, construções que têm ao mesmo tempo aspecto de fazenda mexicana e de cenário de cinema. De qualquer forma, uma vez lá dentro, sentimo-nos imediatamente à vontade. É no pátio que faremos a entrevista. Aberto e descontraído, Spielberg tem um olhar malicioso e um sorriso de adolescente. Uma vez ligado seu gravador ("se eu disser algo que me satisfaça, quero poder usá-lo de novo") e o nosso, começamos a entrevista...

Foto F. Duhamel/Mega-Sim

STEVEN SPIELBERG

BIZZ — *Você começou a fazer filmes com doze anos. Naquela época, você já tinha uma idéia precisa do tipo de cinema que gostaria de fazer?*
Spielberg — Não. Nem um pouco Eu não fazia planos tão distantes Com doze anos, eu fazia filmes de amador sobre' assuntos que me passavam pela cabeça e que, na época, me pareciam ser boas idéias
BIZZ — *Quais eram os assuntos que o interessavam?*
Spielberg — A guerra! Sobretudo a segunda guerra mundial. Eu gostava muito de filmar os conflitos físicos Minha maior dificuldade era encontrar uniformes do exército iguais àqueles que os nossos pais vestiram



durante a guerra, mas... cortados para garotos de doze anos *(risos)*. Eu me virava sozinho para fazer as adaptações necessárias. Eu tinha uma câmera oito milímetros e uns vinte colegas que eu levava no deserto do Arizona, com os quais rodava esses filminhos.
BIZZ — *Onde você aprendeu a dirigir?*
Spielberg — Não sei. Aliás, nem sei se aprendi um dia a filmar. No começo, a percepção inconsciente de tudo o que eu tinha visto na televisão deve ter sido uma fonte constante de informação, inspiração e influência.
BIZZ — *Nos seus filminhos havia muita movimentação de câmera?*
Spielberg — Sim. Na época, eu tinha ficado muito impressionado com um filme de Lewis Milestone que tinha visto na TV: *Sem Novidade no Front*. O que chamou a minha atenção era a maneira com que o cineasta acompanhava os soldados de um lado para o outro, enquanto marchavam em direção à câmera, como se ela fosse o inimigo, como se lutassem contra a câmera Eu me lembrava desta cena e tentei refazê-la no primeiro filme de guerra, que realizei com treze anos e que se chamava *Escape to Nowhere*. Eu tinha emprestado uma caminhonete de teto aberto e colocado um tripé de alumínio na traseira. E eu fazia meus amigos andarem em direção à câmera com suas armas de plástico na mão *(risos)*! Era uma experiência e tanto!
BIZZ — *Você contou um dia que, quando criança, tinha ficado impressionado com Branca de Neve e os filmes de Disney. Você se lembra de outros filmes que o influenciaram?*
Spielberg — Me lembro que *O Maior Espetáculo da Terra*, de Cecil B. DeMille, foi o primeiro filme ao qual meu pai me levou. Eu achava que ele ia me levar ao circo. No cinema, fiquei muito decepcionado porque não havia leões nem elefantes, nem mestre de cerimônia, nem cheiro, nem nada .. Só uma grande sala vazia onde os assentos eram voltados para uma cortina. Quando ela se abriu, eu esperava descobrir o picadeiro. Mas no lugar não tinha nada além de um telão branco e chato sobre o qual assisti, em seguida, à tentativa de se mostrar um circo sem cheiro e até sem as três dimensões! O primeiro filme que eu vi foi uma verdadeira decepção. Fiquei bravo com meu pai.
BIZZ — *Mais tarde a que tipo de filme você assistiu?*
Spielberg — Com 18 anos, eu estava nos filmes de Polanski — *Repulsa ao Sexo, Armadilha do Destino, A Faca na Água* —, nos filmes de Fellini, de Bergman, como o *Sétimo Selo*, de Truffaut, de Rossellini... Na verdade, eu assistia exclusivamente a filmes estrangeiros e achava até que seria uma vergonha ver filmes americanos! Verdade!
BIZZ — *Quais foram os seus cineastas favoritos e qual foi o filme que mais o impressionou?*
Spielberg — São demais para citar apenas alguns. Eu tinha um gosto muito eclético. O filme que mais me impressionou? Acho que foi *Lawrence de Arábia*, quando o vi pela primeira vez. Era a revelação de ver mais do que um simples filme, era o sentimento de ver um romance... É um filme que eu devo ter visto pelo menos doze vezes no ano de sua estréia!
BIZZ — *Você começou primeiro na televisão, onde trabalhou de 1969 a 1974. O que você aprendeu lá?*
Spielberg — A economia, a velocidade... Aprendi a me servir do meu instinto e não do meu raciocínio...

"O sucesso ou o fracasso de meus filmes me surpreendem"

BIZZ — Acossado *foi dirigido para a televisão; no entanto, você ainda hoje o considera seu primeiro filme, e não* Louca Escapada...
Spielberg — *Acossado* foi na verdade meu primeiro filme porque, mesmo feito para a televisão, foi rodado como se fosse para o cinema. Aliás, foi esse o motivo que levou a Universal a lançá-lo em salas de cinema no estrangeiro...
BIZZ — *Você tinha o pressentimento de que ele seria tão determinante?*
Spielberg — Não, de jeito nenhum. É um filme um pouco esotérico, e o sucesso que conseguiu em todos os lugares me surpreendeu.
BIZZ — *Por que, segundo você,* Louca Escapada *não funcionou tão bem?*
Spielberg — Não sei. O efeito dos meus filmes sempre me surpreende, seja o sucesso, seja o fracasso. Nunca sei realmente as razões. Tudo é tão misterioso! Primeiro, o que leva as pessoas a irem a uma sala de cinema, enquanto é tão mais seguro e tão mais prático ficar em casa? É justamente isso que, para mim, é estimulante.
BIZZ — *Três anos separam* Acossado *de* Louca Escapada. *Como você explica essa demora e a dificuldade para fazer este último?*
Spielberg — Não sei... de fato, foi mais fácil conseguir dinheiro depois que *Acossado* tornou-se um sucesso Sem *Acossado*, os estúdios nunca teriam confiado em mim e jamais teriam me dado 2,5 milhões de dólares para fazer *Escapada*.
BIZZ — *Após ter lutado tanto para filmar* Louca Escapada, *como você encarou o fracasso do filme?*
Spielberg — É mais fácil aceitar um fracasso quando a gente já está rodando outro filme... Digo sempre aos meus amigos que, em vez de ficar em casa sentado esperando as críticas e os primeiros resultados de bilheteria, é preferível estar filmando em qualquer lugar... Se as notícias forem boas, você ainda pode festejar com a equipe. Se elas forem ruins, você pode se jogar com tudo no seu novo trabalho. Quando estreou, ou mais exatamente quando *não* estreou *Louca Escapada (risos)*, eu estava em Martha's Vineyard (uma ilha na costa de Massachusets) em plena rodagem de *Tubarão*... E foi melhor assim.
BIZZ — *A respeito de* Tubarão, *é verdade que você pegou um exemplar do livro sobre a mesa dos seus produtores e pediu para fazê-lo a qualquer custo?*
Spielberg — É verdade. O filme não era para mim Quando eu estava terminando *Louca Escapada* fui ao escritório dos produtores, Zanuck e Brown, e vi vários exemplares das provas de um livro que ia ser lançado, chamado *Jaws (literalmente, "mandíbulas")*. Eu não fazia idéia alguma do que se tratava e até pensei — isso é verdade — que devia ser uma história de dentista! De qualquer forma, achei que ninguém iria reparar que um exemplar tinha sumido. Li o livro durante o fim de semana e fiquei apaixonado, sobretudo com as cento e cinqüenta últimas páginas, durante a luta do mar... Me tocava porque, de certa forma, era a mesma história de *Acossado* num outro universo, num outro ambiente, com dentes diferentes... Dessa vez, não eram os pára-choques de um caminhão, mas uma mandíbula bem real! Na segunda-feira de manhã, no escritório, pedi desculpas por ter levado as provas do livro e disse que, se eu tivesse chance de dirigir o filme, eu estava pronto, eu adoraria contar essa história no cinema. Responderam que o projeto já estava nas mãos de um produtor e de um cineasta. Pedi, então, que me dessem um toque, caso houvesse alguma novidade. Quatro semanas depois, me chamaram dizendo que, se eu continuasse disposto, o projeto era meu. E mergulhei... sem saber que era um pulo da rampa mais alta... em uma piscina de um metro e meio de profundidade!
BIZZ — *Você ainda acha que essa foi a sua pior experiência?*
Spielberg — Sim, foi a minha pior experiência de direção. Por quê? Era quase impossível rodar esse filme em pleno mar, como eu fazia questão. Aliás, fiquei sempre firme, sem nunca renunciar nem refugiar-me nos aquários dos estúdios de Hollywood. Fui persistente na minha decisão de rodar a dezesseis quilômetros da costa, em pleno Atlântico, com uma equipe de setenta e cinco pessoas e quinze barcos de acompanhamento, em meio a marés e correntes que mudavam sem parar a posição das embarcações. A gente preparava um plano, tudo estava perfeito até a hora de rodar. Apenas cinco minutos após ter começado, nada mais dava certo, precisávamos recomeçar tudo... Era ao mesmo tempo tão idiota e tão frustrante! O que me dava coragem era o sentimento, apesar de não conseguir rodar mais de dois planos úteis por dia, de estar fazendo um bom filme. Aliás, era parecido com a própria história de *Tubarão:* quanto mais os elementos se enfureciam, mais as dificuldades aumentavam, mais nós — a equipe, os atores, os técnicos — persistíamos na nossa determinação, convencidos de que seríamos os vencedores .
BIZZ — *Você nunca pensou em abandonar?*
Spielberg — Sim, em três ou quatro ocasiões... Todos os dias, na verdade *(risos)*! Eu tinha momentos de desespero durante os quais ficava parado ali mesmo, cinco ou dez minutos, a cabeça entre as mãos... Alguns diziam que era uma espécie de masturbação mental, e aqueles que me conheciam respondiam: "Ele está depressivo, deixem, vai passar..." Foi o que eu aguentei durante nove meses
BIZZ — *Por que você escolheu Richard Dreyfuss para o papel principal de* Tubarão?
Spielberg — Ele é muito parecido comigo, e gosto de colocar num filme alguém com quem possa me identificar. Richard foi uma espécie de guia nesse túnel. Ele me permitiu compreender a mim mesmo e saber que personagem eu queria ser no filme...

BIZZ — *Depois, você fez* Contatos Imediatos do Terceiro Grau ..
Spielberg — A partir do momento em que *Tubarão* foi sucesso, o dinheiro jorrou como água numa torneira! É o que acontece quando você faz sucesso. Aí ninguém faz perguntas sobre o próximo filme. O sucesso de *Tubarão* fez esquecer o quanto tínhamos ido longe, quanto tempo tínhamos perdido e quantas coisas tivemos que superar durante a filmagem. Me deram então carta branca para *Contatos Imediatos*.

THE CURE MAIS DE 125 MIL CÓPIAS NO BRASIL!

STANDING ON A BEACH

Mais de 125 mil pessoas no Brasil já têm STANDING ON A BEACH, do THE CURE. Se você não colaborou com a conquista desse Disco de Ouro, procure logo a loja mais próxima e garanta o seu lugar na lista dos privilegiados que, em breve, darão mais um Disco de Platina pra rapaziada do Bob Smith.

PolyGram

EM DISCOS E FITAS

STEVEN SPIELBERG

A nave-mãe e o encontro com os alienígenas em *Contatos*, o início de uma filmografia pessoal

BIZZ — *O roteiro inicial tinha sido escrito por Paul Schrader, não? (N. da R. Schrader é o diretor de* Mishima *e* A Marca da Pantera.*) Dizem que as coisas não correram muito bem entre vocês.*

Spielberg — Sem querer insultar Paul (a gente se insultou o suficiente nos últimos anos para que eu jogue mais óleo na fogueira!), não sei se aquilo podia ser chamado de roteiro! Paul, sem que eu tivesse nada a ver com isso, tinha escrito um texto intitulado *Skywatch* ou coisa assim. Era a história de um oficial de polícia, muito católico, que se despedia para sempre da vida e dos seus amigos, convencido de que ia ser, um dia, raptado por um OVNI e levado para o espaço... Havia duzentas e cinquenta páginas, que pareciam muito mais um romance do que um roteiro. Recusei-as porque não tinham nada a ver com as minhas ideias para *Contatos Imediatos*. Este roteiro do Paul Schrader era tão diferente do meu trabalho quanto *Corpos Ardentes*, de Lawrence Kasdan, pode ser de *Guerra nas Estrelas*, de George Lucas! Por isso, fiquei surpreso quando Paul exigiu aparecer nos créditos como roteirista, e apelou para a Federação dos Escritores. Mas a Federação, que leu os dois roteiros, não validou sua queixa e concedeu só para mim o crédito de roteirista. Isso me agradou muito, porque nos litígios que opõem escritores a diretores é quase sempre o contrário que acontece. Paul e eu nos vemos pouco, porque sempre estamos em lugares diferentes, rodando filmes muito diferentes. Mas somos amigos e tenho consideração por ele.

BIZZ — *Você diria que* Contatos Imediatos *é seu primeiro filme pessoal?*

Spielberg — Sim. E *ET* é o segundo.

BIZZ — *Há muito de você em* Contatos Imediatos?

Spielberg — Sim.

BIZZ — *No garoto ou na personagem encarnada por Richard Dreyfuss?*

Spielberg — O que é maravilhoso quando se é diretor é justamente este privilégio de poder colocar um pouco de você em uma ou várias personagens que você gosta. Da para viver assim uma verdadeira vida imaginária.

(Não perca, na BIZZ 19, a segunda parte desta entrevista, onde Spielberg fala de Caçadores da Arca Perdida, ET *e muito mais!)*

Dolphin

Tudo o que você gostaria de saber sobre guitarras, mas não tinha a quem perguntar.

O AJUSTE DO CAVALETE

Uma das mais importantes coisas a fazer ao ajustar uma guitarra é o ajuste do cavalete. Nele está um dos segredos de tocar afinado.

Dificilmente uma fábrica de instrumentos musicais de qualidade colocará os trastes em lugares errados na escala. O processo de cálculo é tão simples que demonstraria total irresponsabilidade.

A maioria das pessoas costumam ajustar os rastilhos (peças móveis do cavalete) comparando o harmônico do 12º traste com a nota tocada na 12ª casa. Porém se você realmente quiser acertar em cheio, ajuste o cavalete comparando o harmônico do 19º traste com a nota tocada na 19ª casa. Melhor ainda: use as duas comparações e estabeleça o melhor compromisso se necessário.

Regra: Se a nota tocada for mais alta do que o harmônico, mova o rastilho *para trás*, aumentando o comprimento da corda.
Se a nota tocada for mais baixa do que o harmônico, mova o rastilho *para frente*, diminuindo o comprimento da corda.

Sempre faça estes ajustes após os ajustes da ação e do alívio no braço, com as cordas em tom de concerto (no diapasão) e se possível use um afinador eletrônico.

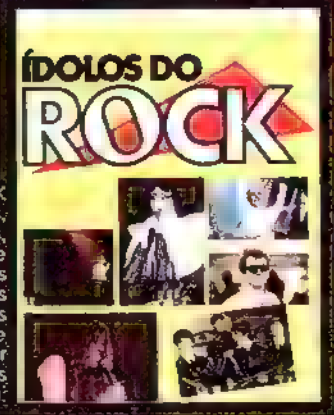
Qualquer duvida consulte-nos

DOLPHIN IND. E COM. DE INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA.
Av. Nossa Senhora do Sabará, 3771
São Paulo - SP - CEP 04447

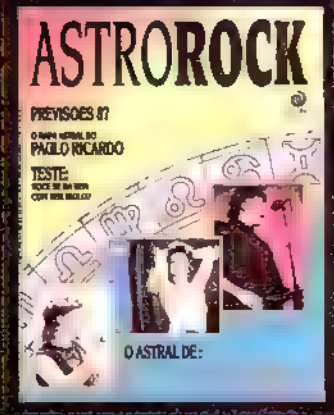
FESTIVAL DE Rock

CALENDARIO DO ROCK
Todos os meses do ano de 1987, com Bowie, Madonna, RPM, Eurythmics, Sting e muito mais. De quebra, tudo o que conta na história do rock: datas de nascimento, grandes eventos e marcos históricos.

REVISTA POSTER U-2
De um lado, um poster gigante, do outro, fotos individuais, discografia, a história da banda e as biografias de cada um.



ÍDOLOS DO ROCK
Nesta edição, fotos, cromos adesivos, biografias e discografias completas de: Elvis Presley, Beatles, Janis Joplin, Siouxie and The Banshees, Peter Gabriel e muitos outros. Não perca.



ASTRO ROCK - O MAPA ASTRAL DO ROCK
Esta é a revista que transa o astral dos astros do rock'n'roll. Com ASTRO ROCK, o zodíaco ajuda você a entender a carreira e o sucesso dos seus ídolos, em perfis transados dos maiores nomes de cada signo. TESTE: saiba como seria o seu relacionamento com um grande astro do rock.

NAS BANCAS

BIZZ

O SELVAGEM DA MOTOCICLETA

Os bonitinhos e gostosões de Coppola, Dillon e Rourke, os irmãos de "O Selvagem da Motocicleta" a lenda viva e seu fã número 1 em suas perambulações

O que faz uma história sobre adolescentes americanos ganhar dimensões de mito? A pretensão e o gênio de Francis Coppola certamente ajudam. Aberrações como *O Selvagem da Motocicleta* e só na aparência mais recente filme. Na verdade é um brilhante e atormentada obra sobre a juventude e a passagem [illegible] não para a idade adulta.

Rusty James é um garoto que se vira, a escola por causa dos amigos e acaba sendo expulso. Periodicamente se arrebenta em brigas e persegue a sombra de seu irmão uma lenda viva, o "Rapaz da Motocicleta". Ele foi o líder das gangues do pedaço, depois foi embora para a Califórnia e acaba voltando, cansado de ser o herói. Os dois irmãos passam o filme inteiro perambulando pelas ruas, entre a poeira, o vento, os bares e os fliperamas, signos do deserto no coração dos Estados Unidos.

Coppola havia realizado em 83 baseado em um livro de S.E. Hinton, uma espécie de versão mais jovem e muito mais sentimental do tema *Vidas sem Rumo*. Hinton é além de autora do livro que deu origem ao *Selvagem da Motocicleta* co-autora do roteiro. Mas a semelhança para por aí. O que em *Vidas sem Rumo* é carregado nas cores em *O Selvagem da Motocicleta* é apenas insinuado.

Como de costume o título em português toma liberdades injustificáveis com o filme. *Rumble Fish* (a "peixe de briga" (vendo-se o filme descobre-se o porquê deste nome) foi detestavelmente transformado em *O Selvagem da Motocicleta* [illegible] que sugere um parentesco inexistente com os filmes "rebeldes sem causa" dos anos 50. Não se pode classificar como rebelde nem Rusty James nem o Rapaz da Motocicleta. O primeiro é dono de uma coragem cega e uma violência desordenada, que estão condenadas a ser desmontadas pela indiferença desiludida do segundo.

Depois de tantas negativas, o que diabo é *O Selvagem da Motocicleta*? Como no mito grego há um herói que pode fazer tudo, menos ser imortal. O Rapaz da Motocicleta pode fazer qualquer coisa menos encontrar algo que ele queira fazer. O heroísmo no filme significa enfrentar esta contradição. A punição para o herói no mito é feita pelos deuses. Na América, é a polícia que se encarrega disso.

O charmosíssimo Mickey Rourke e Matt Dillon (de *Vidas sem Rumo*) fazem os irmãos na medida exata de maneirismos *a la* Actors Studio — a escola que formou atores como Marlon Brando e James Dean, entre outros — e sinceridade. Dennis "Easy Rider" Hopper é o pai dos dois, vagando ainda sem destino pelos escombros da dor e do alcool. Tem ainda de bônus uma ponta de Tom Waits como o barman que filosofa para as moscas e pelo menos mais três bons atores jovens.

O visual do filme é altamente estilizado pelo olhar do Rapaz da Motocicleta cego para cores e meio surdo — "como uma TV em preto e branco com o volume baixo". Os brancos e pretos são bem expressionistas, muito bem demarcados e cheios de sombras. Os recursos eletrônicos são discretos e utilizados na medida, a trilha sonora de Stewart Copeland pontua e tensiona o filme traduzindo o ritmo desta viagem desenfreada para lugar nenhum.

Francis Coppola quis fazer "um filme de arte para a garotada". Fez um de seus melhores filmes. Note-se que a concorrência não é das mais fáceis, com *O Poderoso Chefão* e *Apocalipse* no pareo extremamente sedutor e envolvente para os olhos, para a cabeça e para o coração.

B A

CAMISA DE VENUS

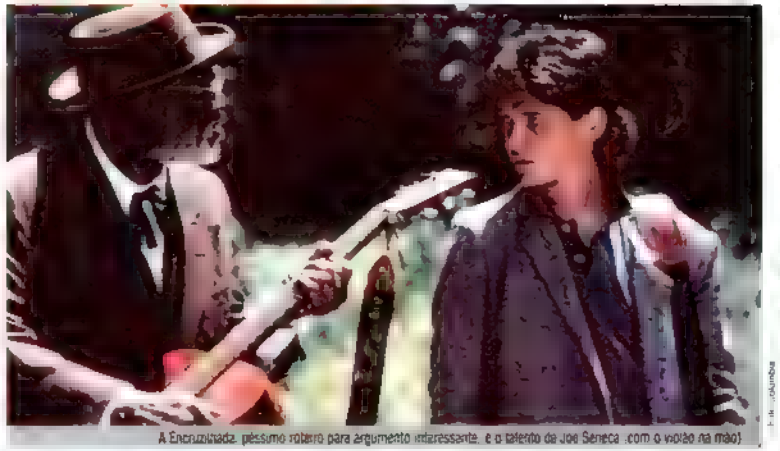
CORRENDO O RISCO

Mais de 500 mil já gozaram do privilégio de ter CAMISA.

Não corra o risco de ficar sem.

Talvez nas lojas.
Lançamento WEA

A ENCRUZILHADA



A Encruzilhada, péssimo roteiro para argumento interessante, é o talento de Joe Seneca (com o violão na mão)

Os americanos conseguem banalizar até as mais respeitáveis de suas próprias manifestações culturais. Veiam só a sinopse deste filme: um jovem violonista branco de Long Island (Nova York), Eugene Martone (Ralph Macchio), o Karate Kid adorador e estudioso de blues e promissor aluno de um conceituado conservatório, localiza num hospital um dos maiores gaitistas (fictício) vivos de blues, Willie Brown (Joe Seneca), que fora amigo do lendário Robert Johnson (ver discoteca básica BIZZ 17). Em troca da promessa de que lhe seria revelada uma composição inédita de Johnson, Eugene ajuda Willie a fugir do hospital e juntos vão ao Mississipi. Encontram Frances (Jami Gertz), uma garota que acaba viajando com eles, enfrentam problemas como falta de grana, racismo, polícia e outros clichês até alcançarem Farton's Point, uma misteriosa encruzilhada em que *bluesmen* como Brown e Johnson trocaram a alma com o diabo por fama e fortuna. Encontraram o demo e Eugene põe em jogo sua alma numa disputa guitarrística com Jack Butler (Steve Vai, guitarrista de Dave Lee Roth, ex-Alcatraz e ex-Zappa, e que tocou no *Album* do PIL).

As belas cenas filmadas no Mississipi (algumas em preto e branco), a trilha de Ry Cooder (ver pág. 19) e a magnífica interpretação de Joe Seneca conseguem tornar o filme suportável. Já o jovem canastrão Ralph Macchio, o roteiro e a direção de Walter Hill (*Os Guerreiros da Noite*, *48 Horas*) não convencem. O duelo no final ridiculariza o blues e ainda por cima é contraditório: vence aquele que teve a formação mais acadêmica. É isso aí. Um Big Mac para o *bluesman* de Long Island que ele merece. *T.P.*

GINGER E FRED

Giulietta Masina e Marcello Mastroianni ou Amélia e Pippo ou Ginger e Fred nos alucinantes bastidores da televisão

Na década de quarenta eles imitavam os grandes dançarinos de Hollywood, Fred Astaire e Ginger Rogers. Pippo e Amélia, seus nomes verdadeiros, se reencontram trinta anos depois para participar de um programa de televisão à Silvio Santos. Fellini reúne dois de seus atores prediletos — Marcello Mastroianni e Giulietta Masina — para interpretar estes dois testemunhos vivos de um tempo que já se foi.

Ginger e Fred é um filme sobre o profundo desprezo que Fellini tem pela televisão. Fala também sobre a decadência sob um ponto de vista delicado — foi classificado por alguns críticos de sentimental — mas nunca derrapa no piegas, protegido pelo humor e pela atração que Fellini tem pelo grotesco. O mais curioso e atraente deste filme é o olhar perplexo e melancólico para o mundo da alta tecnologia, da produção cronometrada e histérica encarnadas no filme pela televisão e pela propaganda.

Não é um grande filme de Fellini, mas é um filme [illegible] diretor que é um mestre do cinema. Há muitas referências a outros filmes do diretor, em especial a *Roma*. É uma espécie de pergunta que ele faz a si mesmo e aos espectadores: existe lugar neste mundo para o cinema e sobretudo para o [illegible] cinema? *B.A.*

SIOUXSIE BANSHEES

PolyGram

HOWARD, O PATO

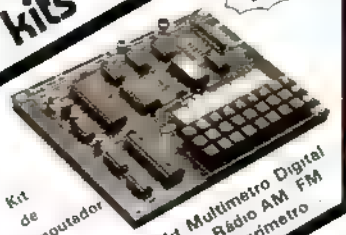
Howard, o filosófico pato intergaláctico, às voltas com as confusões dos terráqueos

Antes de lançar *Howard, o Pato* nos EUA, a produtora de George Lucas fez o maior mistério. Foram proibidas todas as fotos e notícias sobre como seria, exatamente, a versão em filme do pato filosófico das histórias em quadrinhos. A Industrial Light and Magic (veja BIZZ 15) foi toda convocada a serviço do filme: nada menos que 126 técnicos e artistas em efeitos especiais da ILM trabalharam em *Howard*. Só para cuidar das penas do pato de 94 centímetros de altura, nove especialistas. E isso transparece no filme, que mais parece um catálogo de efeitos especiais. Na verdade, a história da produção é mais interessante do que o que se vê na tela.

Howard surgiu em 74, nos quadrinhos de Steve Gerber, um dos muitos empregados da Marvel Comics. Um dia, irritado e hipnotizado pelo único disco de salsa que um vizinho tocava o dia inteiro, Gerber enfiou um pato falante na história do Homem Coisa que estava desenhando. O editor mandou matar a nova personagem na hora. Mas os leitores não deixaram, com mil cartas pedindo mais Howard the Duck. E a Marvel teve que entrar no território das discussões filosóficas, sátiras políticas, análises sociológicas. São os temas que Howard enfrenta quando cai de bico numa experiência científica, e transporta de seu planeta — onde a espécie dominante são os patos — para as confusões da Terra.

George Lucas, que adora quadrinhos e era fã de Howard, topou produzir o roteiro de Willard Huyck (também diretor) e Gloria Katz. Lucas acreditou demais no filme, principalmente para salvar seus de dificuldades econômicas. Mas o público não se deixou convencer por um Howard "de carne e osso". O que era deliciosamente cômico — os quadrinhos de um pato falante, vindo de outro planeta, que tem uma visão objetiva das tolices de que é capaz a raça humana — na tela tornou-se uma enxurrada de cenas superproduzidas com pouquíssimo tempo para a reflexão. Além disso, gente de verdade contracenando com um pato exageradamente real. Todos atores "foram" Howard em uma movimentação fluida e perfeita e menos capaz de apelar para a imaginação do que os desenhos de uma página de revista.

Se alguma coisa vai ficar desta tentativa frustrada, é a possibilidade de Lea Thompson (de *De Volta para o Futuro*), que representa a cantora de rock amiga de Howard, fazer de fato uma carreira na música. Tocando e cantando canções de Thomas Dolby, ela é uma das melhores coisas do filme. Tara Vega — o próprio Dolby e Karen Blake também aparecem na trilha sonora, o que talvez justifique uma ida ao cinema. *M A M*

cursos técnicos!
• eletrônica básica • eletrônica digital
• áudio e rádio • televisão pb, cores
• programação basic • programação cobol
• análise de sistemas • microprocessadores
• eletrotécnico • instalações elétricas
• refrigeração e ar condicionado
kits exclusivos!
Z-80

Kit de Microcomputador e mais
• Kit de Televisão • Kit Multímetro Digital
• Kit de Refrigeração • Kit de Rádio AM FM
• Kit Digital Avançado • Volt Amperímetro
cursos por correspondência
intensivos! dinâmicos!
OCCIDENTAL SCHOOLS
cursos técnicos especializados
Alameda Ribeiro da Silva 700
01217 São Paulo SP
Fone: (011) 826-2700
SOLICITE MAIORES INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO!
BIZZ 18
OCCIDENTAL SCHOOLS
CAIXA POSTAL 30 663
01051 SÃO PAULO SP
Desejo receber gratuitamente o catálogo ilustrado do
Curso de
Nome
Endereço
Bairro Cidade Estado CEP

TROUBLE FUNK

Festa explosiva

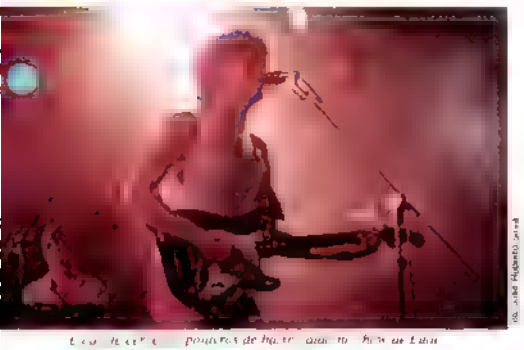
Hammersmith Palais (Londres) 15/10/86

"Drop the bomb, it's party time" (soltem as bombas, é hora de festa), era o que estava estampado nas camisetas dos integrantes do grupo americano Trouble Funk quando eles entraram no palco, sob delírio de uma platéia bastante adolescente. Foi mesmo uma festa, uma bela noite de rap go-go e hip hop, variações da nova música negra americana, que atualmente invade o mercado inglês.

O grupo desfruta de um sucesso enorme aqui na ilha, principalmente graças ao estouro do single "Still Smoking" (que está na trilha do filme *Good to Go*, um fracasso de bilheteria na Inglaterra por causa de problemas com sua distribuição).

A banda possui uma energia inacreditável. Suas músicas duram de quinze a vinte minutos, e cinco dos onze integrantes do Trouble Funk dançam numa coreografia contagiante. Foi uma festa americana memorável. Na platéia, gente como Jerry Dammers (Special Aka, ex Specials), Mick Jones e Don Letts (Big Audio Dynamite) e Doctor Robert (Blow Monkeys). A única chateação é que em Londres as festas acabam cedo. O que sobrou foi a energia que ficou parando no ar do Hammersmith Palais. *Ed Lima*

LULU



Platéia X paródia

Estádio Nhozinho Santos (São Luís) 18/10/86

São Luís foi o ponto final da excursão de lançamento do novo LP de Lulu Santos. Calor, lua cheia e expectativa num show que começou com uma hora e meia de atraso.

Lulu e os Demônios, banda que o acompanha, chegaram com uma superestrutura de som e luz e um palco de oitenta metros quadrados, passarelas laterais e cortina de veludo. Mas o vento não colaborou e levantou a cortina antes do show quebrando o clima *superstar*.

Quatro mil pessoas se espalharam pelo gramado e acompanharam cantando e dançando desde os primeiros acordes de "Areias Escaldantes". Lulu e a banda se entusiasmaram, auto-impressionados. Ele relaxava na guitarra, onde se sai melhor, ainda que siga a fórmula do sucesso fácil que o consagra como o romântico de plantão com ressentimentos roqueiros. As mentiras deliravam quando ele arriscava uma investida nas passarelas laterais enquanto destruava hits como "Sincero", "De Leve" ou "Como uma Onda". Além de músicas do novo LP. Pena que a melhor delas, "Twist", uma *disco* crítica e autocrítica, tenha ficado de fora.

Quando Lulu apresentava o tecladista/compositor Nico Resende, deu uma canja para ele cantar "Transas", do próprio Nico e que faz sucesso com Ritchie, na trilha de *Roda de Fogo*, novela da Globo. Lulu deu um tempo atrás do palco e voltou dizendo "eu também tinha a minha (música) na novela". Frase surpreendente para quem tem um som tão trabalhado pela mídia.

Outro lance: Lulu perguntou se o público gostava de reggae. O público: "Não!", resposta inesperada para uma cidade que tem o reggae como um dos ritmos mais presentes nos barracões da periferia. Lulu não perdoou e cantou "Demon", do novo LP. A temperatura subiu ainda mais. Lulu entoava um *to-to-to* sem fim, até balbuciar "bota pra f**, bota pra f**". O público repetiu em alto e bom som. Além de Lulu, Leo Gandelman (sax) e Nico centralizavam as atenções. Artur Maia, um dos baixistas mais reverenciados da nova geração de instrumentistas do país, entrou na dança timidamente. Marcelo Costa (bateria) e Paul de Castro (guitarra) pareciam menos a vontade. Pouco depois, o público jogou uma lata de cerveja no palco. Lulu ficou mais um tempo, e se despediu rapidinho. A platéia esperou meio surpresa, até ir se dispersando aos poucos. Lulu voltou reclamando, pedindo que não jogassem mais latas (sic) e completou as duas horas de show distribuindo postais com uma foto dele à platéia enquanto policiais cercavam o palco. Como Lulu mesmo disse à BIZZ: "Meu espetáculo é showbiz é paródia de showbiz". *C G L*

NEW ORDER

Nova ordem no palco

Royal Albert Hall (Londres) 6/10/86

Nesta semana o New Order esteve em todas as capas de revistas e jornais musicais londrinos. Também pudera: iria lançar o seu novo LP *Brotherhood* num lugar em que nunca tinha tocado antes. Jevido à grandiosidade de suas proporções, o Royal Albert Hall. Na platéia, uma grande maioria masculina e marcada de lugares como Blackpool e Manchester, cidades industriais inglesas.

Os integrantes do grupo entram tradicionalmente em total silêncio e frieza. Tocam, uma após outra, músicas dos dois últimos LPs, sem se-

quer apresentarem os títulos das canções. O público pede insistentemente "Blue Monday" e "Temptation", e eles não dão a mínima.

O som do grupo está infinitamente mais dançável do que o dos LPs anteriores. Bernard "Barney" Sumners, apesar de sua timidez, solta sua voz e a guitarra livremente, com bastante presença. Gillian Gilbert, a tecladista, permanece como sempre imóvel no seu canto. Peter Hook maneja agressivamente o seu baixo, colocado bem abaixo da cintura, e Stephen Morris opera a extensa variedade de baterias ao lado.

A platéia é agressiva. Briga, venga, joga latas de cerveja, mas o grupo age como se ela não existisse. New Order continua a *cult band* de sempre, apesar da sua ligação com o Joy Division já estar bem distante no tempo. Encerram o show com "Perfect Kiss", e não voltam para o bis. *E J*

WOODENTOPS

Culto furado

ICA (Londres) 9/10/86

Todos os anos o ICA (Instituto de Artes Contemporâneas) apresenta, em Londres, os grupos que mais prometem entre o vasto rol das bandas novas independentes. Por lá já tocaram os Smiths, Blow Monkeys e o Chaks, mais uma sensação eletrônica vinda de Sheffield.

Agora foi a vez dos Woodentops, da gravadora Rough Trade, que além tem o mini-LP *Straight Eight Bushwaker* lançado pela WEA no Brasil. Fizeram uma temporada de três dias no ICA, com abertura feita pelo grupo James Ver Porão. BIZZ 51). Pelo menos, sucesso de público, casa lotada nos três dias.

Os Woodentops, um grupo de folk-rock, e seu líder Rolo McGuintry são vedetes da imprensa musical inglesa. Na verdade, nada de muito novo acontece no cenário musical britânico, e quando pinta um grupo tipo "volta às raízes", com instrumentos acústicos e um som meio country, aí já é considerado *genial*. Não é à toa que estão importando gêneros musicais, como o hip hop (dos EUA) e reinterpretando outros, como a bossa nova (de um conhecido país da América do Sul).

A nova inspiração dos Woodentops vem da simplicidade. No palco, enormes painéis remetem à pintura rupreste e a motivos aborígenes. O som é agressivo as vezes e, na maior parte do show, suave. No geral, melodias leves e a bonita voz de Rolo, sem maiores surpresas. Entretanto a imprensa daqui continua a sustentar este novo culto. *E J*

STEVE WINWOOD

A volta, por cima

Madison Square Garden (NY) — 13/11/86

Lá fora Bruce Springsteen domina as rádios e as prateleiras das lojas de disco, uma frente fria inesperada açoita Manhattan com um frio de zero grau, incomum nesta época do ano. Mas cá dentro do Garden — um estádio absurdamente encravado no centrão de NYC — o papo é outro. Uma conversa com leves ares de nostalgia que começa nos primórdios do Spencer Davis Group (dos anos 60), passa pelo Traffic (60s e 70s) e desemboca numa das mais intrigantes carreiras solo de que se tem notícia no firmamento pop. Depois de anos imerso num limbo criativo, o inglês Steve Winwood ressurgiu de suas próprias cinzas, lançou seu álbum mais consistente e mais comercial desde *Arc of a Diver* (de 1980), conquistou seu primeiro *number one* na parada de singles (com "Higher Love") e, conforme profetizava o título de seu mais recente álbum, Winwood, aos 38 anos retornou à boa vida.

Se o fato de Winwood lotar o MSG (mais de 20 mil lugares) já surpreenderia. Ver aquela multidão — executivos, hippies velhos, parasitas, modelos e *teenagers* — acompanhando cada refrão já demonstrava o alcance da ressurreição comercial e artística de Winwood e sua longevidade. Ex-cult, Steve é agora um superstar.

Isso não ficaria evidente na abertura do show. Vinda de uma maratona funk, cortesia do Level 42 (sem graça pacas, apesar do excelente baixista Mark King), a plateia encarou um intróito ultra-suave: Steve sozinho no piano, cantando "The Low Spark of High-Heeled Boys", e calando a turba com aquela angelical voz de garoto de coro de igreja. Foi a única concessão ao seu ex-grupo, o Traffic. Dali por diante Steve destrinchou toda sua discografia solo, carregando a mão em *Arc of a Diver* e — é lógico — *Back in the High Life*.

O octeto que o acompanha é impecável, pan-cultural e sexualmente misturado — uma verdadeira máquina de som bem azeitada e que, enfim, dá o merecido destaque à musicalidade de um show desprovido de efeitos especiais (mesmo assim muitos babaquaras insistiam em aplaudir as mudanças de luz). Uma banda à altura do multiinstrumentista que é Winwood — como ele, muitos da banda se revezam em dois, três instrumentos. Steve, por sua vez, utiliza o longo palco com a mesma segurança de qualquer um de seus contemporâneos, engatilhando "Higher Love" após "Get It On", depois de "Freedom Overspill", depois de "While You See a Chance"... enfim, um campeão à vontade, seguro e feliz com o sucesso, todo sorrisos e acenos.

Os mais cínicos poderiam ver nesta turnê de Winwood a vitória do marketing sobre o talento (afinal *Back in the High Life* é o disco mais bem marketeado de toda a carreira de Steve). Porém, o encerramento do show — entre apoteótico e sublime — tirou qualquer possível dúvida sobre o poder de fogo deste veteranão: numa só porrada, "I'm a Man" (do Spencer Davis), "Back in..." e "Gimme Some Lovin" (todas as luzes do estádio acesas, um superbailão).

Mas a última cena que fica na memória é a imagem de Winwood, solene no centro do palco, com os arranha-céus de Nova Iorque projetados ao fundo, empunhando seu bandolim e cantando "de volta à boa vida... de novo", um cavalheiro inglês que triunfa.

José Emílio Rondeau

SIOUXSIE & THE BANSHEES

A pajelança

Palácio das Convenções do Anhembi (SP) — 27/11/86

Ela não é inglesa, eu não sou brasileiro. Ela aparece mascarada, silhueta ondulante e pontuada pelos tambores, então é isso: nossos ombros esbarraram num carnaval em Veneza ou foi um *sabbat* na Floresta Negra? Há elfos, ondinas, salamandras e gnomos, ela tem a voz laminada que os domestica e governa os quatro elementos. Ecos do Egito: há certos deuses cujo nome é secreto, pronuncie-o e você está morto. Mas esta cerimônia começa sem sacrifícios de touros e virgens. Houve, em Israel, magos que conheciam o segredo de transmutar sangue em vinho. Pronuncie-o e você está morto.

(Nenhuma palavra ao público presente antecede o bombardeio. "Cities in Dust" abre, seguida de uma das "velhas favoritas", "Cascade", primeiros arrepios nos pelos do braço e a ameaça do torpor a que o corpo se entregará se continuar sugado pela mandala de luz, cor e som.)

Eles não levantam os olhos, estão tomados e interligados numa tapeçaria de sons e ritmos que não pertence a nenhum dos três. Também conhecem o segredo e não deixam que uma só nota seja dominada pela expressão pessoal. Ela arregala os olhos, agora sem máscara, e eles rasgam e cortam na mesma direção da voz. Sua família viveu entre as panteras das savanas, os mesmos olhos de esmeralda faiscando no escuro, mas eles se perderam quando os profanos corromperam o segredo seccionando-o em "arte", "ciência" e "religião". Sob abóbadas das noites árabes, ela se refugiou transmutada, e seus ritos passaram a barrar os iniciados e só compactuar com a natureza. Ouvi um rumor o que vocês fizeram com ela.

(Eles não têm técnica, nem precisam dela: só uma coleção de canções acumuladas durante sete anos. Vão esquentando, hipnotizando, ameaçando atingir o primeiro clímax. Ele vem: "Christine". O acorde menor no violão é apenas um detalhe, mas como corta.)

Ela é uma boneca de porcelana na prateleira dos quartos de brinquedos. Por uma noite ela recebeu esta alma que a anima, mas traz espasmos e convulsões. Quantas almas cabem num corpo? Você pode ocultar sua genética sob os mais drásticos cosméticos, mas essa comunhão tem a fama de ser trágica. Se seus pais, tios e avós esquecerem de dizer suas preces, pegue-os pelas canelas e os derrube escada abaixo. Esta é uma casa feliz e as crianças brincam entre os espíritos da terra, do fogo, da água e do ar.

(Fim do clímax, dispara o gatilho do orgasmo múltiplo e contínuo: "Night Shift" — dez a zero na gravação original e na do duplo ao vivo, "Paradise Place" — ela pousa e empunha uma guitarra, "Happy House", "Arabian Nights", "Spellbound". Quem precisa de Bauhaus, Alien Sex Fiend, X Mal Deutschland etc. etc. quando se tem o original?)

Ela segue a dança, sob as sequóias em cúpula sobre a clareira, nós dançamos tantas outras vezes estes séculos todos, não sei se os tambores, os gritos, o fogo que passa pelo plexo e se comunica com o éter, não sei se a poção do xamã. Ela rodopia e seu pescoço às vezes dobra no gesto que pode revelar a psicose na face de um deus. Mas eles não olham para ela, não precisam, eles não dão o ritmo, quebram e espalham, apenas —, ela não segue o ritmo, obedece apenas.

(Uma hora e meia, só? O suor que escorre pela testa e convida a arrancar as roupas encharcadas impede de enxergar os rostos ao redor. E os cientistas demoraram apenas dois milênios para descobrir que o cérebro pode segregar naturalmente um opiáceo. Eles retornam: "Israel". Adeus.)

Faz rodopiar, você não tem escolha. Tento não espatifar em cacos estilo caleidoscópio. Estamos em transe, presos no feitiço, no encantamento, na praga, na peste.

J. A. L.

LANÇAMENTOS

BOB DYLAN, TOM PETTY & THE HEARTBREAKERS — HARD TO HANDLE — estéreo, hi-fi, 55 minutos, CBS Fox — Sem efeitinhos especiais, sem [illegible] sem [illegible] este especial de TV transformado em [illegible] de [illegible] da recente safra de [illegible] foi gravado na Austrália, no meio da excursão que Dylan e Petty fizeram juntos em 1986. A câmera treme, principalmente quando está na grua. Dylan sai de quadro várias vezes. [illegible] o som e o desempenho da banda ao vivo são [illegible] O único senão é a pequena duração desta gravação.

MICK JAGGER — RUNNING OUT OF LUCK — estéreo, hi-fi, 80 minutos, CBS Fox — Finalmente [illegible] a [illegible] do clipão que Jagger e o diretor Julien (Absolute Beginners) Temple fizeram no Brasil no final de 84. Valeu a espera. As reações à [illegible] entremeada com clipes [illegible] do repertório do álbum She's The Boss têm sido opostas: alguns amam, acham divertidíssimo. Outros odeiam, acham um porre. Este lançamento é pelo menos bem [illegible] da [illegible] que o [illegible] de Jagger [illegible] hoje [illegible] tempo.

JEAN-MICHEL JARRE — RENDEZ-VOUS HOUSTON: A CITY IN CONCERT — estéreo, hi-fi, VCA Technicolor — Para comemorar o aniversário de Houston, Jarre [illegible] toda a pirotecnia visual de que podia lançar mão — laser, fogos de artifício. E tocou música também. Mas para ser [illegible] do que [illegible]. Também consta desta versão [illegible] a música que Jean-Michel compôs especialmente para os tripulantes da Challenger.

PARADA

1 THE NUMBER 1 VIDEO HITS — Whitney Houston
2 WHAM IN CHINA-FOREIGN SKIES — Wham!
3 MTV CLOSET CLASSICS — Vários
4 DICK CLARK'S BEST OF BANDSTAND — Vários
5 STARING AT THE SEA — The Cure
6 THE VIDEO ALBUM, VOLUME II — Billy Joel
7 THE COMPLEAT BEATLES — The Beatles
8 U2 LIVE AT RED ROCKS — U2
9 MY NAME IS BARBRA — Barbra Streisand
10 THE ULTIMATE OZZY — Ozzy Osbourne

Fonte: revista Billboard

POLICE

"DON'T STAND SO CLOSE TO ME '86"

Dirigido por Godley & Creme

Quando o Police topou se reunir para a excursão dos Concertos para a Anistia, os rumores começaram a voar: o grupo estaria prestes a gravar um novo (senão derradeiro) álbum de estúdio. Bom, gravaram juntos, de novo. Mas apenas *uma* faixa. Na verdade, uma releitura de um antigo clássico do trio. Para promover a regravação entrou em cena o talento da dupla de diretores Godley & Creme, que criou um clip perfeito para a nova versão da história de um professor paquerado por suas alunas. A metáfora, agora, da frase "não chegue tão perto de mim" é outra: o Police 86 são três bonecos montados em pedestais individuais, rodopiando sem se olhar e sem oferecer calor ao público.

NOTAS

■ Você já ouviu falar do **Max Headroom**? Pois bem, ele é um personagem de vídeo composto, em doses iguais, por um ator muito bem maquiado e sofisticadas técnicas de edição e pós-produção. Para os desavisados parece fruto exclusivo do videoteipe. Mas não é. Tanto assim que o ator que mora sob Headroom — o canadense **Matt Frewer** — era sempre deixado de lado toda vez que Max era mencionado pela imprensa. Tudo isto mudou. Max é uma celebridade nos Estados Unidos e na Inglaterra. Matt se revelou ao público e nesta onda de sucesso o [illegible] Headroom está crescendo. Primeiro foi o contrato como garoto-propaganda da Coca-Cola em território norte-americano. E agora Max [illegible] seu [illegible] tipo: O Pensamento de [illegible] e seu próprio [illegible].

■ Aconteceu mesmo: a MTV está realmente mostrando clips brasileiros em sua [illegible] Hour. Depois do **Plebe Rude** foi a vez da Sopa de Letrinhas [illegible] gaúchos **Engenheiros do Hawaii**.

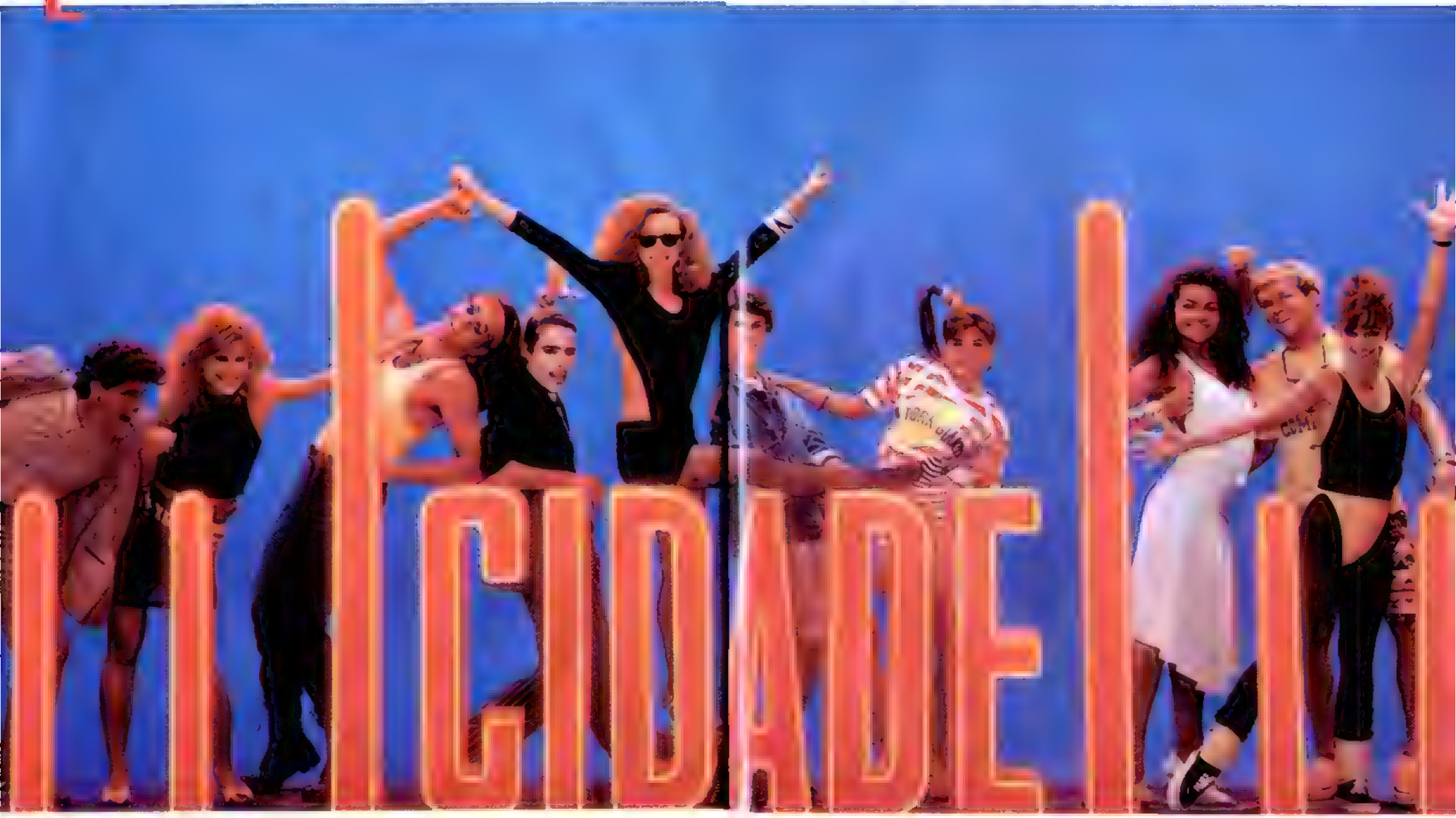
■ Mais rumores sobre [illegible] que o **RPM** estaria em vias de fazer desta vez [illegible] se que será gravado um show [illegible] do grupo em cinema, sob a direção de **Bruno Barreto**.

■ O álbum ao vivo de **Bruce Springsteen** é a grande atração do Natal norte-americano. As rádios abandonaram seus *playlists* habituais para tocarem [illegible] com as 40 faixas dos cinco LPs recém-lançados numa caixa especial. Um evento que só poderia ser transformado em vídeo de forma igualmente épica: um superclip da música "War", o primeiro single, com trechos dos shows misturados por cenas de guerra. Em breve nas telinhas. Não perca.

■ Do Departamento Não Perca, foram relançados, com som estéreo hi-fi, duas gemas do passado dos rock clips [illegible] filmes *A Hard Day's Night* e *Help!*, dos **Beatles**. Quem ainda não conhece tem aqui uma chance rara de conhecer os quatro de Liverpool no topo de sua fama e de seu humor.

■ Erramos! A música "I Can't Think About Dancing" é do **Missing Persons**, não do Simple Minds [illegible] de **BIZZ** n.º 15.

ENTRE NA GIRAÇÃO E ENCONTRE O SUCESSO NA CIDADE.



Giração é o movimento que vai agitar todo mundo. É troca, busca e encontro. Troca da mesmice
Busca do novo. Encontro com quem faz o sucesso. Pra entrar na giração é só girar. Não deixar
o mundo acontecer sozinho; ficar atento e dar sempre um toque. Escolher o caminho, fazer estilo
Entra na giração quem está a fim de mudar. Agitar vinte e quatro horas por dia. Todos os dias
cada momento tem seu clima. Nós estamos aqui. Você está aí. A gente se encontra na cidade

CIDADE FM

A NOVA GIRAÇÃO DO SUCESSO

MY BLOODY VALENTINE

Barulho, franjas & melodias anos sessenta: a mais nova sensação inglesa...

My Bloody Valentine: quatro apanhadores no campo de centeio

[redacted] Helen Fitzgerald, da *Melody Maker*, escreveu que esta é a *melhor* de todas as novas bandas inglesas. Os próprios integrantes do grupo compartilham de opiniões semelhantes: "Nós sabemos que somos *brilhantes* e estamos apenas no começo", declara Dave, o cantor, que, alto e bom som, ainda se dá ao luxo de chamar a nova cena independente inglesa de "enfadonha".

Tá certo. Nada como um pouco de arrogância e provocações para abrir caminho a toque de caixa no superpopulado mercado independente britânico. Mas não foi só de papo que se consolidou a trajetória deste quarteto de Dublin, capital irlandesa. O MBV foi formado no final de 1985 por Dave, Kevin (guitarrista e compositor de todas as músicas da banda), Colm (bateria) e a garota Debbie (baixo), a última a entrar no grupo, após uma longa série de testes com vários baixistas.

Com um repertório curto, eles foram à luta pela Europa. Moraram um tempo em Amsterdã e depois em Berlim, onde lançaram seu primeiro disco, um mini-LP chamado *This Is Your Bloody Valentine*, editado alguns meses mais tarde na Inglaterra pelo selo Fever Records, só que com outro título: *Geek*. Chegaram em Londres para ficar "ricos e famosos". Lá, foram enquadrados pela crítica num universo paralelo ao do Jesus and Mary Chain — muito barulho e distorção com melodias que evocam os anos sessenta.

O visual do MBV é homogêneo e o destaque vai para as franjas *à la* Ramones — aliás, eles dizem que estas franjas foram inspiradas nos cortes de cabelos de crianças que nasceram com a síndrome de Down (quer dizer, mongolóides, ,). Ao vivo causam reações que vão da estupefação ao delírio. A palavra chave é *fun* – festa, diversão – o resto não importa.

Acabaram de lançar um EP com quatro músicas, *The New Record by my Bloody Valentine*, pelo selo Kaleidoscope Sound. Tomara que eles fiquem famosos e assinem com uma multinacional. Aí, quem sabe...

T.P.

THE MISSION

Eis aí uma banda *goppie*. *Thomas Pappon* explica o que é isso.

Hinkler, Brown, Hussey e Adams cumprindo a missão

[redacted] Quem diria que das duas bandas formadas pelos ex-integrantes dos Sisters of Mercy, justamente aquela montada pelos membros menos conhecidos viesse a se tornar a mais popular? Pois é, The Mission é o nome da banda formada pelo guitarrista Wayne Hussey (que agora também canta) e pelo baixista Craig Adams, quando ambos, completamente decepcionados e desiludidos com o fim dos Sisters, resolveram continuar tocando. (Andrew Eldritch, o líder dos Sisters, acabou montando com o outro guitarrista, Gary Marx, a banda Sisterhood).

Até hoje não se sabe ao certo as razões que causaram o fim dos Sisters. Wayne e Craig tiveram que assinar um contrato que os obriga a *calar* sobre este assunto. Mas, enfim, pelo que se ouviu das duas bandas posteriores, pode-se deduzir que os quatro músicos de fato se completavam e que tinham concepções musicais bem parecidas.

The Mission se mantém na linha do gótico neopsicodélico. Muita guitarra, vocais guturais, baixo frontal, a adição de uma bateria e o visual dark, sempre capricchado com braceletes, colares e os indefectíveis óculos escuros, acabaram fazendo a cabeça dos diretores da Phonogram. Após dois compactões independentes, o Mission está agora lançando seu primeiro LP, *God's Own Medicine*, por uma gravadora multinacional (oba!).

O Mission é completado pelo baterista Mick Brown (ex-Red Lorry Yellow Lorry) e pelo guitarrista Simon Hinkler. Suas influências musicais são manjadas. Led Zeppelin, Led Zeppelin e Led Zeppelin. Têm uma certa reputação de criaturas da noite — dormem de dia, saem à noite, enchem a cara etc. Dão entrevistas extravagantes, declarações ambíguas e se divertiram muito quando, na busca de um rótulo que os definisse, criaram o termo "goppie" — mistura de *goth* (gótico) com hippie.

Se alguém quiser levá-los a sério, vai se decepcionar com seus videoclips, onde aparecem morcegos pendurados em visíveis fios de náilon e músicos tocando dentro de ataúdes. Um grande barato. Ainda vamos dar boas risadas com este grande grupo.

PHILADELPHIA

LIBERDADE EM PRIMEIRO PLANO.

CRIME

Rock and roll cometido por moleques contra o estado das coisas

Os criminosos: Abutre ao fundo, Fantasma, Magui e Rogério em primeiro plano

"É importante frisar isso aí: a gente é uma banda de moleques para moleques". Rogério, o vocalista do Crime é quem faz esta declaração num tom inequívoco de molecagem. Mas o papo é sério, tanto que eles já assinaram com a WEA. "Nós mandamos uma fita caseira — penduramos o microfone no teto e gravamos num tape-deck normal — aí o Peninha ouviu e gostou".

Além de Rogério, o Crime é cometido por Abutre na bateria, Otávio — ou Fantasma — no baixo e Magui na guitarra. São todos mais ou menos vizinhos, moradores do Caxinguí — bairro de classe média de São Paulo —, que tinham o mesmo denominador comum. Gostavam muito de ouvir rock, sabiam músicas de cor, enfim, daí para montar uma banda é um pulo. Sem muitas idéias, sem grandes influências do rock mais cerebral, mais conceitual mas identificando-se com a garra do punk, Stones, Clash, Who. Rogério define: "O que a gente faz é rock rock, rock and roll, *true* rock".

O Crime resolveu corromper a molecada antes de percorrer a *via crucis* do que eles chamam de *underground oficial*. Tocaram em barzinhos de amigos, escolas e até na rua, na Boca do Lixo. "Dá mais segurança saber que a molecada gosta da gente. Depois, se os críticos falarem mal, a gente não está nem aí", explica Rogério.

A idéia do nome vem das leituras de Aldous Huxley e Max Stiner — teórico do anarquismo. As leis são feitas para a manutenção da sociedade tal como ela está, portanto, "tudo o que for decente será um crime". As letras refletem esta preocupação crítica em relação às instituições: "Não leio jornal/ não ouço o meu pai/ governo que cai". Este Crime deve compensar.

B A

DISTURBIO SOCIAL

Uma garage band que agrada gregos e troianos. *Tom Leão* foi lá verificar

As bandas de garagem continuam a proliferar no Rio, fornecendo matéria-prima para a nova fornada do rock. Uma já está pronta para voar mais alto: é a Distúrbio Social.

A banda é composta por Ian Chermont nos vocais, Maurício Mendes na guitarra, Rafael Braga no baixo e André Jacques na bateria, amigos de colégio e praia. Depois de formada, no início de 85, sua primeira apresentação foi na extinta boate Ilha dos Mortos. De lá para cá, esgotaram o escasso circuito das danceterias e boates cariocas. Não se preocuparam ainda em gravar um disco, embora já tenham um repertório pronto.

Pelo nome, a Distúrbio Social poderia sugerir uma banda punk. É certo que eles têm influências do punk rock, pois isso é a própria essência das garage bands. As letras tanto tratam de temas político-sociais — e Ian justifica: "A vida hoje em dia é um disturbio total" — quanto de coisas mais introspectivas. Musicalmente estão começando a desenvolver os acordes básicos. Os shows são curtidos por carecas, uêives, deprês e heavies. "Não queremos rótulo nenhum. Somos pós-vanguarda malandrix", diz Ian com bom humor.

Entre as músicas que circulam pelas rádios alternativas do eixo Rio São Paulo, as mais executadas são "Egocentrismo" e "Papel Final". A banda tem uma nova demo-tape que inclusive foi enviada à Polygram, mas até agora eles não receberam respostas. Líder na banda não há, todos são livres para opinar. Nesse ponto, não há qualquer tipo de distúrbio.

Ian, Maurício, Rafael e Jacques: a garage band mais...

LETRAS

TALKING HEADS

WILD WILD LIFE

(David Byrne)

I'm wearing filthy pijamas
I rate a hot potato
It's tickling my fancy
Speak up, I can't hear you
here on this mountaintop (oh oh oh)
I got some wild wild life
I got some news to tell (oh oh)
about some wild wild life
here come the doctor in shorts (oh oh oh)
She's got some wild wild life
and I'm the way I like it (oh oh oh)
It's a wild wild life

I wrestle with your conscience
you wrestle with your partner
sitting on a window sill
that is ten stories high
and behind closed doors
check out Mr. Businessman (oh oh oh)
he bought some wild wild life
on the way to the stock exchange
He got some wild wild life

Break it up
when he opens the door (oh oh oh)
he s doing wild wild life
I know that's the way
I like it (oh oh)
Living wild wild
peace of mind
it s a piece of cake
thought control
you gamble any time you like

Like sitting on pins and needles
things fall apart, it s scientific
sleeping on the interstate (oh oh oh)
getting wild wild life
check it in, check it out (oh oh oh)
I got'em wild wild life
spending all of my money
in time (oh oh oh)
on too much wild wild life
we wanna go where we go
where we go (oh oh oh)
doing wild wild life
I know it
that's how we start (oh oh oh)
got some wild wild life
there's a picture
here in the dead (oh oh oh)
they got some wild wild life
you're both so tall
you're both so fast (oh oh oh)
wild wild life
and I know that's the way
you like it (oh oh)
doin' wild wild wild life

© Index Music Inc

SELVAGEM VIDA SELVAGEM

Estou vestido em pijamas imundos
avalio uma batata quente
ela provoca minha fantasia e curiosidade
fale mais alto, não consigo ouvir você
neste topo da montanha (oh oh oh)
tenho alguma selvagem vida selvagem
tenho algumas notícias para contar (oh oh oh)
sobre alguma selvagem vida selvagem
aí vem a doutora de calção (oh oh oh)
ela tem alguma selvagem vida selvagem
e eu estou do jeito que eu gosto (oh oh oh)
é uma selvagem vida selvagem

Eu me debato com sua consciência
você se debate com seu parceiro
sentado numa beirada de janela
a dez andares de altura
e por trás de portas fechadas
dê uma checada no Sr. Homem-de-Negócios
ele comprou alguma selvagem vida selvagem
a caminho da bolsa de valores
ele conseguiu alguma selvagem vida selvagem

Desmanche tudo
quando ele brir a porta (oh oh oh)
ele está dando uma de selvagem vida selvagem
eu sei que esse é o jeito
que eu gosto (oh oh)
vivendo selvagem selvagem
paz de espírito
é um pedaço de bolo
controle do pensamento
você pode apostar e arriscar a hora que quiser

É como estar sentado sobre alfinetes e agulhas
as coisas caem em pedaços, é científico
dormindo no interstício (oh oh oh)
arrumando selvagem vida selvagem
verificando na entrada, verificando na saída (oh oh oh)
eu arrumei esses espécimes de selvagem vida selvagem
gastando todo o meu dinheiro
a tempo (oh oh oh)
com um excesso de selvagem vida selvagem
nós queremos ir para onde vamos
onde vamos (oh oh oh)
dando uma de selvagem vida selvagem
eu sei
é assim que se começa (oh oh oh)
com alguma selvagem vida selvagem
há um retrato
aqui entre os mortos (oh oh oh)
eles arrumaram um pouco de selvagem vida selvagem
vocês dois são tão altos
vocês dois são tão rápidos (oh oh oh)
selvagem vida selvagem
e eu sei que esse é o jeito
que vocês gostam (oh oh oh)
dando uma de selvagem vida selvagem

A SUA MARCA DE ESTIMAÇÃO

DS 1000
SINTETIZADOR
POLYPHONICO PROGRAMAVEL

O primeiro sintetizador polifônico de oito vozes totalmente programável produzido no Brasil com tecnologia *DIGITONE* exclusiva. 32 *PRESETS* prontos de fábrica, 64 memórias não voláteis. Você pode criar seus próprios programas e guarda-los em presets. Todos os comandos são digitais (controlados por um único display).

Solicite nosso catalogo. DIGITONE
Av. do Cafe. 383 387 São Paulo SP
Fone (011) 577.3622

Digitone
DIGITAL KEYBOARDS

STANLEY CLARKE & LARRY GRAHAM

Larry e Stanley tocando em São Paulo em setembro último

Foto Ary Diesendruck

O rei da técnica e o pai do balanço

Ambos são americanos detêm currículos invejáveis e estão entre os baixistas mais influentes do século: Stanley, com sua técnica impecável e Larry, o inventor do *slap* a estilingada que fez desmoronar os limites do instrumento e ainda introduziu o baixo em novos planos dentro do funk.

Stanley Clarke nasceu em 51 em Filadelfia. Estudou na Philadelphia Musical Academy e se mudou para Nova York em 70, onde começou a tocar com a nata da cena jazzística: Art Blakey, Gil Evans e a orquestra de Thad Jones e Mel Lewis. Em 71 conheceu Chick Corea. Entre suas afinidades com Corea estavam a cientologia (seita fundada pelo ideólogo americano L. Ron Hubbard) e o interesse (despertado por Stan Getz) pela música brasileira.

Em 72, Stanley e Chick Corea convidaram os brasileiros Airto Moreira e Flora Purim e ainda o saxofonista Joe Farrell para formarem juntos o grupo Return to Forever. O grupo, talvez um dos mais conhecidos e populares surgidos do jazz fusion, alterou sua formação com a entrada de Bill Connors (substituído mais tarde por Al Di Meola) na guitarra e Lenny White na bateria. Nesta época Stanley Clarke já estava lançando o seu primeiro LP solo. O RtF acabou em 76, e ele passou a se dedicar exclusivamente à sua carreira solo. A partir daí, ele foi se aproximando cada vez mais do rock n roll: tocou com Jeff Beck, excursionou com os New Barbarians (com Keith Richards e Ron Wood), produziu Dee Dee Bridgewater, Roy Buchanan e Chaka Khan e ainda "deu uma força" num LP de Paul McCartney (*Tug of War*).

Stanley Clarke desenvolveu técnicas em várias especialidades. É mestre no contrabaixo acústico no elétrico e ainda no baixo piccolo (criado por ele mesmo). Ele contou que escolheu o baixo por causa do seu físico (ele é muito alto e magro). Começou a tocar baixo aos doze anos, depois de ter cantado na igreja e de ter tido aulas de violino e violoncelo.

Stanley sempre estudou muito (também manja de composição, regência e arranjo). Porém, admite que praticar é necessário, mas fundamental mesmo é *entender* o instrumento, ter uma proposta e um objetivo com ele". Disse que sempre ouviu muita música e que foi influenciado por Charlie Mingus, Paul McCartney ("um grande melodista"), Scott LaFaro e Jack Bruce ("gosto da energia que ele tira do baixo").

O simpático Larry Graham nasceu em Beaumont (Texas) em 46. Começou tocando piano, órgão, guitarra, sax e clarineta, antes de descobrir suas afinidades com o baixo e de inventar o *slap*, numa casualidade. Foi quando ele tinha quinze anos e tocava guitarra num trio com sua mãe e um primo (que tocava órgão): "Certo dia o órgão quebrou e eu peguei um baixo para poder sustentar as harmonias mais graves. Toquei baixo como se fosse uma guitarra, e dei uma estilingada nas cordas para dar mais balanço pra coisa toda". Resultado: Larry descobriu que queria tocar baixo, e ainda inventou o *slap*, a tal da "estilingada nas cordas", que seria divulgado pelo mundo inteiro quando ele entrou numa das bandas mais importantes do soul funk americano — Sly & The Family Stone.

Em 72, Larry Graham saiu do grupo para montar sua própria banda, a Graham Central Station (que teve vários LPs lançados aqui). Foi nessa época que ele começou a cantar e a se destacar como cantor, compositor e autor de alguns hits, como "Can You Handle It", "Feel the Need" e "One in a Million You". Hoje, Larry está envolvido num projeto com Stanley Clarke, depois que ambos se conheceram, no ano passado, no Japão.

S M / T P

FICHA TÉCNICA

PEDAIS & MODELOS ESPECIAIS

Stanley Clarke só usa baixos elétricos Alembic, feitos sob encomenda (ele afirma que perdeu a conta dos Alembics que guarda em casa). Alguns modelos especiais foram desenhados pelo seu amigo Carl Thompson, que depois viria a fundar sua própria marca de instrumentos e acessórios musicais.

O piccolo foi elaborado pelo próprio Stanley: "Ele nasceu de uma idéia louca que tive quando refletia sobre as limitações do baixo normal". Trata-se, na realidade, de uma alteração do baixo elétrico comum: o corpo e as cordas são mais leves e a afinação é mais alta. Ele ainda usa vários pedais, como um digital delay e um digital chorus, um pré-amplificador Alembic e um amplificador Ampeg 100 w.

Larry Graham tem um baixo japonês (semelhante ao Fender Precision) feito sob encomenda: tem um suporte para microfone acoplado no corpo. Ele também usa vários pedais como um phaser, um envelope filter, delay e distorção (dizem por aí que Larry foi o primeiro baixista a usar — e bem — um pedal fuzz).

RAYCES
Moda jovem para gente jovem.
Malha 100% algodão.
Entre nesta moda e conquiste quem você ama.

Camisetas por apenas **Cz$ 89,00** cada
FAÇA JÁ o seu pedido por carta ou telefone (011) 520-0611 c/ Adalina
GARANTIA: Você receberá sua camiseta bonita, como na revista. Caso contrário poderá devolvê-la, que restituiremos seu dinheiro.
Envie o seu cupom para JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66 088 - CEP 05390 - SÃO PAULO SP
A JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66 088 - CEP 05390 - São Paulo - SP
TAMANHOS P.M.G.
De 1 a 5 peças, apenas pelo preço à vista
CONDIÇÕES ESPECIAIS - Para pedidos de 6 ou mais peças
Anexo Cheque Nominal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto. Anexo Vale Postal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto. Prefiro pagar ao retirar a mercadoria no Correio de minha cidade. Pagarei + Cz$ 25,00 de despesas com remessa
REF | QUANT | TAM | PREÇO
VALOR DO PEDIDO
DESCONTO ESPECIAL
VALOR A PAGAR
Para receber sua encomenda sem atraso, ESCREVA O CEP corretamente. Envie resposta.
Preços especiais para REVENDEDORES E ATACADISTAS, fale com MIRIAM pelo tel.: (011) 520-0611
Peça, também, **catálogos** com as últimas novidades

CARTAS SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

PROTESTO PRIMAL

Caros amigos da BIZZ, através desta venho fazer um protesto primal. Nas nossas rádios só há lixo. Uma situação realmente desgastante. Neste exato momento, ouço a gravação que fiz do último *Be Bop Woogie* (aliás, gravei quase todos os programas) com o sensacional Arthur Veríssimo, o único que fez algo verdadeiramente bom no rádio e foi chutado (meu Deus!) pela 97 (alternativa?). Arthur é o representante da inteligência musical nesse nosso escasso país. Salvo raras exceções como o Kid Vinil na 89 e o Ritchie na 97, o resto é lixo. Não temos som nas rádios. Somente jogos de mídia. O que custa apurar os ouvidos para coisas do tipo The Sound, Wall of Voodoo, Cabaret Voltaire, Cramps, Garagebands, Jerry Lee Lewis, Fela Kuti, Violeta de Outuno, Inocentes, Replicantes, Maria Angélica etc., etc. (vai de gosto...) O som está aí, basta colocar a bolacha na vitrolinha e enviar, via láctea, aos ouvidos de quem procura quantidade no dial. Chega de modismo, darkismos e coisas do gênero. Que cada um seja aquilo que tem na cabeça sem se deixar levar pela moda-ditadura. Chega! P.S.: Esta carta foi escrita com paixão. Paixão pela música, pela literatura, pelo país e pela vida. Um caso simples... Acho que deveria ser publicado para provar o espírito democrático da BIZZ. E também para servir de homenagem ao Arthur. Outra: parabéns ao Pepe Escobar. E viva James Brown. **Margarete de Moraes, Santo André — SP**

Viva! É longa vida também para casos como o seu, Margarete, de sensibilidade e inteligência. Aproveitando o ensejo, engrossamos o protesto contra a falta de imaginação das programações de rádio. Agora, uma notícia boa — o Arthur foi chutado mas não desapareceu do ar. Ele e seu programa foram para a Bandeirantes FM de São Paulo, às quartas-feiras de meia-noite a uma da manhã.

CLASH ATUALIZADO

Parabéns pela boa revista. Gostaria de saber a discografia da banda Clash. Obrigado. **João Carlos E. Vicente, São Paulo — SP**

Aí vai a discografia. A primeira formação com Mick Jones (vocais e guitarra), Joe Strummer (vocais e guitarra), Paul Simonon (baixo) e Terry Chimes — apelidado de Tory Crimes, ou "crimes do Partido Tory (conservador)" — (bateria), não gravou nenhum disco. O primeiro LP da banda, The Clash (77), já é da segunda formação, com Topper Headon na bateria. Saiu aqui na versão americana (lançada nos EUA em 79), que das catorze faixas originais conserva apenas dez, acrescentando uma seleção dos EPs que saíram nos dois anos de diferença entre os dois lançamentos. Em seguida vem Give 'Em Enough Rope, de 78 e 79 é o ano do álbum duplo London Calling (lançado aqui). No ano seguinte, o Clash aparece com um ambicioso álbum triplo, Sandinista! também lançado no Brasil. Deste ano ainda há uma coletânea americana de compactos, Black Market Clash. O último disco desta formação é Combat Rock *(82), do qual existe uma edição brasileira. Depois de* Combat Rock, *Topper Headon saiu da banda, e em 85 lançou um compacto solo,* Drumming Man. *Depois dele, saiu Mick Jones, que começou uma briga com Strummer e Simonon pelo direito de continuar com o nome do grupo. Enquanto isso, Mick colaborava com o General Public. Depois de perdida a briga fundou o Big Audio Dynamite, com Don Letts, o diretor dos clips do Clash. Do BAD há um LP,* This is B.g. Audio Dynamite *(85, lançado aqui em 86). O Clash remanescente lançou em 85* Cut The Craps *(no Brasil, 86). Existe ainda um álbum dos 101ers, o grupo de Joe Strummer anterior ao Clash, chamado* Elgin Avenue Breakdown *(81). Strummer é ainda o autor de "Love Kills", faixa tema da trilha sonora do filme* Sid & Nancy — O Amor Mata, *de Alex Cox. A notícia mais recente (BIZZ 16) é que Strummer participara do novo disco do BAD.*

FÃ-CLUBES

Titãs *Fã-Clube Titãs*, Rua Senhor do Matosinho, 106/105, CEP 20211, Rio de Janeiro — RJ

Sigue-Sigue Sputnik *The Fan Club Space Punk Meet*, A/c Ademar Sputnik Filho, Caixa Postal 146, CEP 09400, Ribeirão Pires — SP

Cabine C *Cabine Club*, A/c Betto, Rua Ministro Godoy, 1648, CEP 05015, São Paulo — SP

Kiko Zambianchi *Zambianchi Amigos Club*, A/c Edna, Caixa Postal 22546, CEP 04798, São Paulo — SP

Zero *Fã-Clube O Outro Lado da Meia Noite-Zero*, Rua Onze de Fevereiro, 91, casa 2, CEP 04319, São Paulo — SP

James Brown *Fã-Clube Legendary James Brown*, A/c Aurino Brown, Rua 4-C Calc, 15/102, CEP 11450, Guarujá — SP

Zizi Possi *Pra Sempre e Mais um Dia — Fã-Clube*, A/c Celso L. Santos, Caixa Postal 714, CEP 09000, Santo André — SP

A-HA *The Love Is Reason Fan Club*, A/c Fátima W. F. Harket, Rua Campos de Goitacazes, 16, CEP 05844, São Paulo — SP

Capital Inicial *Fã — Capital Inicial Clube*, *Rua Calcedônia, 203 CEP 30000, Belo Horizonte — MG*

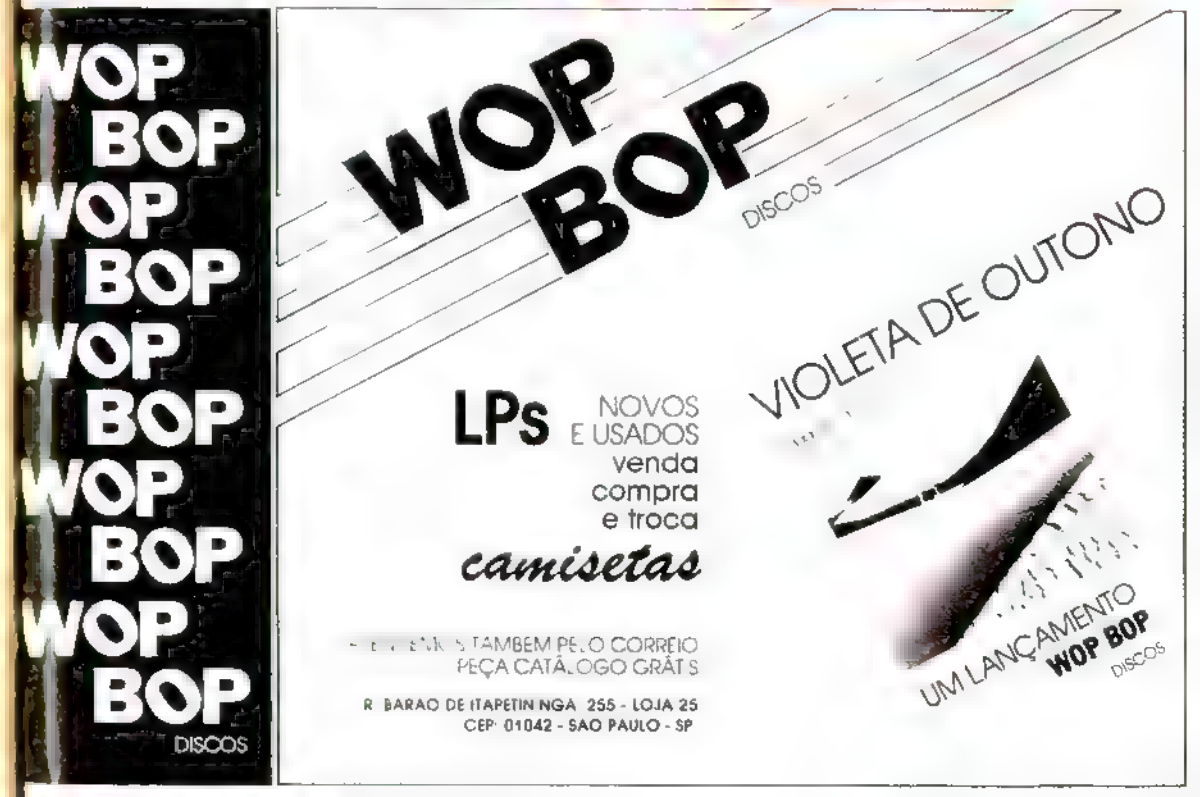
Talking Heads *Fear of Talking Heads*, A/c Adayr P. André, Rua Capitão Guedes, CEP 88870, Orleans — SC

David Bowie *Bowie Pin-Ups*, Rua Sete de Setembro, 262, CEP 13330, Indaiatuba — SP

Cazuza *Fã Clube Cazuza*, Rua Felipe Camarão, 210/401, CEP 90000, Porto Alegre — RS

Duran Duran *Union of Duran Duran*, Rua Ouvidor Portugal, 807, CEP 01551, São Paulo — SP

Camisa de Vênus *Fã-Clube Camisa de Vênus*, Avenida Santo Amaro, 2108, casa 17, São Paulo — SP



IGGY POP
THE IDIOT (1977)

Uma escolha insegura. Afinal, os dois LPs com os Stooges são punk puro sete anos antes dos Sex Pistols. *Raw Power* (72) é uma escarrada anfetaminada na cara do flower power. O semipirata *Metallic K.O.* é demência pura. O mundo dos espetáculos não via esse desprezo insolente pelo bem ou pelo "bem" desde as conferências vociferadas por Antonin Artaud, na década de 30. Segundo o Iggy de hoje, 39 anos de idade, talvez não precise mesmo ver de novo. Artaud morreu internado. Iggy foi salvo por David Bowie.

Gravado nos estúdios Hansa (Berlim Ocidental) e do Chateau d'Herouville (Paris), *The Idiot* tem, de fato, uma mão de Bowie além do que gostariam os raros e radicais fãs do Iguana. Na famosa "centena básica", do *New Musical Express* só entrou o posterior, *Lust for Life*. No lançamento, a crítica desceu a lenha, irritada pelo mesmo motivo.

O disco não esconde. "Música composta por Iggy Pop e sua banda, gravado por David Bowie" são os créditos dados na capa, e as oito faixas são atribuídas à parceria Bowie-Pop (ou Jones/Osterberg).

"Sister Midnight" abre, dando o tom e a paisagem gerais do disco: paredes ondulantes montadas à base de guitarras distorcidas e sobrepostas em vários canais, uma ou outra intervenção eletrônica à moda de Brian Eno — com quem Bowie começava a gravar a "trilogia berlinense". Em *Lodger* (79), inclusive — o terceiro da série —, "Sister Midnight" aparece com o título "Red Money" e uma nova letra, feita por Bowie.

Na história da "Irmã Meia-Noite", porém, irrompe o segundo delírio edípico da história do rock'n'roll, tão denso quanto o de Jim Morrison. Em suas "memórias", *I Need More*, Iggy conta a fonte de inspiração. Uma vez, quando quase adolescente, estava começando a se entender com a filha de uma família vizinha, quando seu pai o chamou e o proibiu de chegar perto da garota. "Chamando irmã meia-noite/ sabe, tive um sonho essa noite/ mamãe estava na minha cama/ e eu fazia amor com ela/ meu pai veio me caçar com sua pistola de seis tiros/ chamando irmã meia-noite/ que é que eu posso fazer com os meus sonhos?"

Na seqüência, a música que seria a faixa-título de um LP também antológico, de Grace Jones. "Nightclubbing" poderia ser o hino do vampirismo e das madrugadas viradas em festa, mas tem um andamento lento, quase fúnebre. Iggy se esparrama sobre ele como o crooner que Peter Murphy adoraria ser: "Nightclubbing estamos nightclubbing, andamos como um fantasma/ aprendemos novas danças, como a bomba nuclear".

A faixa seguinte, "Funtime" (título do segundo dos Stooges), faz uma ponta no filme *The Hunger* (*Fome de Viver*) e não só pelo verso "a noite passada, estive no laboratório/ conversando com Drácula e sua turma". Entre ela e "Nightclubbing", a mesma rede de conexões entre diversão e cinismo, que vai avolumando como uma nuvem cinza-chumbo no primeiro lado do disco para baixar a chuva ácida, que vem do outro.

Antes, porém, mais duas faixas. "Baby" sai do tom de lamento para cantar: "Baby, você é tão limpa/ por favor continue limpa/ baby, você é tão jovem/ por favor, continue jovem/ baby, não chore/ nós já choramos". A última o mundo inteiro conhece na gravação de Bowie, que foi hit em 83 (segundo consta, só os direitos autorais de "China Girl" tiraram Iggy de uma situação de penúria eterna). Aqui, ela obedece ao tom do LP, simultaneamente mais lúgubre e mais sóbria que a de Bowie.

O lado B tem apenas três faixas. "Tiny Girls" é uma pérola de romantismo e decepção, com um belo solo de sax do anjo da guarda salvador. Está encravada entre "Dum Dum Boys", um olhar nostálgico para os Stooges, e a tecno-esquizóide "Mass Production". Ambas longas e soturnas, e Iggy bufa com o sopro do demo, mas para se chegar ao oásis de "Tiny Girls" você precisa passar por uma das duas. *J.A.L.*

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Sylos Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Editoria: José Augusto Lemos, José Emílio Rondeau
Executiva: Roberto Wagner Pereira Pereira
Redação: Alex Antunes, Bia Abramo, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Coordenação: Vera Mondin
Chefe de Arte: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Jorge Tortajada
Diagramador: Cleber V. Garcia
Atendimento ao Leitor: César Gianluma
Colaboradores Texto: Alexandre Dines, César Barreto Lima, Jean Yves Neuhville, José Eduardo Mendonça, Leopoldo Rey, Marco Antonio de Menezes, New York; Otávio Perdigão, tradução; Pepe Escobar, Londres; Silvano M. Chelino, Paris. Teo, tradução; Tom Leão. **Fotos:** Claudia Dantas, Claudio Edinger, Cleber Vega Garcia, Fabiana Figueiredo, Geraldo Luis Gomes, Ireneu Barreto Filho, Rui Mendes, Tupã. **Diagramação:** Luiz Fernando de Oliveira Soberano
Diretora Responsável: Lygia de Lima Dona Casa

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
Supervisor: Ricardo Côrte Real, São Paulo
Contatos: Jandir Benetti, Marcia Andrade, São Paulo; e Lidia Camarate (Rio)
Produção Gráfica: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Escritórios. Milão: International Business Centre, Corso Europa, 2, Phone 02 54-56331 e 54 562 2 20 22, Milano, Telex 313585 e 332809. **Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex 23760, Phone 2 2 5990 5993. **Paris:** 33 av. Champs Elysees 2, Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone 42 25 58 65, Telex ABRILPA 660731.
Departamento de Documentação: Dedoc, av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex 01 1 22115

COMERCIAL
Gerente de Promoções: Alfredo Nastari
Supervisores: Valu Pien (São Paulo); Fernando Mendonça (Rio)
Gerente de Circulação: Rogério Casale

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araújo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo. Redação, Publicidade e Correspondência.** [illegible] de São Paulo, CEP [illegible]. **Telegramas.** [illegible] Passagem [illegible] Cep [illegible]. **Rio de Janeiro** [illegible] Cep [illegible]. **Distribuidor em Portugal** [illegible]. **Números atrasados** [illegible]

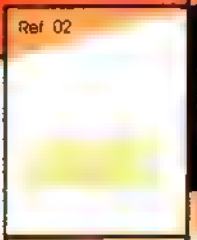
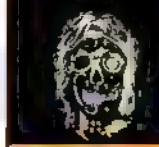
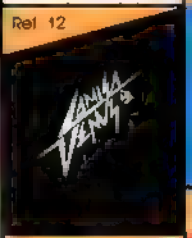
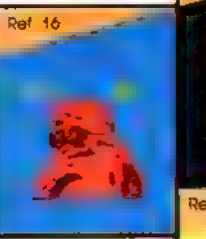
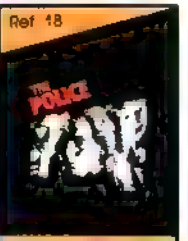
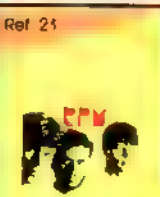
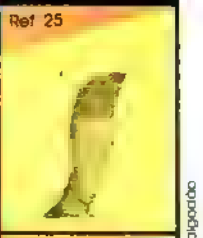
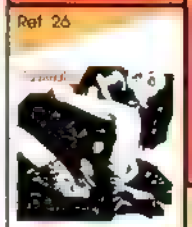
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

ROCK SHIRTS camisetas ®

Peça já! pelo Reembolso postal, camisetas com estampas exclusivas dos maiores grupos e ídolos do rock

Desconto Especial 10%:
Enviando cheque nominal a Rock Shirts
Preencha os valores já descontados os 10%
Cr$ 100,00

Tamanhos P M G

Ref 01
Ref 02 
Ref 03 
Ref 08
Ref 09
Ref 10
Ref 12 
Ref 16 
Ref 18 
Ref 20
Ref 21 
Ref 22
Ref 23
Ref 24
Ref 25 
Ref 26 
Ref 27
Ref 28
Ref 29
Ref 30
Ref 31
Ref 32
Ref 33

Camisetas 100% algodão

Peça já!
Para fazer seu pedido, envie o cupom abaixo preenchido em letra de forma para: Rock Shirts - Av. Corinas, 788 São Paulo - SP cep 04086 ou disque 255.5777 ramal 788
24 horas por dia inclusive sábado, domingo e feriado

NOME
ENDEREÇO
CIDADE BAIRRO EST CEP

A agência do correio vai enviar-lhe um **"aviso"** para buscar sua(s) camiseta(s) e pagar. Leve identidade

REF	COR	TAM.	REF	COR	TAM.

PREENCHA COM LETRAS MAIÚSCULAS OU À MÁQUINA

REEMBOLSO POSTAL
CHEQUE NOMINAL

NOVIDADES BIZZ

REVENDEDOR AUTORIZADO ROLAND
VIADUTO SANTA EFIGÊNIA, 255 - FONE: 228.1600

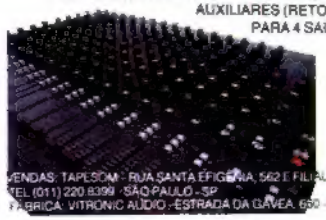
FABRICA: AUDIO ARTS - RUA BATISTA [illegible] EIRA, 90 - TEL (0132) 34 6203 - SANTOS - SP

SERIE MINI-MIXER 8/12/16 CANAIS

ENTRADA: GANHO, 3 EQUALIZADORES, MONITOR, ECO
SAÍDA: STEREO, MONITOR, FONE DE OUVIDO, RETORNO, ECO
MODELOS EM 8, 12 OU 16 CANAIS DE ENTRADA
LINHA DE AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA
VENDAS: TAPESOM

MIXER VITRONIC 1600

ENTRADA: 16 CANAIS COM CHAVE MIC-GANHO, 4 EQUALIZAÇÕES, 3 MANDADOS DE RETORNO, ECO, PAN, SOLO.
SAÍDA: 4 SUB-MASTERS COM ENDEREÇAMENTO 4 MASTERS AUXILIARES (RETORNO), PARA STEREO MIXER PARA 4 SAÍDAS SUB-MASTER E STEREO MIXER.



VITRONIC

VENDAS: TAPESOM - RUA SANTA EFIGÊNIA, 562 E FILIAL
TEL (011) 220 8399 - SÃO PAULO - SP
FÁBRICA: VITRONIC ÁUDIO - ESTRADA DA GÁVEA, 650 - TEL (021) 322 4256 - RJ

DISCOS NACIONAIS E IMPORTADOS
CAMISAS · ADESIVOS
VÍDEOS · BOTTONS
POSTERS

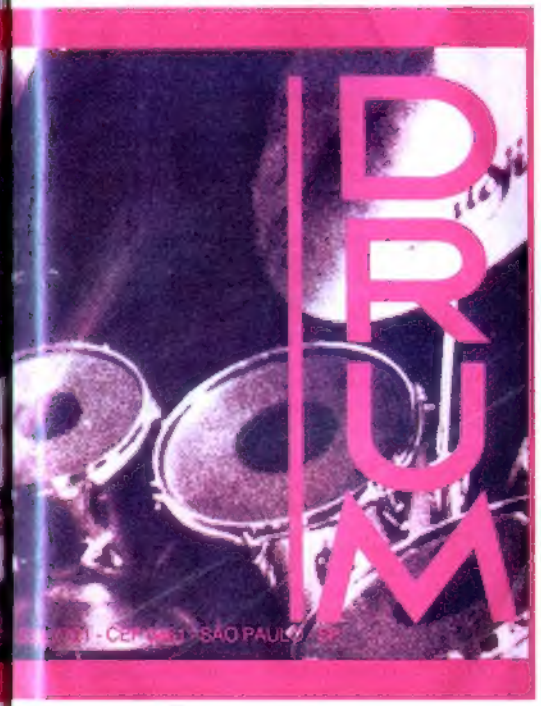
PEÇA CATÁLOGO COM INFORMAÇÕES

JÁ À VENDA LP - VINGANÇA - AZUL LIMÃO

heavy

R. CONDE DE BONFIM, 346 LJ 320 - TIJUCA - RJ - CEP 20520 - TEL (021) 264.2612

R. EDSON, 96 - BROOKL[illegible] FONE [illegible] - CEP [illegible] - SÃO PAULO - SP



SEJA ORIGINAL VISTA

MONSTER CABLE

REPRESENTANTE EXCLUSIVO BOLT shop

R. SANTA CLARA, 99 - COPACABANA - RIO (021) 257.7986

HOBBY-MAR
COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA.

HOBBY-MAR

ARTIGOS NÁUTICOS E PESCA EM GERAL

R. BARTOLOMEU PORTELA, 25A - LOJA P
TEL 541 4648 - 22290 - RJ
AV. ROBERTO CAMELIER, 1926 - BAIRRO JURUNAS
TELS (091) 223 4347/224 9565
TELEX (091) 1426 HEMP BR - 66010 - BELÉM - PA

CASES ESPECIAIS - A EMBALAGEM DEFINITIVA

SOB ENCOMENDA PARA INSTRUMENTOS MUSICAIS, VÍDEO, ÁUDIO PROFISSIONAL, ILUMINAÇÃO, ETC...

NOVA CASE

VENDAS SÃO PAULO - TAPESOM - RUA SANTA EFIGÊNIA, 562 E 169 TEL (011) 220 8399 - 227 3022
FÁBRICA (RIO DE JANEIRO) - NOVA CASE -
RUA ITUVERAVA, 744 JACAREPAGUÁ - TEL (021) 342 3578

TOC DISCOS

ATACADO E VAREJO

RUA SETE DE SETEMBRO, 39 - R.J. - CENTRO
TEL (011) 232 9404 232 6768

"PALMER O SOM SUPERIOR"

DA VARIADA LINHA DE AMPLIFICADORES PARA INSTRUMENTOS MUSICAIS E PARA VOZ, MESAS DE SOM, CÂMARA DE ECO E TECLADOS; DESTACAM-SE O "MAGNUM IV TR-120 GD" E O ÓRGÃO PORTÁTIL COM RITMO "COSMOS XD-2" QUE ACOMPANHA PÉS REMOVÍVEIS E PEDAL DE VOLUME.

palmer

CAIXAS ACÚSTICAS PROFISSIONAIS TAPESOM

CAIXAS ESPECIAIS PARA SHOWS, CINEMAS, TEATROS, MONITORAÇÃO, ETC...
SISTEMAS DE 2, 3 OU 4 VIAS E SINGLE BOX (LANÇAMENTO)
TAPESOM EQUIPAMENTOS DE SOM LTDA
CONSULTE-NOS

tapesom

MATRIZ - RUA SANTA EFIGÊNIA, 562 - TEL (011) 220 8399
FILIAL - RUA SANTA EFIGÊNIA, 169 - TEL (011) 227 3022

EMAGRECER! Uma descoberta: "as calorias negativas"

Agora você pode emagrecer facilmente mesmo que você coma demais...

Alguns alimentos emagrecem!

Todos aqueles que experimentaram perderam peso. Resultados garantidos.

Médicos nutricionistas descobriram que determinados alimentos emagrecem. São alimentos de "calorias negativas". Quanto mais você comer desses alimentos, mais poderá emagrecer. Descubra, em um relatório que você pode receber sem compromisso, quais são estes alimentos. Por que eles emagrecem - e como.

Entrevistamos o Dr. J.P. Santos, autor do livro relatório em questão.

PERGUNTA: Como é que determinados alimentos podem fazer emagrecer?
RESPOSTA: Experiências recentes acabam de demonstrar que inúmeros alimentos especialmente saudáveis e nutritivos (entre os quais determinados legumes e frutas), queimam mais calorias do que as que produzem. desta forma, quanto mais você comer desses alimentos, mais você queimará seus quilos à mais. estes alimentos (de "calorias negativas") são transformados em energia consumida - não em gordura acumulada.
PERGUNTA: Como isto é possível?
RESPOSTA: O poder que os alimentos de "calorias negativas" possuem para "dissolver a gordura" em excesso lhe parecerá evidente assim que você souber como seu organismo acumula a gordura.
Você nasceu com um determinado número de células adiposas. Estas células adiposas incham e se multiplicam quando você engorda. A partir de então seu metabolismo diminui de ritmo e permite que os alimentos sejam armazenados na forma de gordura.
Então, você só pode emagrecer se drenar a gordura para fora de suas células. Você pode fazer isto de três maneiras: suprimir os alimentos ricos em gordura (regime) - fazer exercícios intensivos - ou comer alimentos de "calorias negativas" que queimam a gordura e a drenam para fora de suas células.
É evidente que este último método é de longe o mais fácil, pois não exige nenhum esforço e nenhuma privação.
PERGUNTA: Quantos quilos podemos desta maneira perder por semana?

Agora coma o que quiser, perca seus quilos extras — e permaneça magra para sempre.

RESPOSTA: Se você tiver que perder menos de 10 quilos, perderá em média 2,5 à 3 quilos à partir da segunda semana, e 1,5 a 2 quilos nas semanas seguintes. Se você tiver que perder mais de 10 quilos, você emagrecerá ainda mais rapidamente. Algumas pessoas que tinham que perder mais de 20 quilos, perderam até 6 quilos à partir da segunda semana.
PERGUNTA: É preciso fazer uma espécie de regime - ou é preciso simplesmente acrescentar alimentos de "calorias negativas" à uma alimentação habitual?
RESPOSTA: Você não tem qu seguir nenhum regime, nem mudar absolutamente nada em seu modo de viver. Você pode comer massas, molhos, manteiga, doces, tudo o que quiser. A unicacoisa que você tem que fazer é acrescentar alimentos de "calorias negativas" à sua alimentação habitual... e observar o desaparecimento de seus quilos e "gordurinhas".
PERGUNTA: Quantos alimentos de "calorias negativas" devo acrescentar à minha alimentação habitual?
RESPOSTA: Basta acrescentá-los na proporção de 1/4 de sua alimentação habitual, e retirar 1/4 da sua dieta habitual. Mas você pode ultrapassar esta quantidade, pois quanto mais você consumir alimentos de "calorias negativas", mais rapidamente você emagrecerá.
PERGUNTA: Será fácil conservar meu peso ideal após ter perdido meus quilos excedentes?
RESPOSTA: A maioria das pessoas que emagrecem com regimes, pílulas ou métodos geralmente recuperam os quilos que perdeam. Entretanto, com os alimentos de "calorias negativas" é diferente. Tudo o que você tem que fazer para permanecer magro é acrescentar alimentos de "calorias negativas" à sua alimentação habitual.
PERGUNTA: Quais são os alimentos de "calorias negativas"? Aonde podem ser encontrados?
RESPOSTA: Todos os alimentos de "calorias negativas" são alimentos naturais. Existem vários. Entre eles frutas, legumes e outros alimentos naturais que você encontrará em qualquer supermercado ou na mercearia de seu bairro.
PERGUNTA: Existem provas de pessoas que experimentaram alimentos de "calorias negativas" e que constataram que estes realmente faziam emagrecer?
RESPOSTA: Todas as pessoas que incluíram alimentos de "calorias negativas" à sua alimentação habitual, emagreceram. Eis aqui alguns trechos de cartas que recebemos:
"Eu havia tentado de tudo.
Perdi 16 quilos. Toda a minha vida sofri por ser gorda, e havia tentado de tudo para emagrecer. Os alimentos com calorias negativas foi a única coisa que funcionou para mim. Sinto-me uma nova mulher. Meu marido igualmente perdeu 11 quilos e estamos contentes por termos reencontrado a alegria de viver que não mais conhecíamos".

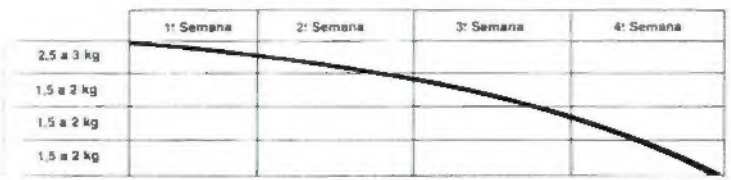
V.L.S.P. e M.P.F.

"Meus quilos supérfluos "derreteram"
Em três semanas perdi os 9 quilos à mais que possuía. Depois não tornei a engordar. Como já havia tentado inúmeros métodos e medicamentos para emagrecer, não acreditava mais nisso. Mas mesmo assim tentei. Agradeço ao céu por isso. Talvez minha experiência possa ser útil à outras pessoas".

M.C.M.

"Pensei que seria gorda a vida inteira
Frequentemente sonhava que havia emagrecido, entretanto todo o que tentei jamais me fez emagrecer. Então, descobri as calorias negativas. Perdi 11 quilos em apenas 3 semanas, e no total 31 quilos, muito mais do que ousava esperar. Meu marido me disse ontem à noite que estou mais bonita do que nunca."

A.R.S.M.



Se você tiver que perder menos de 10 quilos, você perde em média 2,5 à 3 quilos à partir da primeira semana, e 1,5 à 2 quilos nas semanas seguintes. Se você tiver que perder mais de 10 quilos, você emagrecerá ainda mais rapido.

PERGUNTA: Li em uma revista que os alimentos de "calorias negativas" não apenas faziam emagrecer, mas também que igualmente melhoravam a saúde. É verdade?
RESPOSTA: Sim. Os alimentos de "calorias negativas" foram aliás descobertos por médicos nutricionistas durante pesquisas para uma alimentação mais saudável. Quando você acrescenta alimentos de "calorias negativas" à sua alimentação habitual, você emagrece mas também abaixa e normaliza sua taxa de colesterol — o que sempre traz algo mais à sua saúde.
PERGUNTA: Já experimentei cápsulas de lecitina, de abacaxi, métodos, regimes, nada fez com que eu emagrecesse. Por que haveria de ser diferente agora?
RESPOSTA: Porque o processo das "calorias negativas" é natural:

VOCÊ QUEIMA MAIS CALORIAS DO QUE AS QUE ABSORVE.

Porque todos aqueles que experimentaram emagreceram, e porque não há razão para que o que funciona para todos não funcione também para você. Porque o resultado é de tal maneira garantido que pode fazer o teste por nossa conta e sem nenhum compromisso.

Experimente as "Calorias Negativas" sem nenhum compromisso e por nossa conta e decida apenas DEPOIS de ter perdido todos os seus quilos extras se deseja conservar o relatório.

Eis minha proposta

Se você não perder pelo menos 2,5 por semana, devolva o Relatório sobre "Calorias Negativas" antes de 60 dias que lhe enviaremos um cheque no valor de sua compra (menos despesas postais e de reembolso) o mais tardar 9 dias após termos recebido sua devolução. Desta forma, ou você perde PELO MENOS 2,5 quilos por semana até que você tenha atingido seu peso ideal, ou devolvemos seu dinheiro. Isto sem condições e sem que nenhuma pergunta lhe seja feita. Este é um compromisso escrito e formal.

Nenhum risco para você

Você pode então fazer este teste por simples curiosidade pois não se arrisca perder um só cruzado.

Por que ousamos fazer esta oferta

Porque estamos que assim que você tiver perdido os quilos extras, você ficará de tal forma feliz que vai querer conservar o Relatório sobre as calorias negativas.
Porque todos, absolutamente todas as pessoas que adotaram as "calorias negativas" perderam os quilos excessivos que possuíam.
Porque não há motivo para que o que funciona com os outros não funcione também com você.

Só leia isto se você decidiu não fazer este teste

1. Este teste é feito inteiramente por nossa conta. Se você não perder pelo menos 2,5 quilos por semana, basta devolver o Relatório sobre as "calorias negativas" antes de 60 dias. Neste caso lhe enviaremos um cheque no valor de sua compra o mais tardar 9 dias após termos recebido sua devolução. Isto sem condições e sem que nenhuma pergunta lhe seja feita.
2. Você come quanto quiser, tudo o que quiser. Basta simplesmente acrescentar 1/4 de alimentos com "calorias negativas" à sua alimentação habitual.
3. É você quem decide se deseja conservar o Relatório ou se prefere devolvê-lo para ser reembolsado. Você pode inclusive devolver o Relatório após ter perdido todos os seus quilos à mais. Mas não acreditamos que você faça isto.
4. Agora você tem a possibilidade de mudar sua vida e aparência sem fazer regime. Tanto faz se você tem estes quilos extras há muito ou pouco tempo. Todos aqueles e aquelas que tentaram os alimentos com "calorias negativas" emagreceram. Eles TÊM que fazer com que você emagreça... ou isto não lhe terá custado um cruzado sequer.
Se você não deseja emagrecer por você mesmo(a), faça isto por seu marido (esposa), por seus filhos... e por sua saúde!

Como receber rapidamente este Relatório?

RESPOSTA: As pessoas que tiverem muita pressa podem telefonar para (011) 815-7822. Peça simplesmente o Relatório "calorias negativas". Caso contrário, recorte e envie agora mesmo o cupom abaixo.

Última hora!

A presente edição do Relatório sobre as "calorias negativas" corre o risco de se esgotar rapidamente, e a próximas edição só sairá do prelo daqui à aproximadamente 2 meses. Se você quiser ser atendido (a) imediatamente para aproveitar ainda a atual edição, envie o cupom ao lado AGORA. Assim você não corre o risco de esquecer.

NOTA

Efetuamos um teste pessoal com 6 pessoas de nosso conhecimento. Cada pessoa perdeu os quilos que desejava perder. As "calorias negativas" realmente emagrecem.

BRINDE SURPRESA

Se você enviar o cupom abaixo acompanhado de cheque ou vale postal, receberá além da encomenda, um lindo trevo de 4 folhas banhado a ouro 24 quilates.

Este Relatório não é vendido em livrarias. A única maneira de obtê-lo é enviando o cupom abaixo, ou comprando-o diretamente em nossa loja aberta de 2ª a 6ª feira no horário comercial.

Centro Franco Brasileiro de Venda Direta ao Consumidor
Rua Cardeal Arcoverde, 1557 - CEP 05407
São Paulo - SP.

CUPOM PARA UM TESTE GRATUITO E SEM RISCO

a ser enviado ao Centro Franco Brasileiro
ou peça pelo telefone:
(011) 815-7822

Anote aqui
Data de Hoje: .....
Seu peso atual: .....
Sua altura: .....

Sua oferta para um teste inteiramente por sua conta me interessa. Fica entendido que:
1. Devo perder pelo menos 2,5 quilos à partir da segunda semana.
2. Devo continuar a perder PELO MENOS 2,5 quilos por semana até perder todos os meus quilos extras.
3. Não há absolutamente nenhum regime que deva ser seguido — e poderei comer "à vontade".
4. Dispondo de 3 meses de garantia para constatar que todos os meus quilos supérfluos desaparecem... e NÃO VOLTAM MAIS.
5. Caso eu não fique completamente satisfeito (a) devolverei o Relatório à qualquer momento durante o período de teste de 90 dias. Neste caso não terei que dar nenhuma explicação, nem que preencher nenhuma condição — e receberei um cheque no valor de Cz$ 187,00 o mais tardar 9 dias após terem recebido minha devolução. Sob esta garantia formal queiram enviar-me sua embalagem discreta e sem marcas externas:
1.005.8 - Relatório "As Calorias Negativas"
pelo (s) qual (is) estou enviando:
[ ] cheque [ ] vale postal
no valor de Cz$ 187,00 + Cz$ 10,80 para as despesas de remessa, ou seja, um total de Cz$ 197,80.
[ ] prefiro pagar ao retirar no correio de minha cidade (reembolso postal), ao preço de Cz$ 212,00 mais o valor das despesas de remessa.

Nome: .....
Rua: ..... N.: .....
Complemento: .....
Cidade: ..... Est.: .....
CEP: ..... Data nasc.: .....
Hora: ..... Sexo: ☐F ☐M

OS LEITORES DE Claudette Poodle ©

& SUA POLAROID

"Como leitor assíduo desta revista, não posso permanecer calado diante de tanta besteira que essa tal Claudette Poodle escreve. Se é para abrir uma coluna de fofocas, por que não colocam o Giba Um ou o Ibrahim Sued?"
Assis Lúcio Pires, Tereza Catarina Lobato, Luiza Helena Lobato e Valter A.S. Sampaio (Icoaraci-PA)

"Oi, Claudette, tudo OK? Li sua referência à carta da Andréa Sarcinelli e morri de inveja por ainda não ter-lhe escrito."
Iwoneide M. Cavalcanti (Penedo-AL)

"Claudette Poodle, a babacona... Será que ela anda com um dicionário no meio das pernas?"
Cyro Capello Jr. (São Paulo-SP)

"Desde que começou sua participação na BIZZ, Claudette Poodle sempre nos brindou com suas hilariantes e certeiras declarações. Bendito veneno!!!"
Plautino da Silva Gomes (Nova Iguaçu-RJ)

"Acho uma baixaria o que ela vem dizendo de certos grupos, principalmente o RPM..."
Luciane C. Wagner (Osório-RS)

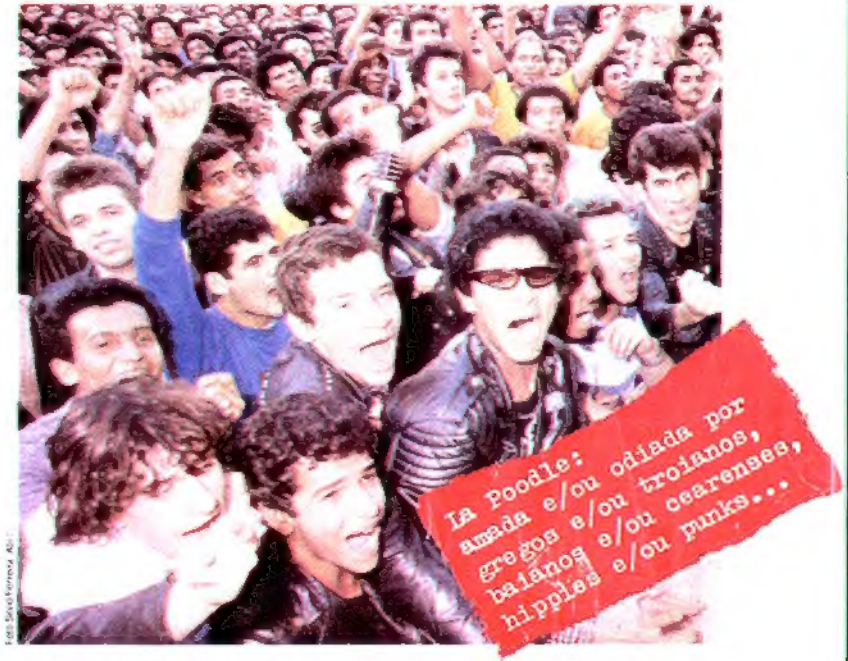
"Estou com a Claudette e não abro."
Rosália A. Evaristo (Carapicuíba-SP)

"Fiquei profundamente indignada com a página da sra. Claudette, em que ela dispara sua linguinha contra o vocalista do Zero (é esse o nome do grupo, viu?)."
Cláudia Galante (Rio de Janeiro-RJ)

"Venho, por meio desta, manifestar o meu total apoio a Claudette Poodle no que diz respeito a um grupelho chamado 'nota zero', ou será 'estaca zero'?... Não contente em gralhar suas próprias músicas, ainda insiste em estragar a dos outros: Bryan Ferry, Beatles e a do ótimo Finis Africae, que ele chama de 'filhotes do Zero'!"
Solange Nunes F. Silva (Niterói-RJ)

"Cara Claudette, eu acho que já está na hora de pararem de puxar o saco do RPM... Agora, falar mal do Zero já é dose! Se compararmos os dois grupos, o Zero põe o RPM no bolso!!! Só analise o Paulo Ricardo e o Rick Villas-Boas no baixo. O rapaz do 'estaca zero' come o 'menudo tupiniquim'!"
William S. Moreira (São Paulo-SP)

"Prezada Claudette Poodle, para começar, quero te dizer que gostei muito do pequeno artigo que você escreveu sobre aquele bicha do Paulo Ricardo... Uma admiradora do seu trabalho."
Elizabete L. Shiobara (São Paulo-SP)



MÊS QUE VEM NA BIZZ

TEM: EXCLUSIVAS COM *CYNDI LAUPER*, *LAURIE ANDERSON* E *EVANDRO* ↯
PAULO RICARDO ENTREVISTA *DAVID BYRNE* ↯
POP BAIANO ↯ A HISTÓRIA DOS *MUTANTES* ↯
CRÍTICOS E MÚSICOS ELEGEM
OS MELHORES DE 86

ARTISTA EXCLUSIVO PolyGram

POLICE DÁ UMA GERAL!

O LP "EVERY BREATH YOU TAKE", UMA GERAL QUE O POLICE DÁ EM SUA CARREIRA,ESTA SENDO MAIS PROCURADO DO QUE ATLÂNTIDA E CARLOS "O CHACAL" JUNTOS. NÃO É À TOA. ALÉM DE UM REPERTÓRIO ESCOLHIDO PESSOALMENTE POR STING, STEWART COPELAND E ANDY SUMMERS, A REGRAVAÇÃO DE DON'T STAND SO CLOSE TO ME (EM'86), JÁ VIROU CASO DE POLÍCIA.

QUEM NÃO CORRER VAI DANÇAR!

ROXANE • CAN'T STAND LOSING YOU • MESSAGE IN A BOTTLE • WALKING ON THE MOON • DON'T STAND SO CLOSE TO ME '1986 • DE DO DO DO DE DA DA DA • EVERY LITTLE THING SHE DOES IS MAGIC • INVISIBLE SUN • SPIRITS IN THE MATERIAL WORLD • EVERY BREATH YOU TAKE • KING OF PAIN • WRAPPED AROUND YOUR FINGER

PolyGram